

Revista de *Sistematização*

**“Jovens gerando renda
na Agricultura Familiar”**



**Solidariedade
e Educação**

Um pouco da história da FASE

A FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – foi fundada em 1961. Organização não governamental, sem fins lucrativos, de caráter educacional, beneficente, e de assistência social, atua hoje em 6 estados, com sede nacional no Rio de Janeiro. Desde sempre comprometida com organização popular e desenvolvimento local. Nos anos 1960, a FASE trabalhou com associativismo e cooperativismo, mas o golpe de 1964 impôs redefinições. A resistência à ditadura e a formação das oposições sindicais e movimentos comunitários passaram a ser o foco. Nos anos 1970, apoiou movimentos populares que enfrentaram a carestia, e as desigualdades econômicas e sociais. Teve presença junto ao campesinato no norte do Brasil; trabalhadores rurais do nordeste; operários da construção civil e das indústrias metalúrgicas do sudeste; e associações de moradores no país. Formando centenas de lideranças e apoiando-as em suas reivindicações, a FASE chegou aos anos 1980 participando do processo de fortalecimento da organização e das lutas populares que levou à anistia, à constituinte e às eleições diretas. Para aprofundar a transição democrática dos anos 1980 e 90, a FASE qualificou metodologias educativas voltadas para o controle popular e a participação da cidadania na promoção e defesa de direitos, e nas políticas públicas. O desenvolvimento social e ambientalmente sustentável, as lutas de movimentos de mulheres, afrodescendentes e indígenas, bem como, a exigibilidade de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais, marcam sua atuação no enfrentamento das desigualdades.

De 2000 em diante, a FASE integra redes, fóruns e plataformas, visando derrotar políticas de caráter neoliberal. Promovendo princípios e produzindo conhecimentos, a FASE executa projetos, e faz parcerias com universidades.

Missão

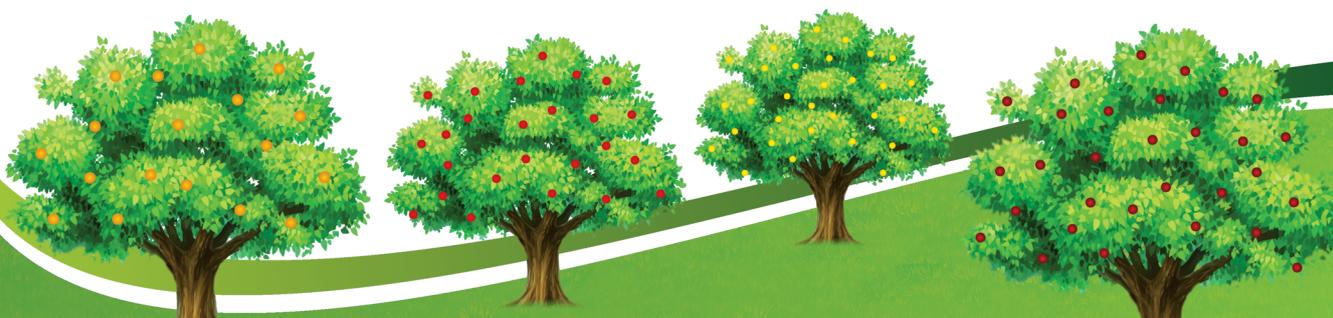
Contribuir para a construção de uma sociedade democrática e atuante em favor de alternativas ao modelo de desenvolvimento vigente, com justiça ambiental e universalização de direitos sociais, econômicos, culturais, ambientais, civis e políticos, como condições iniciais para a inclusão de grande parcela da população do país ainda em condições de desigualdade, pobreza e discriminação.

Objetivos

Avançar na construção de um campo político crítico ao projeto desenvolvimentista dominante, de modo a contribuir na disputa coletiva por um Brasil fundado na democracia substantiva e na sustentabilidade sócio-ambiental.

Causas

O plano trienal 2014-16 organiza a atuação da FASE em quatro causas, integrando suas equipes, e possibilitando leitura global das questões e impasses gerados pelo modelo de desenvolvimento adotado no Brasil. As Causas são: Direito à Cidade com Justiça Socioambiental; Promoção da Soberania, da Segurança Alimentar e Nutricional e da Agroecologia; Promoção da Justiça Ambiental, defesa dos Bens Comuns e dos direitos territoriais; e Organização de mulheres como sujeitos de direitos.



Expediente

Esta publicação é parte do “Projeto Jovens gerando renda na agricultura familiar” - Contrato de Patrocínio n.º 6000.0083329.13.2 Petrobras / FASE Bahia; executado entre agosto de 2013 e agosto de 2015. Sua elaboração e conteúdo são de inteira responsabilidade da FASE Bahia.

Coordenação da FASE Bahia:

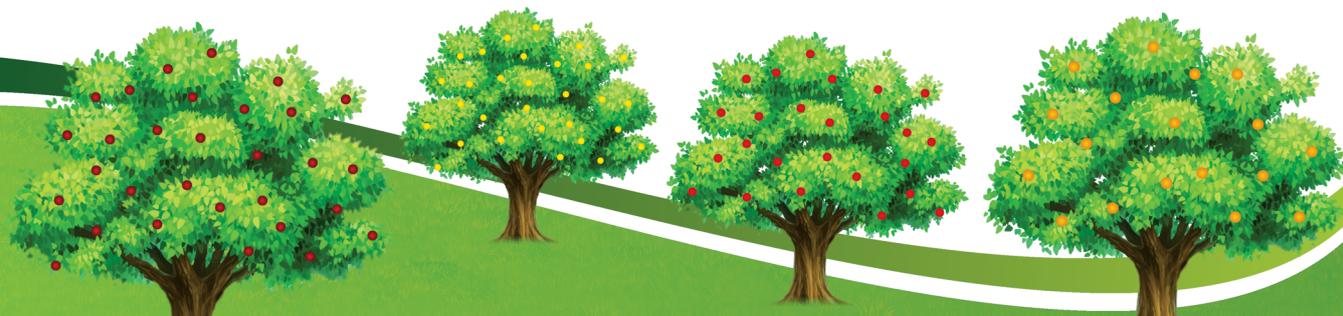
José Orlando Caldas Falcão; Paulo Roberto Demeter (educadores populares)
Coordenação Administrativa e Financeira: Joelma Araújo da Cunha
Coordenação Executiva: Fernando Ferreira Oiticica
Equipe Técnica Estadual: Nadilton Almeida de Andrade; Rosélia Batista de Melo; Veronice Santos Sousa.
Auxiliar de Escritório: Katiúscia da Silva Santos

Entidades parceiras da FASE Bahia que contribuíram para a execução desta experiência

Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Presidente Tancredo Neves
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Laje
Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Mutuípe
Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de São Miguel das Matas
Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Jiquiriçá
Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Ubaíra
Central de Associações da Agricultura Familiar de Valença- CAAF
Pólo Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Região de Amargosa
FETRAF Bahia

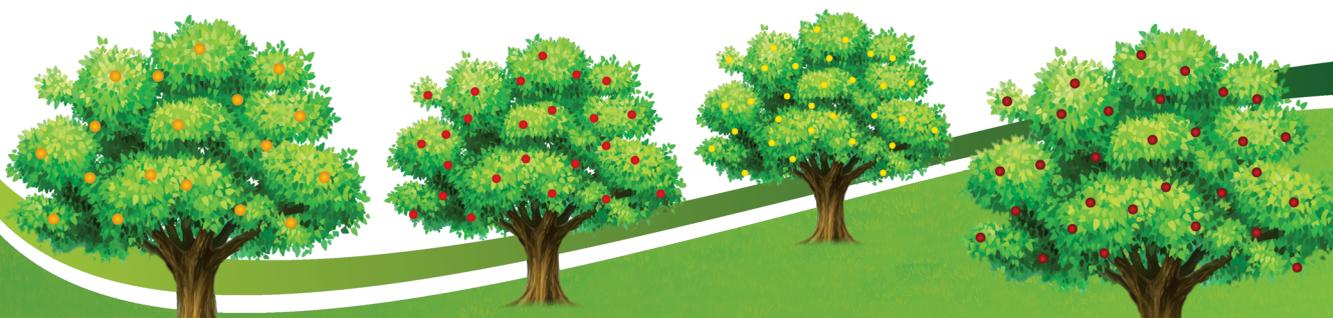


Endereço da sede em Salvador
Rua General Labatut, 78 – Barris;
CEP 40070-100 – SALVADOR – BA
Telefone: (71) 3328-1083. Correio eletrônico: faseba@gmail.com
Página na Internet: www.fase.org.br
Página na Internet dedicada a este projeto: <http://faseb3.wix.com/faseba-provisorio>
Escritório em Mutuípe - Ba.
Rua Santo Antonio, 26. Bairro Santo Antonio.
CEP: 45.480-000 – Mutuípe – BA.



Sumário

Apresentação	5
Fortalecendo a Agricultura Familiar.....	6
Os 7 municípios onde se atuou.....	10
Aprendendo com a própria caminhada	12
Reconhecendo a importância das parcerias	13
Jovens gerando renda na Agricultura Familiar	22
Depoimentos e entrevistas.....	28
Falam dirigentes das entidades sindicais.....	29
Jovens comentam suas experiências	35
Relação de jovens participantes	73



Nossa homenagem às mulheres e homens que construíram o movimento sindical dos trabalhadores na Agricultura Familiar no Baixo Sul, e no Vale do Jiquiriçá.

Milhares de famílias se instalaram na região, conseguindo sobreviver como agricultores, impedindo a ampliação dos latifúndios e suas monoculturas que tanto marcam a paisagem da Bahia, e do Brasil.

Ocupando áreas em pequenos lotes, com relevo acidentado, e sem infraestrutura pública, essas famílias formaram comunidades, e se dedicaram a diversos tipos de plantios e criações. O poder público jamais reconheceu a importância social, econômica, cultural, ambiental, e política da Agricultura Familiar.

As políticas públicas eram inexistentes, e quando existiam, sua qualidade era muito ruim. Acesso à saúde, educação, previdência social, saneamento e habitação, transporte e energia elétrica eram extremamente difíceis. As condições de vida das famílias agricultoras eram precárias, cheias de dificuldades.

Embora isoladas, as famílias encontraram meios de se informar, aumentaram as trocas de experiências sobre problemas vivenciados, e tiveram acesso a novos conhecimentos que lhes permitiram entender as causas de suas dificuldades. Amadureceram a consciência coletiva do direito a ter direitos.

Ativistas das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica apoiaram este processo de organização que viabilizou a criação, funcionamento e consolidação de sindicatos de trabalhadores rurais, culminando com a fundação do Polo Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Região de Amargosa, em 1989.

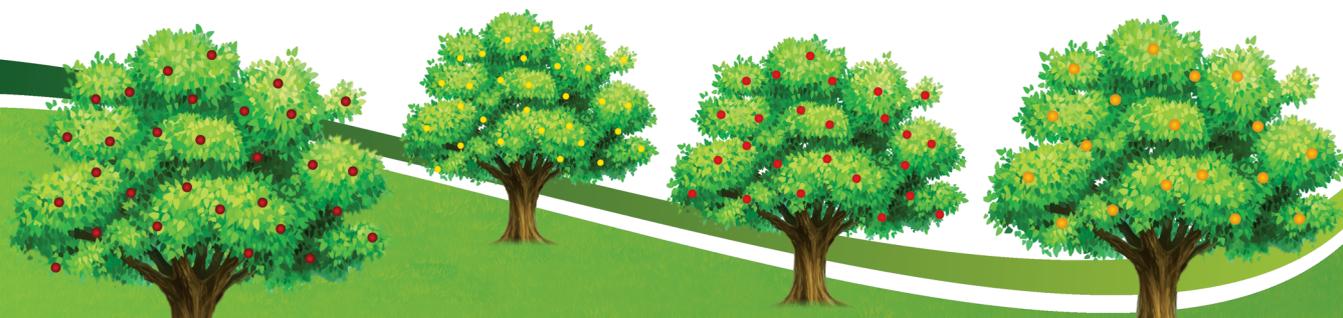
Nos anos 1990, esses sindicatos se engajaram na construção da CUT – Central Única dos Trabalhadores. Fortalecendo lutas em defesa de direitos, e pela melhoria de sua qualidade vida enquanto agricultores familiares, se somaram na criação da FETRAF Bahia em 2004.

O trabalho da FASE jamais teria alcançado a dimensão conquistada, sem a parceria e participação das associações comunitárias, sindicatos, Polo Sindical, e FETRAF.

A FASE presta homenagem à memória dos homens e mulheres que construíram o movimento sindical dos trabalhadores rurais e da Agricultura Familiar, lançando sementes que germinaram e vem dando frutos. Esses jovens agricultores familiares que se engajaram nas ações protagonizadas pela FASE, são exemplos vivos de um trabalho que começou décadas atrás, quando militantes percorriam ramais, muitas vezes a pé, promovendo pequenas reuniões de esclarecimento, estimulando as pessoas a conhecerem seus direitos, e a se organizarem para lutar em defesa de dias melhores.



Manifestação de Primeiro de Maio, convocada anualmente pelo Polo Sindical, e realizada a cada vez, em diferentes municípios do Vale do Jiquiriçá, e do Baixo Sul.



Apresentação

Esta revista é mais uma etapa na caminhada assumida pela FASE Bahia, de contribuir para o fortalecimento da Agricultura Familiar, enquanto ator político, e sujeito de direitos.

Este fortalecimento passa pela promoção da inclusão social, econômica, política e cultural de jovens, pois serão eles os responsáveis pela manutenção, ampliada e qualificada, das potencialidades inerentes à Agricultura Familiar. Viabilizar melhores condições para que jovens agricultores tenham acesso à renda, sem degradar o meio ambiente e nem explorar seus semelhantes, gerando valor a partir de seus conhecimentos, trabalho e recursos existentes em suas propriedades familiares, faz parte do conjunto de ações que soma para a defesa e promoção da Agricultura Familiar.

A construção de um Brasil socialmente mais justo, economicamente viável e ambientalmente sustentável, exige a criação de condições mais favoráveis à continuidade da existência, e fortalecimento da Agricultura Familiar.

A Agricultura Familiar representa uma alternativa de desenvolvimento que se contrapõe ao latifúndio e suas monoculturas. É na prática cotidiana de centenas de milhares de famílias agricultoras que afloram experiências de convivência sustentável com diversos biomas; de conservação dos recursos da agrobiodiversidade; de promoção de tecnologias ambientalmente mais sustentáveis e socialmente inclusivas. O alimento saudável e diversificado que ainda está disponível para os milhões de brasileiros já urbanizados, depende cada vez mais da existência da Agricultura Familiar.

Por isso, experiências como esta que a FASE Bahia e seus parceiros construíram desde 2011, e que agora é sistematizada e disponibilizada nesta revista, merece ser lida e avaliada com a devida atenção e cuidado, por parte de todos aqueles que também se dedicam à construção de alternativas de desenvolvimento centradas na promoção e defesa dos direitos das maiorias.

O que se registra aqui, priorizando os trabalhos

feitos nos últimos 24 meses que se encerram em agosto de 2015, não é uma receita, muito menos um auto elogio. Trata-se sim, de um esforço coletivo de registrar os pressupostos que orientaram as ações; descrevendo os passos dados em quais circunstâncias exatamente, revelando-se os êxitos e reveses identificados. Esta sistematização quer socializar conhecimentos, e está aberta à leituras críticas, questionamentos e apresentação de sugestões por parte dos leitores.

A leitura desta revista fica ainda mais esclarecedora com a consulta do material alusivo à primeira etapa deste projeto que se encontra disponível em http://issuu.com/fasebahia/docs/revista_de_sistematiza_o_-_fase_bahia?e=6815866/1200994

A FASE Bahia expressa seus mais sinceros agradecimentos a todas e todos que participaram desta trajetória, especialmente aos integrantes de sua equipe de trabalho, aos dirigentes e ativistas das entidades associativas e sindicais parceiras desta experiência, e aos jovens agricultores e suas famílias que a tornaram realidade.

Boa leitura!



http://issuu.com/fasebahia/docs/revista_de_sistematiza_o_-_fase_bahia?e=6815866/1200994

Fortalecendo a Agricultura Familiar

A FASE elabora e procura atualizar, à luz de sua própria prática, diagnósticos sócio ambientais das regiões onde concentra suas intervenções, de maneira a qualificar a implementação de suas ações e dar coerência às suas escolhas institucionais. A opção pelo fortalecimento da Agricultura Familiar é indissociável da definição pela concentração geográfica da FASE Bahia, nos territórios do Baixo Sul, e do Vale do Jiquiriçá; e se coaduna com a causa da “Promoção da Soberania, da Segurança Alimentar e Nutricional, e da Agroecologia” um dos pilares do planejamento nacional da entidade.



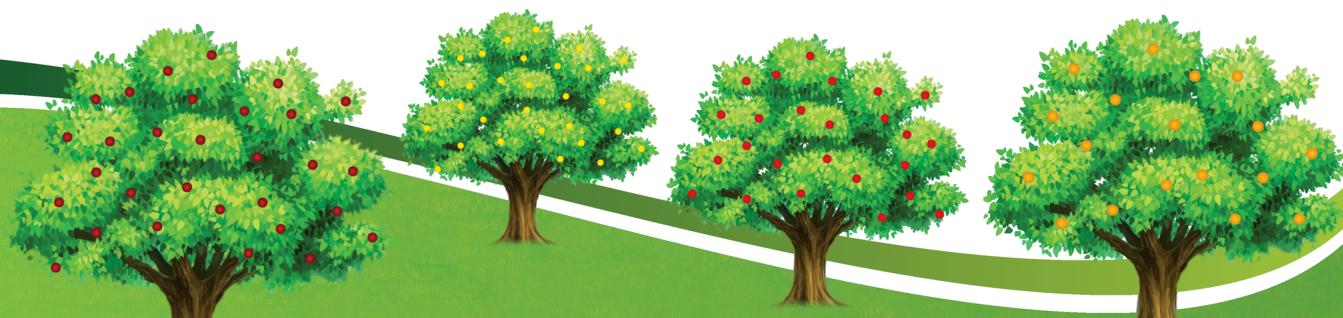
Na Bahia, se localizam 15% dos estabelecimentos agrícolas classificados como familiares do país¹. Dos 761.528 estabelecimentos agropecuários existentes no estado, 665.831 (87,43%) foram classificados como familiares, ocupando apenas 34,11% da área, mas garantindo 80,9% das ocupações (1.881.811 pessoas). Apesar disso, somente 49.597 das propriedades familiares (7,44%), recebiam algum tipo de financiamento². A Agricultura Familiar responde por 76% da população economicamente ativa no campo, revelando-se como a principal oportunidade de trabalho. Entretanto, verifica-se que pobreza, falta de terra, e minifundiarização se somam para impedir melhor qualidade de vida para a grande maioria deste contingente populacional. Mais de 60% das famílias não têm documentação definitiva de titularidade da terra em que vivem e trabalham; e 57,3% das famílias agricultoras têm áreas de terra menores do que 10 ha, cada uma. Dados do IBGE revelam que 73% das famílias têm renda bruta anual menor do que R\$ 6.000,00 e 46% das famílias são classificadas como pobres, pois têm renda per capita menor do que R\$ 140,00 mensais; e 18% delas são identificadas como extremamente pobres, pois sequer conseguem alcançar renda de R\$ 70,00 per capita / mês³. **Portanto, criar, apoiar e consolidar alternativas sustentáveis de geração de trabalho e renda para este setor, com atenção redobrada para a inclusão de jovens, são ações prioritárias para a FASE Bahia, dentro de sua estratégia geral de fortalecimento do sujeito coletivo Agricultura Familiar.**

Jovens participando de Dia de Campo sobre métodos alternativos de convivência com pragas e doenças, em comunidade de Presidente Tancredo Neves.

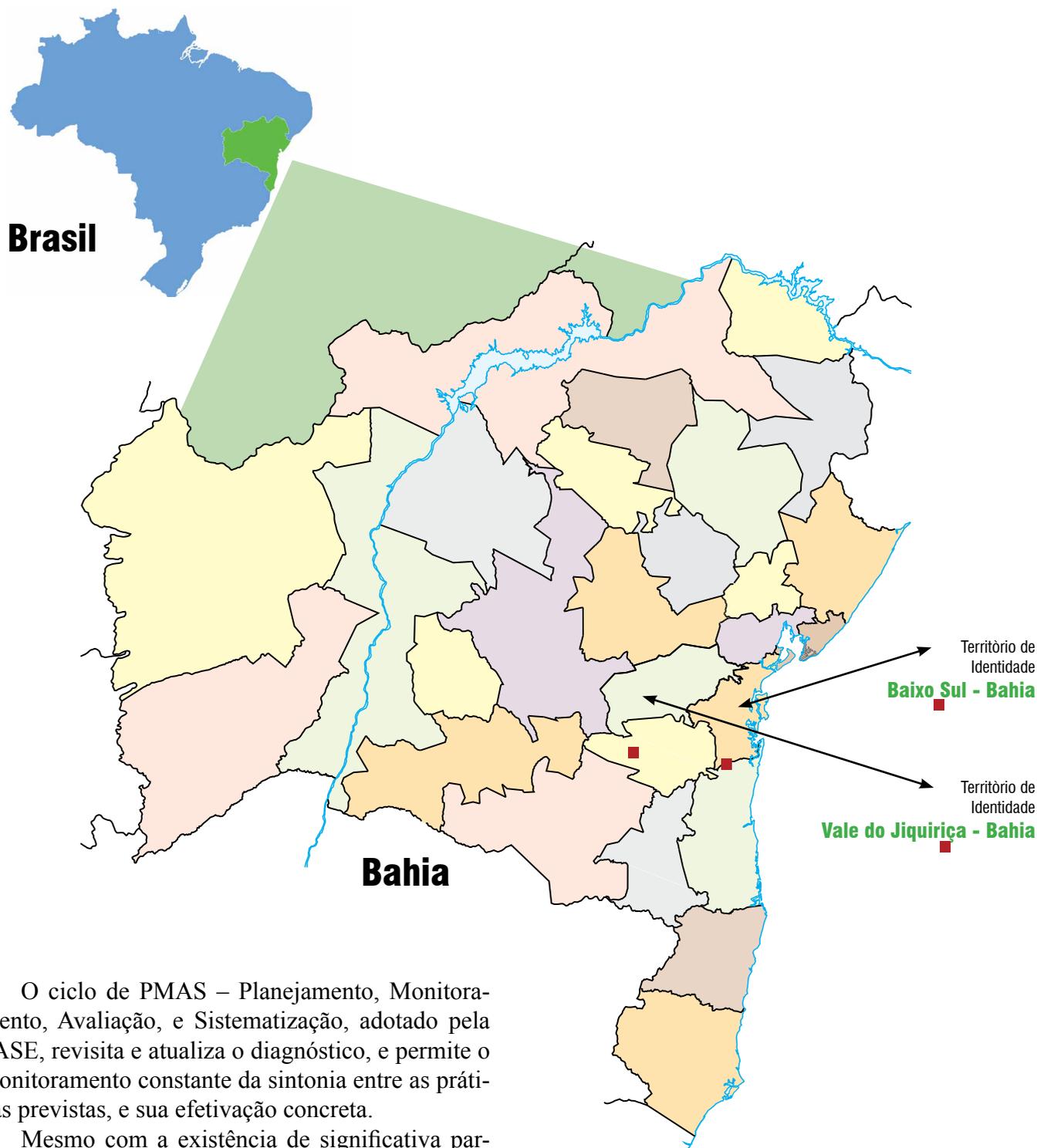
¹O conceito de agricultor familiar está previsto na Lei federal nº 11.326/2006.

²M.P.O.G. – IBGE. Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar Primeiros Resultados Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação.

³Dados compilados pelo FBAF – Fórum Baiano da Agricultura Familiar, a partir dos Censos Demográficos 2010; e Agropecuário 2006 - IBGE. O documento foi apresentado pelo FBAF ao Governo da Bahia, em março de 2012.

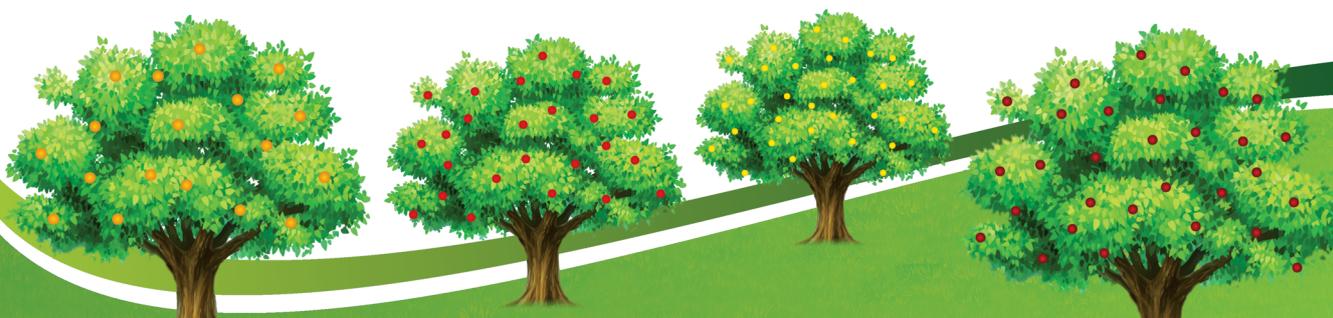


Localização dos territórios onde a FASE atua



O ciclo de PMAS – Planejamento, Monitoramento, Avaliação, e Sistematização, adotado pela FASE, revisita e atualiza o diagnóstico, e permite o monitoramento constante da sintonia entre as práticas previstas, e sua efetivação concreta.

Mesmo com a existência de significativa parcela da população vivendo e trabalhando como agricultores familiares, o Baixo Sul, e o Vale do Ji-



quiriçá também apresentam situações de desigualdade que conformam a principal característica da sociedade brasileira. E a FASE se soma aos demais atores sociais que buscam alternativas de redução e superação das causas dessas desigualdades.

A grande maioria das famílias agricultoras nos 7 municípios, vive em situação de pobreza (insuficiência de renda; deficiência de conhecimentos; debilidade de organização), e vulnerabilidade social (não consegue acessar plenamente bens e serviços que deveriam ser provisionados por políticas públicas; tem pouca disponibilidade de terra para se reproduzir) Jovens e particularmente mulheres jovens, são atingidos por bloqueios relacionados ao reconhecimento da importância e à valorização de seu trabalho na unidade familiar, e pela violação de direitos ligados à sua condição.

Essa desigualdade vem acompanhada pelo estágio insuficiente de organização das cama-

riedade na inserção de jovens no mercado de trabalho, especialmente de jovens agricultores familiares, é indicativa da desigualdade de oportunidades e de acesso a direitos prevalente na sociedade brasileira.

O diagnóstico da Agricultura Familiar da Bahia é um processo permanente, ao qual a FASE e seus parceiros do movimento sindical vêm dedicando esforços contínuos que resultam tanto na identificação dos problemas e investigação de suas causas e consequências, como na elaboração, proposição, e experimentação de alternativas que visem à superação das dificuldades detectadas.

Os anos de intervenção educativa da FASE na re-



O trabalho de mulheres na Agricultura Familiar se dá tanto na produção em campo, como nas extensas jornadas de cuidado das crianças, idosos, preparo da alimentação, e na manutenção da casa.

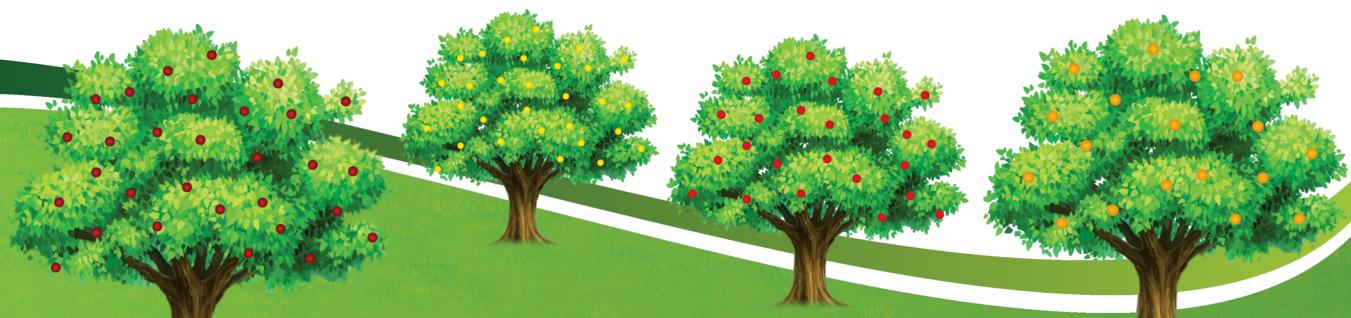


Atividades desenvolvidas pela FASE, com famílias agricultoras em comunidades.

das populares, e pela ausência de condições de exercício da autonomia na definição de um projeto de desenvolvimento soberano, socialmente incluyente, ambientalmente sustentável, e economicamente viável. A exclusão ou pre-

gião, aliado ao diálogo com entidades parceiras representativas da Agricultura Familiar, permitiram consolidar o entendimento de que jovens agricultores familiares do Baixo Sul, e do Vale do Jiquiriçá, compartilham de toda a problemática que caracteriza o setor:

- minifundiarização e dificuldades de acesso à terra;
- entraves logísticos e legais à comercialização de sua produção;
- legislação sanitária proibitiva emperrando processos de beneficiamento e agregação de valor à produção, principalmente produtos de origem animal;



- masculinização e envelhecimento da população rural;
- endividamento bancário;
- insuficiência, má qualidade, ou ausência de políticas públicas específicas;
- ameaças causadas pelo avanço do agronegócio e suas monoculturas;
- contaminação crescente pelo uso indiscriminado de agrotóxicos;
- dependência de insumos e pacotes tecnológicos externos à propriedade e que causam degradação ambiental.

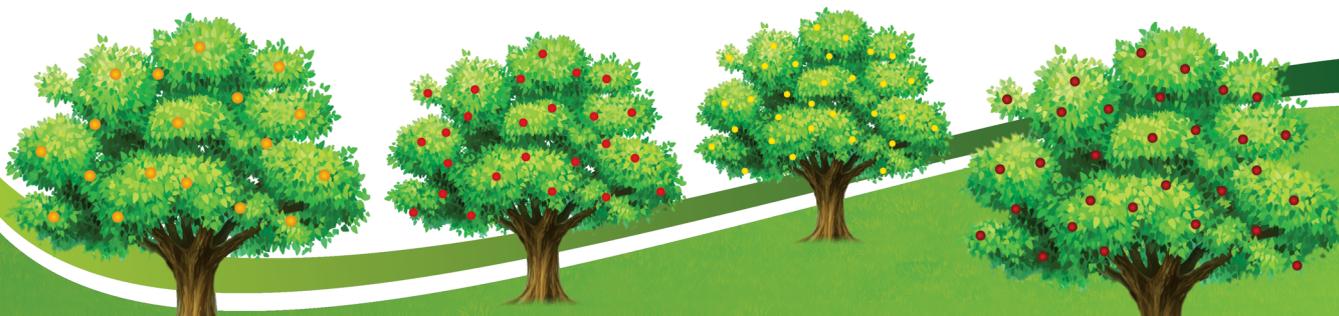
Mas os jovens enfrentam desafios bem maiores para se reproduzirem socialmente, conquistarem autonomia econômica, inclusão social, e expressão política. Ativistas e dirigentes comunitários e sindicais perceberam que as juventudes rurais têm participação

expressiva na migração campo-cidade. Junto com a FASE partilham do entendimento de que a perda da identidade compromete a reprodução da Agricultura Familiar enquanto setor econômico, e alternativa de desenvolvimento. Já se incorporou também a percepção de que as jovens mulheres tem sido a maioria no contingente dos que migram para as cidades, em busca de trabalho e renda.

Neste contexto, a FASE e seus parceiros não só perceberam os fatos, como intensificaram a busca por medidas concretas de enfrentamento da problemática. Elegeu-se como prioritário planejar e implementar ações de inclusão sócio produtiva no enfrentamento da pobreza rural, ações estas que estimulem e viabilizem a permanência inteligente do jovem agricultor familiar no campo, dando especial atenção para as mulheres jovens.



Atividade de assessoria técnica da FASE com jovens participantes do projeto.



Os 7 municípios em que se atuou

Inseridos no bioma da Mata Atlântica, os municípios de Presidente Tancredo Neves; Valença⁴; Laje; São Miguel das Matas; Mutuípe; Jiquiriçá; e Ubaíra; totalizaram 200.518 habitantes, em 2010. Deste total, 46,67% vivem na área rural, majoritariamente como agricultores familiares. São municípios com densidades demográficas inferiores a 100 hab/km² o que os qualifica como essencialmente rurais. A incidência da pobreza se revela pela existência, em 2010, de 48,24% dos domicílios com renda mensal inferior ao valor de 1 (um) Salário Mínimo. Outro dado relevante é que 54,22% das famílias eram cadastradas no Programa Bolsa Família, e 44,56% recebiam o benefício, pois tinham renda per capita mensal inferior à R\$ 137,00 naquele

ano. O Censo Agropecuário de 2006, revela que o tamanho médio dos estabelecimentos agropecuários nesses 7 municípios é de 11,97 ha. A minifundiarização vem avançando⁵. Tais dados corroboram a experiência da FASE na intervenção educativa feita nesses municípios, onde se verifica que o acesso à terra, em quantidade suficiente, é uma dos problemas mais prementes⁶. Daí a necessidade de se buscar alternativas de elevação de renda, adotando-se sistemas de produção sustentáveis que preservem recursos naturais, aproveitem a força de trabalho da unidade familiar, bem como, construam a independência em relação a insumos externos à propriedade, e viabilizem ampliação da soberania e da segurança alimentar dessas famílias.

Quadro 1 - Indicadores demográficos e de acesso à renda dos 7 municípios

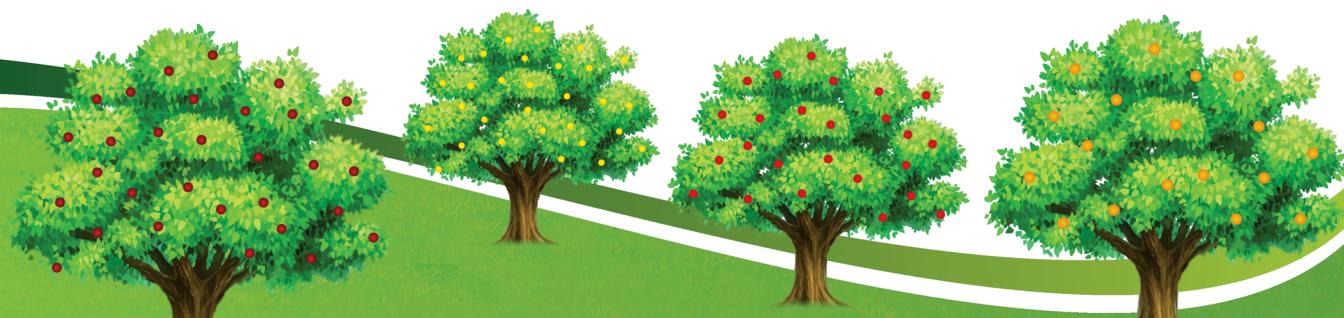
Município	Superfície Territorial (km ²)	População Total ⁷	Urbana	Rural	Nº total de domicílios ⁸	Nº de domicílios renda < 1 SM mensal - 2010	Nº de Famílias Cadastradas ⁹	Nº famílias beneficiadas Bolsa Família ¹⁰
Presidente Tancredo Neves	413,91	23.857	9.576	14.281	6.509	3.380	4.388	3.541
Valença	1.190,38	88.729	64.401	24.328	26.343	11.544	12.691	10.446
Laje	498,09	22.206	6.082	16.124	6.355	3.303	3.183	2.767
Jiquiriçá	236,26	14.087	5.581	8.506	3.985	2.090	2.799	2.073
Mutuípe	273,32	21.466	9.669	11.797	6.491	3.335	3.368	3.124
São Miguel das Matas	207,45	10.414	3.360	7.054	3.098	1.639	1.354	1.197
Ubaíra	762,40	19.759	8.258	11.501	5.897	3.020	4.033	2.999
Totais	3.581,81	200.518	106.927	93.591	58.678	28.311	31.816	26.147

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Elaboração FASE Bahia.

⁴Embora possua zona rural com mais similitudes do que diferenças com os demais municípios do projeto, o tamanho da população urbana de Valença tende a distorcer o percentual de distribuição espacial (rural / urbano) desses 7 municípios, quando considerados sem distinção. A intervenção da FASE é direcionada para a zona rural, e as comunidades de Valença se relacionam diretamente com Presidente Tancredo Neves.

⁵De acordo com o Censo Agropecuário 2006 do IBGE, a área média dos estabelecimentos familiares no Brasil, era de 18,37 ha., e as dos não familiares, de 308,9 ha.

⁶Conforme o INCRA, o módulo fiscal no Baixo Sul é de 20 ha., e no Vale do Jiquiriçá é de 35 ha. Ou seja, a média aritmética das propriedades existentes nestes sete municípios, é inferior à área estabelecida para apenas um módulo fiscal. De acordo com a legislação vigente, as propriedades familiares podem ter áreas de 1 a 4 módulos fiscais. Verifica-se, então, que a quase totalidade dos estabelecimentos familiares nestes 7 municípios tem área inferior ao limite mínimo de 1 módulo fiscal. Trata-se de minifúndios.



Quadro 2 - Indicadores sócio-econômicos e fundiários dos 7 municípios

Município	Nº de estabelecimentos rurais - 2006	Nº e área total de estabelecimentos rurais de mulheres	Área total ocupada pelos estabelecimentos - ha.	Média aritmética do tamanho estabelecimentos	Média aritmética tamanho estabelecimentos de mulheres	Pessoal ocupado nos estabelecimentos Homens - Mulheres
Pres. Tancredo Neves	3.498	724 / 3.033 ha.	35.767	10,22 ha.	4,19 ha.	7.015 – 3.748
Valença	6.057	1.311 / 7.569 ha.	66.301	10,94 ha.	5,77 ha.	10.515 – 6.019
Laje	2.938	751 / 11.662 ha.	40.571	13,80 ha.	15,52 ha.	5.741 – 3.729
Jiquiriçá	2.601	649 / 2.942 ha.	18.608	7,15 ha.	4,53 ha.	4.446 – 1.843
Mutuípe	3.410	894 / 2.945 ha.	21.591	6,33 ha.	3,29 ha.	5.929 – 3.471
São Miguel das Matas	1.195	260 / 1.251 ha.	17.147	14,34 ha.	4,81 ha.	2.219 – 1.231
Ubaíra	3.051	473 / 4.014 ha.	72.362	23,71 ha.	8,48 ha.	5.551 – 2.584
Totais	22.750	5.062 / 33.416	272.347	11,97 ha.	6,60 ha	41.416 – 22.625

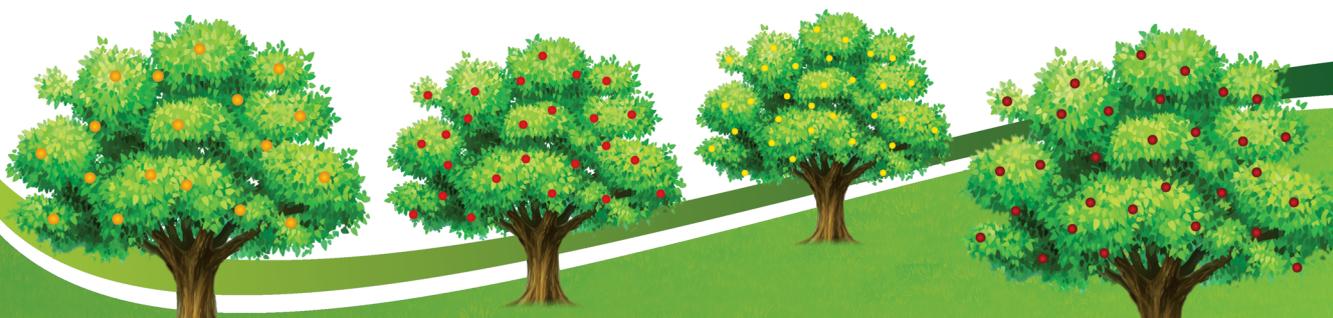
Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010; Censo Agropecuário 2006. Elaboração: FASE Bahia.

⁷Fonte: Anuário Estatístico da Bahia. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia v. 1 (1972-) – Salvador, SEI 2011, v. 24.

⁸Censo Demográfico de 2010 – IBGE - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>

⁹Nº de famílias cadastradas conf. critérios do “CadÚnico”, famílias c/ renda per capita mensal de até R\$ 232,50 (1/2 SM de 2008 – R\$ 465,00), em 03/2010. In.: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Estatística dos municípios baianos. Salvador: SEI, 2010. v. 14 – Baixo Sul; e v. 17 – Vale do Jequiriçá. v. 2 – Litoral Sul.

¹⁰Trata-se das famílias com renda per capita mensal de até R\$ 137,00 (correspondente ao perfil do Cadastro do Programa Bolsa Família) e que eram beneficiadas em 04/2010.



Aprendendo com a própria caminhada

Nos anos de 2011 e 2012, foram implementadas ações de geração de renda para jovens, também apoiadas pela Petrobras. Era a 1ª Etapa do projeto.

Estas ações permitiram à FASE identificar aspectos que receberam redobrada atenção quando da atualização do diagnóstico, elaboração do projeto para a 2ª Etapa, e sua posterior implementação.

Ao longo da 1ª Etapa, cristalizou-se o entendimento de que é fundamental avançar na agregação de valor ao que se produz. O trabalho dos jovens, e das jovens mulheres em especial, tem de ser reconhecido e valorizado, e sua inclusão social e econômica favorecida. É preciso encontrar canais de comercialização capazes de absorver o que se produz, e de remunerar condignamente os jovens produtores e suas famílias.



Jovens da Comunidade de Boqueirão, em Ubaíra, Ba., participando de atividade de formação sobre enxertia de cacauieiro.

De nada adianta realizar ações só com os jovens, se não se conseguir integrar esses jovens à uma nova dinâmica sócio produtiva protagonizada por suas famílias, e que tenham repercussões positivas na comunidade, influenciando outras famílias, e favorecendo mudanças de comportamento que melhorem o funcionamento das organizações comunitárias e sindicais.

Políticas públicas como PRONAF; Habitação Rural; PNAE; e PAA, só são capazes de propiciar

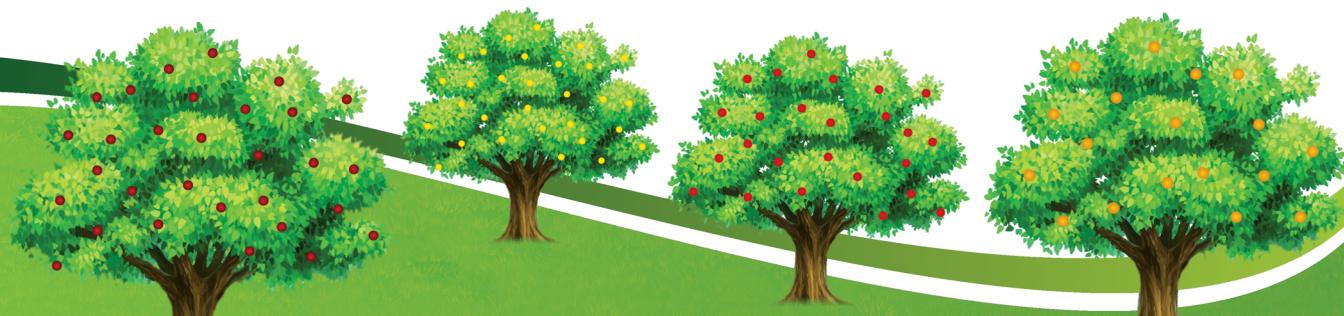
exercício de direitos aos potenciais beneficiários (famílias agricultoras), se, e quando, Prefeituras estejam comprometidas na sua execução com qualidade, alocando corretamente rubricas orçamentárias, disponibilizando recursos humanos competentes e motivados. E isto não vem acontecendo no Baixo Sul, e no Vale do Jiquiriçá, porque a Agricultura Familiar não é prioridade para essas instâncias de governo.

Só a participação qualificada de associações e sindicatos é que pode alterar esta correlação de forças, inserindo a Agricultura Familiar como elemento incontornável do processo de desenvolvimento regional. Intervir para que o PAA e o PNAE sejam corretamente operacionalizados, é uma prioridade para a FASE, porque esses programas estimulam processos de diversificação e ampliação da produção, e dinamizam organizações de famílias agricultoras.

Trabalhos da FASE propiciaram ensinamentos, confirmados em avaliações com beneficiários, onde ficou explícita a necessidade de se aprofundarem ações de assessoria técnica, regular e direta, aos grupos de famílias agricultoras interessadas em se formalizar perante órgãos da vigilância sanitária, e de fiscalização tributária. Esta formalização também passou a ser crescentemente entendida como fundamental para possibilitar maiores chances de se acessar o PNAE e o PAA.



Assessoria técnica da FASE com jovens participantes do projeto, mas envolvendo também outras famílias agricultoras da comunidade.



Reconhecendo a importância das parcerias

Registra-se bela história de organização comunitária e sindical, nesses 7 municípios, centrada na defesa de interesses imediatos, e nas lutas pelo acesso a direitos. Os agricultores familiares construíram suas entidades nos anos 1980 e 90. A FASE contribuiu, pois desde 1998 mantém relações e desenvolve intervenções educativas com a parcela do movimento sindical que se articula na FETRAF Bahia.

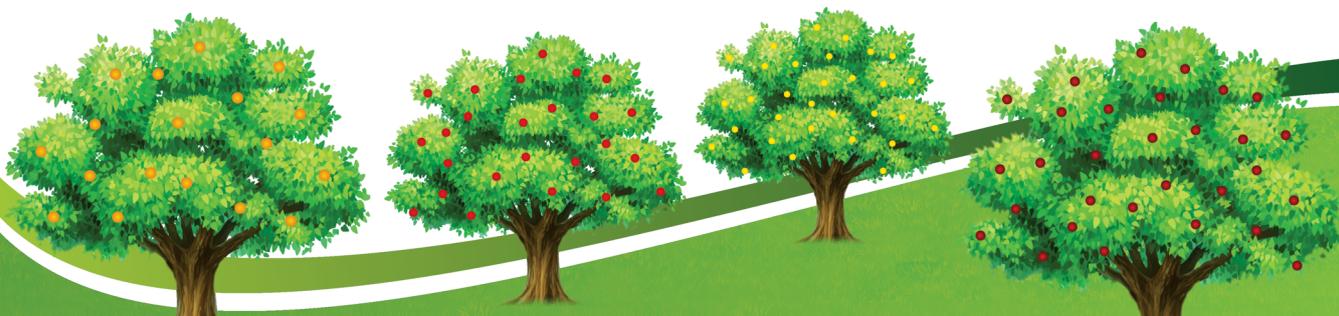
O aporte da FASE tem sido a qualificação para as disputas relacionadas à orientação e conteúdo de políticas públicas, dando atenção à busca de maior equidade nas relações de gênero e geração. Temas ligados à gestão das unidades familiares,

produção, elevação da renda, e comercialização, são fundamentais para dar concretude às lutas em defesa de direitos.

A FASE buscou e conseguiu envolver associações comunitárias e entidades sindicais neste projeto. Este envolvimento partia do pressuposto de que deve existir controle social por parte das entidades representativas dos interesses dos beneficiários, inclusive para estimular essas entidades a serem mais proativas e combativas nos enfrentamentos com o poder público, fato incontornável quando se trata de disputas em torno de alternativas de desenvolvimento e definição de agendas e conteúdos de políticas e programas governamentais.



Jovens participantes do projeto, dirigentes sindicais de entidades parceiras, e técnicos educadores da FASE Bahia, durante o III ENA – Encontro Nacional de Agroecologia (Juazeiro, Ba.). A participação neste evento foi planejada e acompanhada pela FASE como parte das atividades de formação deste projeto.



A TRAJETÓRIA PERCORRIDA

O significado desta segunda etapa

Avaliações feitas com participação informada dos beneficiários e representantes das entidades parceiras, acerca dos trabalhos desenvolvidos na 1ª Etapa, resultaram na decisão de se tentar pleitear a continuidade das ações. Portanto, a FASE se mobilizou para redigir um novo projeto, alicerçado nos aprendizados contextualizados dos anos anteriores, devidamente criticados ao longo do processo.



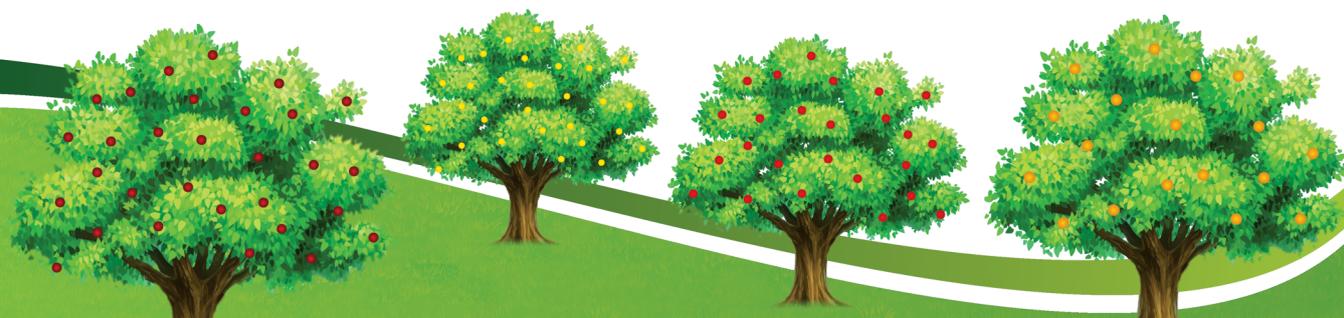
Jovem comercializando durante Feira da Agricultura Familiar realizada em Santa Terezinha, Ba., nas comemorações do 1º de Maio, pelo Polo Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Região de Amargosa, em 2014.

A FASE assimilou a compreensão de que não se tratava de uma mera prorrogação por mais dois anos. A expressão continuidade, implicava uma decidida atualização e reformulação de práticas e conteúdos.

Em síntese, as avaliações conduzidas em 2011 e 2012 apontavam, entre outros aspectos que estão registrados na Revista de Sistematização daquele período¹¹, para algumas prioridades:

- Maior ênfase na assessoria técnica envolvendo comercialização.
 - Formalização dos jovens individualmente, ou associados em iniciativas coletivas (associações, cooperativas).
 - Acesso à informações sobre normas da Vigilância Sanitária para certificação de produtos, e de instalações de agroindustrialização, construídas e em funcionamento nas propriedades familiares e comunidades.
 - Esclarecimentos dos passos necessários para habilitar organizações associativas a comercializar cumprindo exigências tributárias e fiscais, nos mercados institucionais (PAA, PNAE), supermercados, restaurantes, lanchonetes.
 - Construção de conhecimentos sobre padronização de produtos, embalagens, marca, rótulo.
 - Identificação de erros e acertos nas experiências de comercialização já funcionando.
 - Avaliação e definição de encaminhamentos sobre experiências de comercialização nas feiras e mercados locais.
- Persistir na criação das condições necessárias à ampliação do acesso dos jovens, e de grupos de famílias agricultoras das comunidades onde residem esses jovens, ao PAA – Programa de Aquisição de Alimentos; e ao PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.
 - Melhorar o conhecimento dos jovens sobre ferramentas de planejamento e controle da sua produção e comercialização (cálculo de custos de produção; definição de preços mínimos de venda; dimensionamento ideal do volume de produção).

11 Maiores informações estão disponibilizadas na Revista de Sistematização 2012 que pode ser obtida em versão eletrônica em <http://faseb3.wix.com/faseba-provisorio#!plants/c4fi>



A FASE Bahia participou da seleção pública do Programa Petrobrás Desenvolvimento & Cidadania – Edital 2012, remetendo projeto em 18/11/12, e encaminhou negociações com a Gerência de Projetos Sociais da Petrobrás / Bahia, no 1º semestre de 2013, pleiteando renovação que foi aprovada pela Petrobras / Bahia, em 16/07/13, Contrato de Patrocínio nº 6000.0083329.13.2 2 assinado em 14/08/13. A primeira parcela só foi depositada em 04/10/2013, e a data oficial da retomada das atividades é 18/10/13.

Seleção de comunidades e jovens

Dos 100 jovens que iniciaram no projeto em 2011, foi possível viabilizar a continuidade de 90 em 2013. As saídas ocorreram por limite máximo de idade, falecimentos, mudança de município, impossibilidade de continuar na atividade de agricultor familiar.

A FASE pleiteou que a renovação se desse de forma ampliada e outros 40 jovens se agregaram, totalizando 130 participantes diretos; alcançando-se indiretamente 650 famílias agricultoras, distribuídos em 5 municípios do Vale do Jiquiriçá, e 2 municípios do Baixo Sul. As ações envolviam 28 comunidades rurais.



Jovens participando de intercâmbio na comunidade da Pindoba, em Mutuípe, Ba.

Os critérios de seleção dos 40 novos jovens foram distintos da etapa anterior, porque a FASE e seus parceiros acumularam conhecimentos, e sofisticaram os parâmetros orientadores da seleção.

Mantiveram-se critérios anteriormente aplicados, como desejo de permanecer na atividade de agricultor; existência de área disponível na propriedade familiar para instalação do Núcleo Produtivo; disponibilidade para participar de momentos de formação; inclinação para se somar nas organizações associativas e sindicais; receptividade para construção de conhecimentos sobre práticas agroecológicas.

Refinaram-se outros critérios, porque avaliações conduzidas na 1ª Etapa, aliadas às observações da equipe técnica que conviveu diretamente com os jovens, identificavam aspectos que deveriam ser melhor aproveitados na etapa de seleção dos 40 novos jovens. Por exemplo:

- Facilidade de comunicação com outros jovens da comunidade e arredores. Isto é importante, tanto para manter e ampliar a motivação dos participantes que residiam na comunidade ou nas proximidades, como para animar outras pessoas e famílias agricultoras sobre as ações e conteúdos trabalhados.
- Interesse em se formalizar enquanto agricultor familiar. Importante para viabilizar acesso ao PAA, ao PNAE, e outros canais de comercialização mais exigentes em termos de documentação tributária e fiscal.
 - Vontade de avançar nos trabalhos de agregação de valor à sua produção. Relevante para as tentativas de agroindustrialização individual, ou coletiva que já vinham sendo pensadas.
 - Aceitação ou inclinação favorável à se juntar a outros jovens, para potencializar investimentos em Núcleos Produtivos de caráter coletivo. Isto favoreceria experiência de agroindustrialização mais eficientes, evitando capacidade ociosa de instalações e equipamentos, economizando gastos com

multiplicação de construções destinadas ao mesmo fim, permitindo formas de gestão mais eficazes.

- Percepção de interesse, ou identificação de participação do jovem em associações e sindicatos, pois o projeto tem compromisso com a renovação e qualificação de lideranças da Agricultura Familiar.



Dia de Campo realizado na Comunidade de Duas Barras do Fojo, em Mutuípe, Ba., para construção de conhecimentos sobre enxertia de cacau.

É claro que quase nunca se encontra o “jovem ideal”, a pessoa perfeita que atende todos os critérios. Se esses “jovens ideais”, e respectivas comunidades funcionando “às mil maravilhas” existissem, não seria necessária a intervenção educativa da FASE, para contribuir no aprimoramento sócio produtivo dessas pessoas, e na qualificação organizativa de suas comunidades.

A FASE adotava a estratégia de manter-se concentrada nos 7 municípios, e nas mesmas comunidades do Baixo Sul, e do Vale do Jiquiriçá, para evitar dispersão, e facilitar o adensamento das ações. Esta estratégia implicava no reforço do diálogo com entidades parceiras, e com jovens participantes da 1ª Etapa que foram sensibilizados para contribuir no processo de seleção dos novos beneficiários.

Estreitamento das parceiras com entidades sindicais e associativas

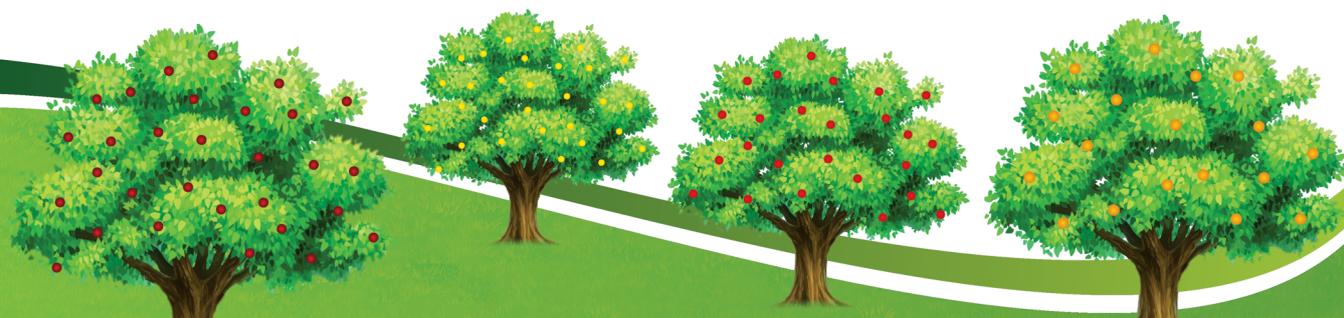
Avaliações feitas na 1ª Etapa, indicaram a necessidade de facilitar a participação mais informada e qualificada de dirigentes associativos, sindicais, e do Polo Sindical, nas ações desta 2ª Etapa.

Exemplo marcante são as atividades relacionadas às políticas públicas e programas governamentais de interesse mais direto da Agricultura Familiar. Tanto na época de elaboração do diagnóstico e redação da proposta, como na execução do projeto, verificou-se que muitas das disposições constantes de políticas públicas e programas governamentais, simplesmente não chegavam até as famílias agricultoras.



Jovem comercializando na feira, em Laje, Ba.

Isto acontecia, conforme descrito nos diagnósticos, e confirmado na prática, pelas tentativas de acesso protagonizadas pelos jovens e suas famílias, porque prefeituras municipais e órgãos estaduais não manifestavam vontade política de priorizar esses programas; abusavam de procrastinações via impedimentos burocráticos; ou não disponibilizavam recursos orçamentários e pessoal capacitado para viabilizar sua operacionalização correta; ou simplesmente fingiam desconhecer a existência da legislação que determinava sua existência e funcionamento.



Essas dificuldades constituíam exemplo de disputas em torno da definição de agendas de políticas públicas, onde a Agricultura Familiar tinha de intervir enquanto sujeito de direitos e ator político. Por isso, a FASE estimulava os jovens a se associarem nas entidades comunitárias e sindicais, e os assessorava na busca por encaminhamentos coletivos, debatidos nas assembleias, para enfrentar e superar impasses e obstáculos vivenciados.

Dirigentes associativos, sindicais, e o Polo Sindical responderam, em maior ou menor grau, a estas demandas, registrando-se avanços nos debates sobre a qualidade e abrangência das políticas públicas entendidas como prioritárias para a Agricultura Familiar.

Assuntos relacionados a políticas públicas também eram debatidas em reuniões dos Colegiados Territoriais do Baixo Sul, e do Vale do Jiquiriçá.

Atividades de preparação, realização, e avaliação das celebrações do 1º de Maio, convoca-

das pelo Polo Sindical, foram momentos importantes de exercício da parceria. Nos eventos do 1º de Maio, se organizava a Feira da Agricultura Familiar, e jovens assessorados pela FASE eram estimulados a exporem, e comercializarem seus produtos. Isto servia tanto para gerar renda, como para consolidar conhecimentos e práticas organizativas.

Outros espaços de controle social são as Visitas da Coordenação Estadual, em que se dialoga com lideranças e dirigentes de entidades parceiras, e com jovens que recebem a visita; e as Reuniões de Monitoramento e Gestão, planejadas para congregarem representantes das entidades parceiras e dos próprios jovens, onde se debatem ações realizadas e se avaliam eventuais correções ou modificações nos conteúdos abordados.

Além disso, se tem os Seminários de Avaliação, um realizado ao término do 1º ano, e outro final que se realizará em 2015, ao término do projeto.

A construção de conhecimentos

A FASE busca articular suas diferentes frentes de intervenção, para obter a maior sinergia possível em suas ações. Assim sendo, Oficinas Modulares, Intercâmbios e Dias de Campo realizados incluíram pessoas e experiências que vão além dos jovens envolvidos neste projeto.

Mantendo o foco na criação de alternativas sustentáveis de geração de renda, e tendo esses jovens e suas famílias como protagonistas, a FASE atuou respeitando o estágio de conhecimento de cada jovem, e o contexto sócio ambiental de sua propriedade familiar, e da comunidade.

Vários desses jovens já vêm gerando renda através do trabalho realizado em seus Núcleos Produtivos, implanta-



Jovens que participaram como expositores de seus produtos, na Expoagrifam 2014, recebendo alimentação preparada pelo Grupo de Mulheres da Associação Boa Esperança, de Mutuípe, organização que também é acompanhada educativamente pela FASE e mantém interação com os jovens em suas iniciativas de geração de renda.

dos desde 2011. Por isso, a assessoria técnica realizada pela FASE vem acompanhando a evolução desses Núcleos, construindo conhecimentos com os jovens, tendo as próprias criações e plantações como objeto da reflexão e da avaliação das práticas empregadas.



Aspecto de Oficina Modular realizada em propriedade situada em Jaquaquara, Ba., e que já está bem avançada em seu processo de transição agroecológica. Observa-se a presença de dirigente sindical do Sintraf de Mutuípe acompanhando esta Oficina Modular realizada em 2014.

A intervenção educativa da FASE incluiu a construção de conhecimentos sobre políticas públicas, com esclarecimentos sobre PNAE e PAA, avaliados como alternativas importantes para a comercialização da produção desses jovens.

A organização comunitária e sindical é fortalecida através da realização de eventos nas comunidades, reunindo não só os jovens, como outras famílias agricultoras, com a FASE estimulando a presença e participação de dirigentes sindicais. Promoveram-se também, debates sobre associativismo e cooperativismo.

Essas atividades incentivam jovens a praticarem os conhecimentos técnicos adquiridos em suas respectivas propriedades familiares, e a multiplicarem esses novos conhecimentos com outras famílias da comunidade. Sempre que possível, jovens convidam outras pessoas da comunidade para participarem das atividades e verem como é que vem sendo conduzidos seus Núcleos Produtivos.

Oficinas Modulares

As Oficinas Modulares foram concebidas

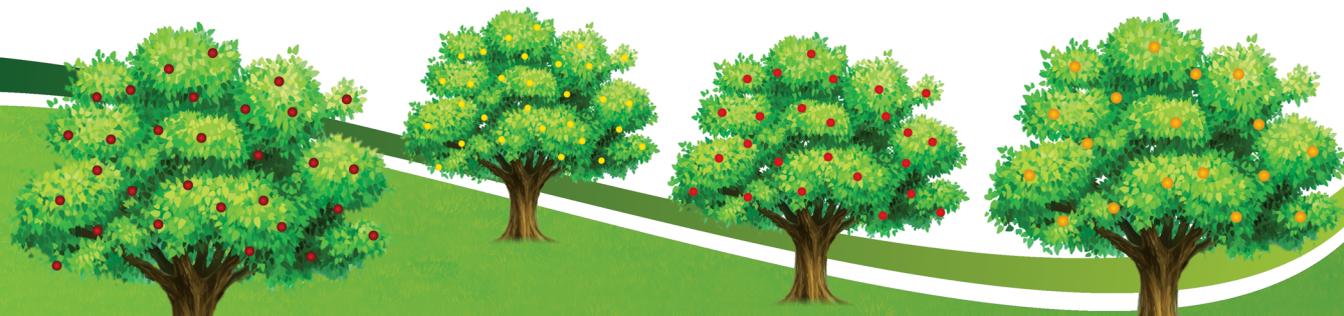
para os 40 novos jovens que se integraram ao projeto nesta 2ª Etapa. São momentos teórico práticos, com dois dias de duração, cujos conteúdos são definidos participativamente. Se trabalharam temas ligados à construção de conhecimentos agroecológicos; direitos e políticas públicas; organização comunitária e sindical; e comercialização.

A socialização de conhecimentos construídos em diferentes experiências, também é feita nas Oficinas Modulares. Em 2014, por exemplo, foi feita Oficina Modular sobre agroecologia, em propriedade familiar de agricultor experimentador do município de Jaquaquara. Localizada em área de transição da Mata Atlântica para Semi Árido, esta propriedade já vem passando por várias etapas de recuperação de seus recursos naturais,

mediante aplicação de técnicas baseadas em princípios agroecológicos (aumento da biodiversidade; priorização de culturas perenes com diferentes estratos arbóreos; consorciação de culturas; implantação de SAFs; manejo de solo com cobertura morta e adubação orgânica; integração entre plantios e criações). Os jovens puderam observar ainda, como a preocupação com a sustentabilidade pode ser associada a busca por alternativas de geração de renda.



Trabalho em Grupos durante 1ª Oficina Modular, realizada em Mutuípe, reunindo jovens do Vale do Jiquiriçá, em janeiro de 2014.



Oficinas Modulares foram feitas com a parte prática sendo desenvolvida em propriedades familiares de jovens, cujos Núcleos Produtivos reuniam elementos importantes para o processo de construção de conhecimentos desejado. Por exemplo, uma experiência bem conduzida de diversificação de plantios, baseada na concepção de SAF – Sistema Agroflorestal, era percorrida pelos jovens que acompanhavam as explicações ministradas pelo jovem protagonista da experiência. Quando necessário, educadores e técnicos da FASE intervinham para eventuais complementações.

Intercâmbios

Promoveram-se intercâmbios reunindo jovens de diferentes comunidades que tiveram oportunidade de conhecer experiências protagonizadas por jovens agricultores, ou por grupos de famílias, ou de mulheres, experiências estas que podem servir de exemplo de boas práticas para a geração de renda na agricultura familiar.

A FASE tem feito intervenções relacionadas à luta por relações de gênero mais equitativas, e assessora diversos Grupos de Mulheres que se esforçam para ampliar a abrangência de suas experiências, tanto no que se refere à luta em defesa e promoção dos Direitos Humanos das Mulheres, como no que se refere à conquista de maior autonomia econômica. Jovens foram conhecer algumas dessas experiências.

Nos Intercâmbios, jovens assessorados tecnicamente pela FASE se deslocam para locais onde outros jovens, ou agricultores familiares mais experientes, já vêm colocando em prática conhecimentos agroecológicos. Viabilizando-se assim, contato com experiências concretas, debate sobre dúvidas, ou acesso a esclarecimentos e discussões sobre alternativas, ou adaptações a cada contexto específico.

Foram feitos Intercâmbios para ampliar conhecimentos sobre agroindustrialização comunitária (processamento de frutas e de derivados de mandioca); cacauicultura (práticas relacionadas ao melhoramento dos plantios; adubação orgânica); e sobre experiências de construção de maior autonomia econômica, protagonizada por Grupos de Mulheres.



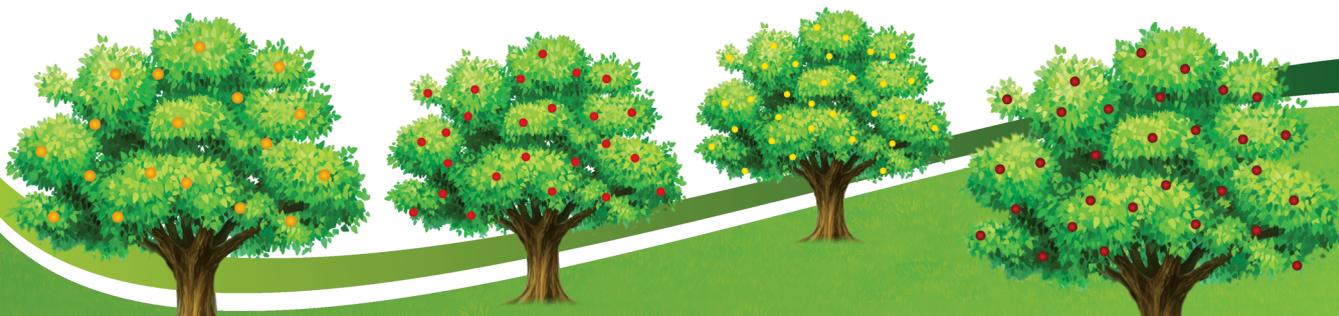
Intercâmbio realizado na comunidade de Pindoba, em Mutuípe, onde os jovens conheceram trabalhos do Grupo de Mulheres e da associação que se dedicam à agroindustrialização de derivados de mandioca.

Nos Intercâmbios os jovens foram estimulados a identificarem aspectos da experiência visitada que eventualmente poderiam ser replicados em suas propriedades familiares e comunidades.

Estas experiências usam tecnologias e procedimentos embasados em princípios que favorecem a transição agroecológica. No caso de plantios e criações, são práticas e métodos que diminuem custos de produção, pois não dependem de insumos externos à propriedade, propiciam o aumento da biodiversidade através da diversificação e consorciação de culturas.

Dias de Campo

São atividades coletivas nas comunidades, em que se constroem conhecimentos baseados em princípios agroecológicos, verificando-se sua aplicação concreta seja nos Núcleos Produtivos dos jovens, seja nas propriedades das famílias agricultoras que são beneficiadas indiretamente por essas ações. Abordaram-se temas como controle alternativo de pragas e doenças; identificação dos prejuízos à saúde causados pelo uso de agrotóxicos; enxertia para reprodução de fruteiras; poda e manejo de cacauieiros, entre outros.





Parte teórica de Dia de Campo realizado em 2014, na Comunidade de Andaiá, em Mutuípe, envolvendo outras famílias agricultoras e o Grupo de Mulheres atuante nesta comunidade.

Dias de Campo são previamente agendados, reunindo jovens e moradores da comunidade, para momentos concentrados de assessoria técnica, em que conhecimentos específicos sobre determinado tema são abordados de maneira mais aprofundada, com aplicações e demonstrações práticas imediatas, sempre que possível. É uma maneira de potencializar o trabalho de assessoria técnica feito por profissionais da FASE nas comunidades onde residem os jovens.

A gestão feita pela FASE

Buscaram-se diversos mecanismos favoráveis ao exercício do controle social por parte dos beneficiários. Isto é essencial para o aprimoramento institucional da FASE que é comprometida com a transparência de suas ações, e com a conquista de níveis crescentes de respaldo e legitimidade perante setores da sociedade com os quais trabalha.

Por isso, a FASE manteve momentos internos que são as reuniões de planejamento e avaliação, de periodicidade bi mensal, e que congregavam integrantes de sua equipe, inclusive pessoal administrativo; e espaços de controle social abertos à participação de beneficiários e de entidades parceiras.

A decisão de buscar apoio da Petrobras para a continuidade das ações, foi referendada no Seminário de Avaliação Final, ainda em 2012. A elaboração do projeto pleiteando novos recursos foi debatida

com entidades sindicais parceiras, assim como, os critérios para definição de novas comunidades, e para seleção de jovens.



Uma das reuniões periódicas entre a FASE e membros da direção do Polo Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Região de Amargosa, para debater temas de interesse comum, e definir encaminhamentos relacionados a políticas públicas de interesse da Agricultura Familiar.

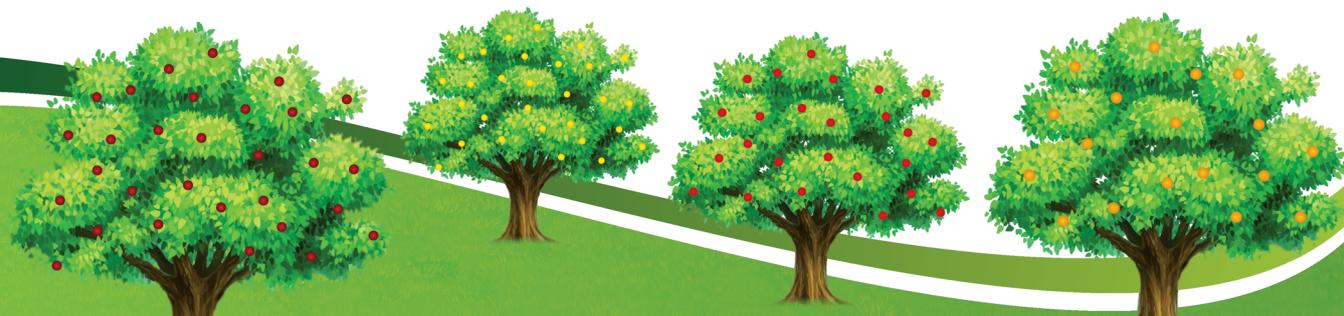
Aprendendo com os passos dados na 1ª Etapa, reformularam-se aspectos dos mecanismos de gestão compartilhada, visando qualificar a presença e participação de representantes das entidades sindicais parceiras, e dos jovens, nas Reuniões de Monitoramento e Gestão, onde se debatem ações realizadas, e se avaliam eventuais correções ou modificações nos conteúdos abordados.

Quando das Visitas da Coordenação Estadual, sempre se reservava tempo para conversas com ativas e dirigentes das entidades parceiras, de maneira a reunir outras visões avaliativas sobre o desenvolvimento das ações.

Pelo menos uma vez por ano, se teve encontros da FASE com dirigentes do Polo Sindical, momentos úteis para que tanto a FASE, como lideranças sindicais dialogassem sobre erros e acertos identificados, e debatesses pontos de interesse comum para encaminhamentos futuros.

Seminário de Avaliação

Toda caminhada exige pausas periódicas para refletir sobre passos dados, prestando-se a devida



atenção àquilo que vem dando certo, e mais atenção ainda, naquilo que vem se revelando como insuficiente, ou errado.

Passados os primeiros 12 meses de execução da 2ª etapa, organizou-se um momento de reflexão coletiva, para que representantes de todos os envolvidos pudessem analisar aspectos positivos, e negativos, desta caminhada conjunta.

Foi o Seminário de Avaliação, realizado nos dias 14 e 15/08/2014, com 80 pessoas, entre educadores(as) populares da FASE; representantes das entidades parceiras; e jovens agricultores familiares oriundos das comunidades e municípios onde vem se fazendo esta intervenção.



Aspectos das plenárias durante o Seminário de Avaliação do Ano 1, realizado em Guabim, município de Valença, em 2014.

Os conteúdos e a metodologia empregados neste Seminário, foram construídos pela FASE, procurando incorporar experiências acumuladas pelos técnicos envolvidos com as ações de assessoria em campo; às quais se somaram as reflexões do pessoal encarregado da gestão e administração. Elaborou-se programação minuciosa, contemplando vários aspectos vivenciados nestes primeiros 12 meses da intervenção.

Fato relevante do Seminário, foi a possibilidade única de reunir parcela de jovens representativa de todas as comunidades onde as ações se desenvolvem. Ou seja, é um momento em que jovens dos 7 municípios vão se encontrar para refletir juntos, trocar experiências, analisar erros e acertos, além de

traçar os próximos passos.

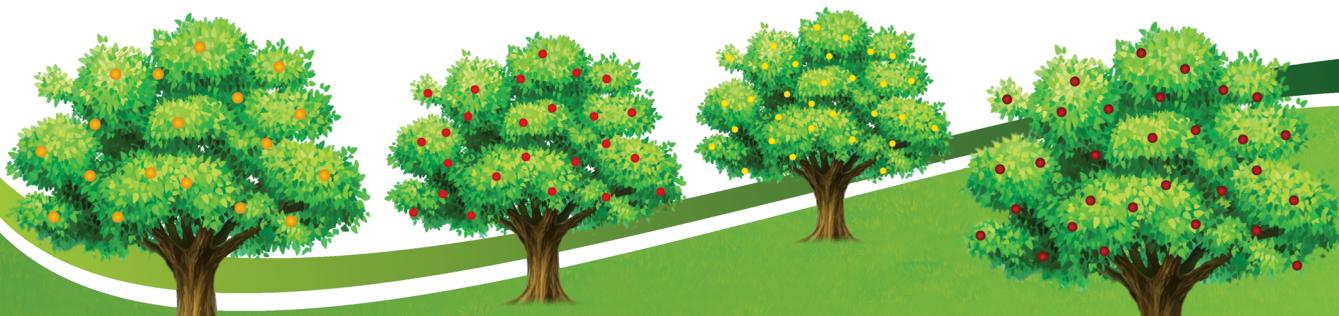
A FASE inseriu na programação dinâmicas de descontração para que jovens pudessem ter tempo suficiente para conversar entre si, da maneira e no ritmo ditado pelas suas próprias necessidades e preferências.

Se articulou a participação de jovens que se destacaram na 1ª Etapa, para darem seu testemunho sobre suas experiências exitosas na implementação e condução de seus Núcleos Produtivos. A cada depoimento se verificava intenso debate, pois a narrativa feita pelos jovens das dificuldades encontradas, e do que tiveram de fazer para tentar superar estes obstáculos, era recebida com atenção e discutida pelos jovens que então começavam a tentar colocar seus Núcleos Produtivos em funcionamento.

E como experiências eram similares, tanto em termos de tipo (avicultura, fruticultura, suinocultura, fabricação de polpa de frutas; horticultura), e de localização geográfica (municípios e comunidades), afloravam situações problema bem semelhantes. Isto propiciava a reflexão de eventuais ações conjuntas para enfrentamento de gargalos. Como exemplo, podem-se citar problemas enfrentados pelos jovens que estão, ou que querem produzir polpas de frutas congeladas, e que tem de superar o descaso, ou despreparo, das prefeituras municipais que não possuem setores organizados para emitir alvarás de funcionamento, e nem orientar quanto à obtenção de certificados de vigilância sanitária para estes micro empreendimentos.

O Seminário viabilizou espaço para o debate sobre o que fazer para melhorar o acesso a informações, e pressionar prefeituras para que agilizem as etapas e procedimentos necessários à legalização das unidades de fabricação de polpa de frutas, a fim de que esses jovens possam acessar mercados e comercializar suas polpas, sem impedimentos e burocracia excessiva.

No Seminário, foram feitas reflexões sobre a importância da avaliação e do planejamento de cada passo. Isto permitiu aos jovens construir sua própria análise comparativa quanto à qualidade das ações executadas nas comunidades e propriedades familiares, bem como, forneceu elementos para a definição das ações futuras.



Jovens gerando renda na Agricultura Familiar

A insuficiência de renda, cujas causas foram mencionadas ao longo desta sistematização, ameaça a reprodução da Agricultura Familiar, e é apontada como justificativa para a saída de jovens das comunidades.

A FASE não teria condições de atuar enfrentando todos os fatores que dificultam a Agricultura Familiar, embora tivesse clareza que sua intervenção teria impacto benéfico no conjunto, caso contribuísse para ampliar oportunidades de geração de renda para jovens. Esta intervenção da FASE não pode ser considerada como estanque, independente ou desconectada de outras iniciativas e esforços relacionados à promoção, defesa, e garantia de direitos da população agricultora.

Por isso, tanto a assessoria técnica às práticas produtivas dos jovens e suas famílias, bem como, a qualificação do controle social de políticas públicas, são exemplos de temas trabalhados pela assessoria técnica da FASE, ao longo do processo.



Assessoria técnica da FASE entregando mudas de bananeira para implantação de Núcleo Produtivo de fruticultura.

A FASE trabalhou com o conceito de renda monetária, e não monetária. Os jovens e suas famílias eram estimulados a conhecerem e dialogarem sobre diferentes aspectos da geração de renda, possíveis

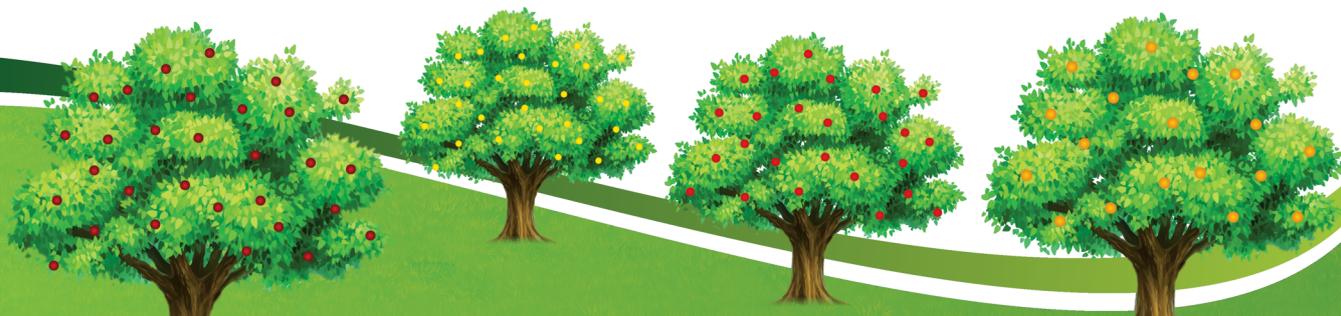
em suas áreas. Tal conceito está sintonizado com a construção de aprendizados e aplicação de procedimentos agroecológicos, ampliando a autonomia da propriedade familiar em relação à aquisição de insumos externos à propriedade.

Simultaneamente se trabalhava a criação de condições mais favoráveis ao alcance da SAN – Segurança Alimentar e Nutricional, das famílias, enfatizando-se que o aproveitamento intensivo de pequenos espaços existentes na propriedade; a consorciação de culturas; a integração entre plantios e criatórios; o aproveitamento das frutas ou de restos de culturas, seja para alimentação animal, ou para elaboração de compostos orgânicos; tudo isso contribui para elevar o auto consumo, diminuir gastos monetários fora da propriedade com aquisição de alimentos ou de insumos, aumentando portanto, a renda da família e do jovem, sem degradar o meio ambiente.

A geração de renda, monetária e não monetária, incluía acesso a políticas públicas, entendidas como ferramentas incontornáveis ao usufruto de bens e serviços previstos na legislação, e que deveriam ser provisionados pelo Estado, como justa retribuição aos impostos pagos pela população. Poder frequentar uma boa escola, com transporte e alimentação fornecidos por órgãos governamentais, tinha impacto na renda do jovem e de sua família. Assim também com serviços de saúde, habitação e saneamento, crédito e assistência técnica, comercialização e agroindustrialização. Quando esses bens e serviços são adequadamente disponibilizados, e acessados pelas famílias agricultoras, menos recursos monetários serão gastos pelas famílias na sua aquisição.

A assessoria técnica

Nos diagnósticos feitos, percebeu-se que o conhecimento de novas práticas produtivas poderia incrementar o volume, a regularidade na oferta, a diversidade, e a qualidade da produção desses jovens que já



trabalhavam nas respectivas propriedades familiares.

Cada técnico da FASE ficou responsável por um determinado número de jovens e famílias agricultoras, concentrados em comunidades e municípios previamente definidos. A Coordenação Técnica visitava estas comunidades, dialogando com jovens, famílias e o próprio técnico responsável pela assessoria naquela área.

Cada técnico elabora seu Planejamento Mensal de Atividades que é afixado em murais dos sindicatos dos municípios onde se localizam as comunidades em que residem os jovens. Sempre que possível, integrantes das direções desses sindicatos, e lideranças das associações comunitárias são convidados a acompanharem as visitas de assessoria técnica que podem servir, também, como momentos de fortalecimento dessas organizações nessas localidades.

O acompanhamento aos Núcleos Produtivos

Este acompanhamento se deu com as visitas de assessoria técnica, programadas previamente, e executadas de acordo com cronograma conhecido pelos jovens, e entidades sindicais e associativas parceiras da FASE.

A diferença entre “jovens antigos” e “novos jovens”, era a existência de Núcleos Produtivos já implantados, e em funcionamento, no caso dos 90 jovens que vinham participando desde 2011. Estes “jovens antigos” já tinham percorrido diversas etapas de for-



Assessoria técnica da FASE a Núcleo Produtivo de Avicultura já implantado e em funcionamento.

mação então realizadas.

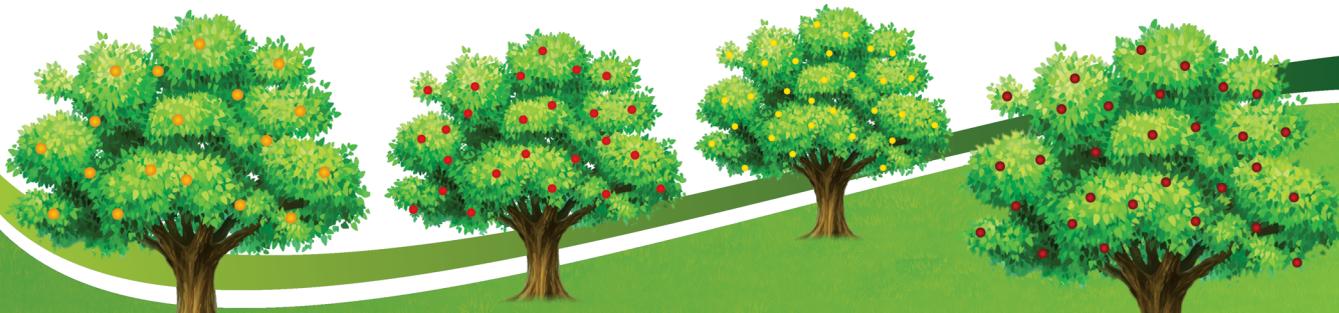
Procurando manter o foco na criação de alternativas sustentáveis de geração de renda, tendo esses 130 jovens e suas famílias agricultoras como protagonistas, a FASE atuou respeitando o estágio de conhecimento de cada jovem, e o contexto sócio ambiental da propriedade familiar, e da comunidade. Buscou-se incorporar outras famílias da comunidade nos momentos em que se dava a assessoria técnica na propriedade do jovem. Sempre que possível, eram propostas atividades que tratassem de temas de interesse mais coletivo, objetivando potencializar o tempo do técnico na comunidade. Exemplo disso era a demonstração prática de algum procedimentos (poda de cacauieiro, ou métodos naturais de convivência com pragas e doenças) na área do jovem, mas aberto à participação de outras famílias que também estavam interessadas neste mesmo tipo de temática.

Outros momentos em que a assessoria técnica se revestia de caráter coletivo, era na discussão e definição de encaminhamentos relacionados a políticas públicas, ou situações em que afloravam problemas que interessavam e eram discutidos nas reuniões e assembleias de associações comunitárias.

Na assessoria técnica, a FASE estimulou os jovens a planejarem o dia a dia de suas atividades produtivas que tendem a se complexificar, com a evolução dos plantios e criações, e a busca por alternativas de agregação de valor ao que se produz, e de novos canais de comercialização. Esta assessoria deu atenção às políticas públicas, seja no que se refere ao PAA e PNAE, como oportunidades de comercialização, seja ao PRONAF enquanto fonte de recursos que se soma aos investimentos canalizados via apoio da Petrobras, à implantação dos Núcleos Produtivos.

O diagnóstico das propriedades familiares e da aptidão e preferência dos jovens incorporados em 2013

A FASE fez reuniões nas comunidades, junto com entidades sindicais parceiras, ainda antes do início formal das atividades desta 2ª Etapa, e visitou propriedades familiares de jovens apontados como potencialmente aptos e interessados em participar.



Estes ciclos de visitas resultaram em razoável conhecimento, por parte da FASE, sobre cada propriedade familiar em que residia o jovem, bem como, forneceram indicações sobre o contexto da comunidade, e disposição da família em apoiar o jovem.

Estes aspectos (contexto da comunidade; disposição da família) são fruto dos aprendizados construídos na 1ª Etapa, quando se observou que os incentivos e apoios da família eram fundamentais para melhorar o desempenho do jovem em seu Núcleo Produtivo, e nas demais atividades do projeto (percurso formativo, inclusão social e política). O contexto da comunidade, expresso na existência e funcionamento da associação, no grau de participação das famílias agricultoras nas ações sindicais, e na cultura prevalecente de maior ou menor disposição para trabalhos coletivos e ações em comum, também influenciavam a disposição dos jovens, e por isso foram observados com maior atenção no processo de definição de comunidades, e de seleção de jovens.

Como já se assinalou antes, existia a preocupação da FASE de não ampliar o número de comuni-

dades envolvidas no projeto, para evitar dispersão.

A FASE tinha conhecimento sobre características dos mercados e feiras locais, enquanto alternativas de comercialização para determinados tipos de produtos. A trajetória percorrida na 1ª Etapa permitiu reunir informações que indicavam o potencial positivo, ou negativo, derivado da adoção de certos procedimentos, em detrimento de outros, na configuração de Núcleos Produtivos. Por exemplo, na criação de suínos já se percebia o peso representado pela aquisição de ração industrializada, em comparação ao conjunto de custos de produção, o que levava os técnicos a debater com os jovens quais as necessidades em termos de área e de trabalho, para ampliar a produção de alimentos alternativos dentro da propriedade, e que pudessem ser ofertados aos suínos, em substituição à parcelas de ração industrial. Debatia-se também se a viabilidade econômica da criação de suínos seria maior direcionando a atividade para a revenda de leitões, em vez de sua engorda e posterior venda para abate, meses depois.

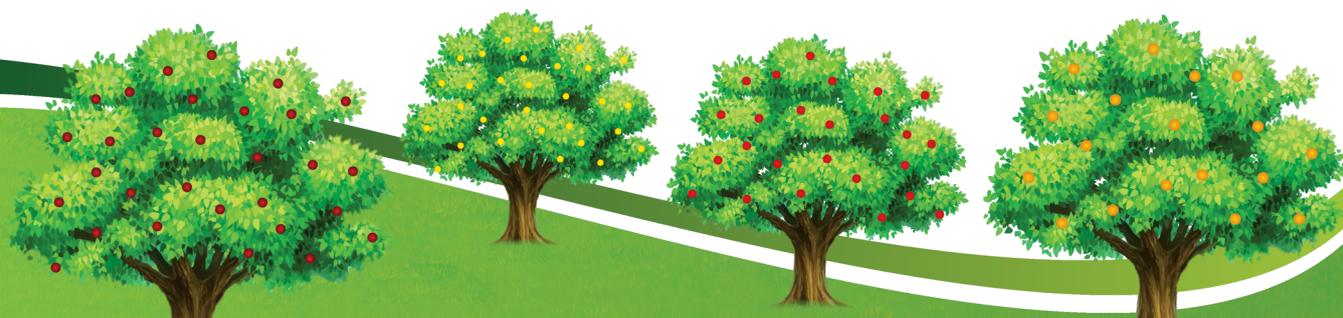
A definição das modalidades de Núcleos Produtivos

O planejamento feito considerou a dupla tarefa de dar assessoria aos Núcleos já existentes (dos “jovens antigos”), e ao processo de debate e escolha da modalidade dos Núcleos Produtivos a serem implantados (“novos jovens”). Buscou-se sinergia entre esses dois processos. A assessoria aos Núcleos já implantados e em funcionamento possibilitou à FASE adotar com mais segurança procedimentos que vinham dando certo, evitando-se aqueles que se revelaram como problemáticos.

Em termos didáticos, procurou-se aproveitar jovens que se destacaram na 1ª etapa, para darem testemunho sobre suas experiências exitosas na implementação e condução de Núcleos Produtivos. Intercâmbios foram realizados para que os “novos jovens” pudessem conhecer expe-



Diálogo da assessoria técnica da FASE com jovem nas etapas iniciais de seleção e escolha de modalidade do Núcleo Produtivo.



riências de Núcleos Produtivos bem conduzidas pelo “jovens antigos”.

A FASE incorporou aprendizados da 1ª Etapa, evitando cometer erros semelhantes, ao mesmo tempo em que tentava melhorar procedimentos que já tinham sido comprovados como corretos, nas diversas avaliações feitas.

Os tipos de Núcleos Produtivos não sofreram alterações significativas, uma vez que se continuava na Mata Atlântica, e o contexto sócio ambiental das comunidades e famílias agricultoras era similar. As modalidades mais escolhidas para os novos núcleos foram: avicultura; fruticultura e SAF – Sistemas Agroflorestais; agroindustrialização de polpa de frutas; suinocultura; horticultura.

A FASE intervinha esclarecendo que a Agricultura Familiar dispunha de pouca terra, em situações de relevo muito onduladas, quase sempre com a totalidade da área da propriedade familiar já ocupada por culturas (cacau, banana, mandioca). Devia-se portanto, buscar alternativas intensivas em trabalho e que exigissem pouca área para sua implantação.

A FASE dialogou com os jovens sobre os princípios que animavam sua intervenção. Insistiu-se no debate e construção de conhecimentos sobre os conceitos de renda monetária, e não monetária, como fatores importantes no processo de definição da modalidade de Núcleo Produtivo a ser implantado.

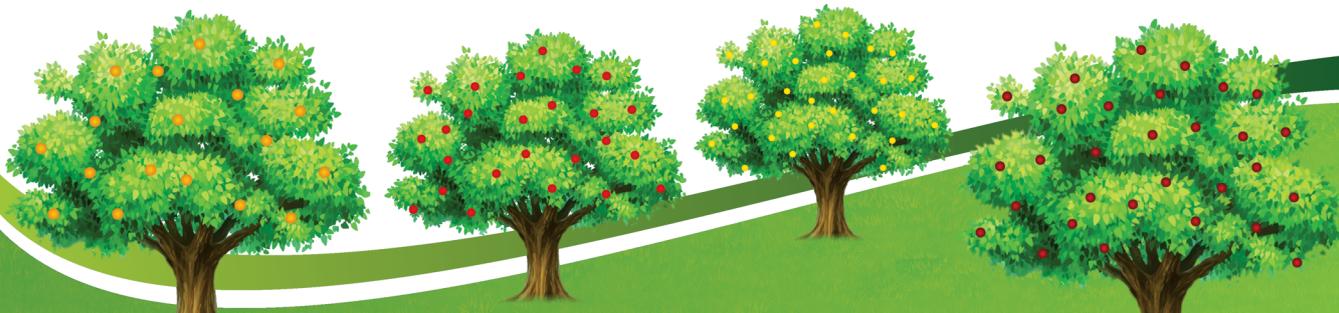
Expôs-se que a viabilidade dos Núcleos Produtivos dependia da construção de sua autonomia em relação aos insumos externos;

do aproveitamento dos recursos existentes dentro da propriedade; da integração progressiva de atividades produtivas diversificadas, de maneira a que sobras de uma plantação, por exemplo, pudessem ser aproveitadas como alimentação pelas aves, cujo esterco fertilizaria a horta. Se abordava a SAN – Segurança Alimentar e Nutricional, tentando quantificar as potencialidades do Núcleo Produtivo enquanto provedor de alimentos a serem consumidos pela família.

Nos momentos de formação, tanto teóricos como práticos, dialogava-se sobre a impossibilidade de ampliar monoculturas que afetavam profundamente o cenário regional (cacau, banana, mandioca). Os Núcleos Produtivos deveriam se constituir em alternativas ao modelo vigente, e não em mini experiências que reproduzissem fazendas de gran-



Momentos de assessoria técnica no processo de definição e implantação de Núcleos Produtivos na 2ª Etapa.



des e médios proprietários.

Estimulou-se o debate sobre vantagens de empreendimentos coletivos, somando recursos de vários jovens para potencializar investimentos, principalmente na aquisição de equipamentos (despoldadeiras, seladoras, liquidificadores e fogões industriais; congeladores / freezers) e construção de infra estrutura (instalações físicas para aviários ou pocilgas; mini fábricas de polpas de frutas), de maneira a evitar capacidade ociosa e permitir maiores aportes para aplicações nos plantios e criações.

Na modalidade de fabricação de polpas congeladas, a FASE insistiu na consulta prévia às prefeituras e órgãos estaduais, para assegurar a futura liberação dos empreendimentos (concessão de Alvará de Funcionamento), no que concerne às normas de Vigilância Sanitária. Foi uma trajetória carregada de problemas, tal o despreparo das prefeituras, muitas delas sequer dispondo de pessoal técnico minimamente informado sobre como proceder, ou quando tinham algum profissional habilitado, faltavam recursos (carro, combustível) e até mesmo vontade, para que as fiscalizações e orientações fossem feitas.

Na produção animal, iniciativas dos jovens também se depararam com o descaso das prefeituras que nada oferecem em termos de orientações sobre procedimentos necessários à obtenção de Alvarás de Funcionamento, ou de certificações. As aves e suínos produzidos eram comercializados na comunidade, e poderiam ser aproveitadas no PAA, e no PNAE, mas para tanto dependiam da agilidade das prefeituras e da adequação das normas sanitárias à realidade da Agricultura Familiar da região.

A busca e experimentação com novas alternativas de comercialização

A decisão da FASE de pleitear a continuidade de suas ações de geração de renda na Agricultura Familiar, tendo jovens como protagonistas

e beneficiários, não era uma mera repetição do que se fizera antes.

Assumia-se como fundamental, incorporar os aprendizados e qualificar a intervenção educativa, de maneira a garantir sua evolução para patamar mais abrangente.

Um dos aspectos entendidos como essenciais para viabilizar a evolução qualitativa pretendida

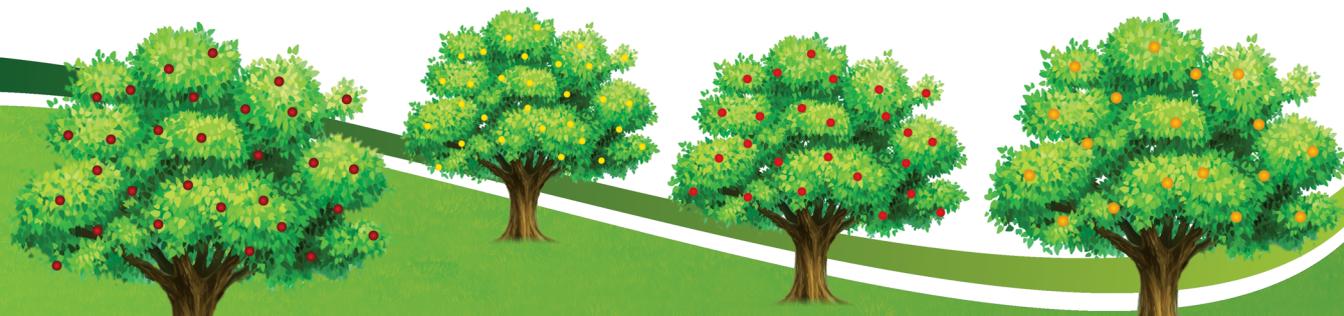


“Estabelecimento construído por jovem participante do projeto desde 2011, para comercialização de refeições prontas, salgados e doces, sucos de frutas, utilizando o máximo possível de matérias primas provenientes da propriedade familiar e do Núcleo Produtivo da jovem”.

pela FASE, era o da comercialização.

Verificou-se que maiores níveis de sucesso, e de auto satisfação com resultados obtidos na geração de renda, dependiam da disposição e capacidade de iniciativa dos próprios jovens procurarem alternativas de comercialização.

A FASE fez formações abordando PAA, e PNAE, mas estas alternativas de comercialização demoravam para se concretizar, pois dependiam de prefeituras, do governo da Bahia, da CONAB,



órgãos e instâncias sobre os quais nem a FASE, e muito menos os jovens e as entidades parceiras, tinham poder de decisão.

Alguns jovens iniciavam a busca de canais de comercialização pela própria comunidade. Percebeu-se que em muitas dessas comunidades vivem famílias que aí residem, e que por uma série de motivos que não se pode aprofundar neste texto, dependem da aquisição de gêneros alimentícios fora de sua propriedade. São famílias rurais, algumas até com razoável atividade agrícola, mas que pouco ou nada produzem de ingredientes utilizados em sua alimentação.

Entendendo isso, vários jovens começaram a investir mais na comercialização de sua produção dentro da própria comunidade. Registram-se vários exemplos de jovens que conseguem comercializar

suas aves, ovos, suínos, verduras e legumes, polpas de frutas, doces e derivados de mandioca, a preços recompensadores, para outras famílias da comunidade, e da vizinhança.

A FASE estimulou estas iniciativas e buscou debatê-las com outros jovens. Casos concretos foram analisados para identificar mecanismos de formação de preços; como registrar custos de produção, como calcular preço mínimo de venda. Alertava-se para a necessidade de adotar formas, mesmo que rudimentares, de contabilidade, para que os jovens soubessem avaliar a ocorrência de lucro ou não, em suas atividades produtivas.

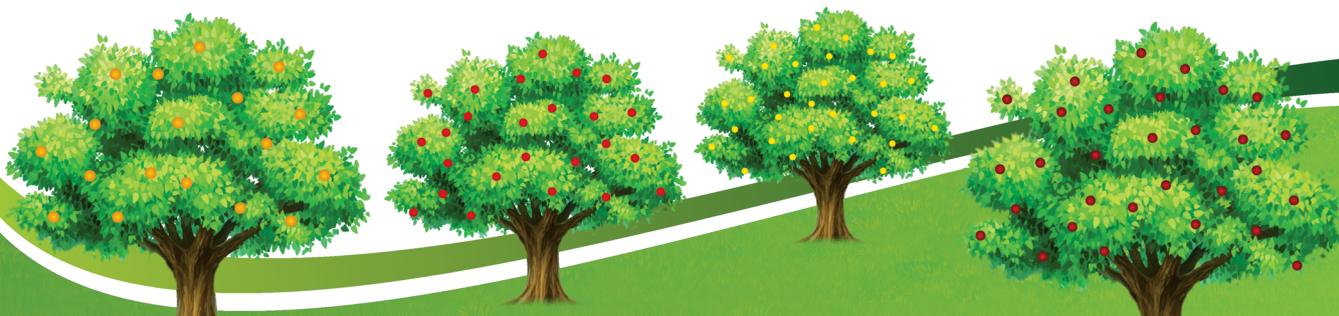
Além da comercialização na própria comunidade, jovens tiveram iniciativa de procurar alternativas nas feiras e mercados locais. Insistiu-se muito na valorização destas iniciativas, citando-se jovens

que não tinham vergonha de exporem e comercializarem suas produtos nas feiras, inclusive se identificando como jovens agricultores participantes deste projeto. Verificaram-se casos de jovens que colocam seus produtos na garupa de motocicletas (caixas de isopor com polpas de frutas congeladas, p. ex.) e que percorriam bares e lanchonetes, em autêntico exercício “de porta em porta”, para conquistarem clientes.

Aos poucos, ampliaram-se a participação de jovens em eventos promovidos pelo Polo Sindical, ou pela Fetraf, como Feiras ou Exposições da Agricultura Familiar, oportunidade em que se conseguia comercializar e expor produtos.



Jovens também comercializaram produtos com o PAA em Mutuípe.



Depoimentos e entrevistas

Em agosto de 2015, a FASE Bahia encerrou as atividades apoiadas pela Petrobras. Isto não significa nem a retirada da FASE destas comunidades e municípios, nem o fim de sua intervenção educativa na região. Pelo contrário, esses 4 anos em que se contou com o patrocínio da Petrobras, possibilitaram à FASE e entidades parceiras, ampliarem sua presença nas comunidades contribuindo para o fortalecimento da Agricultura Familiar.

As conquistas dos jovens e famílias agricultoras, e suas repercussões nas comunidades, frutos desta trajetória, deixam sementes que vão germinar e gerar novos frutos no futuro.

É isto que se pretende sistematizar, com relatos, depoimentos e fotografias de algumas experiências de jovens que alcançaram novos patamares na geração de renda na Agricultura Familiar; ou daqueles que se assumiram como cidadãos e

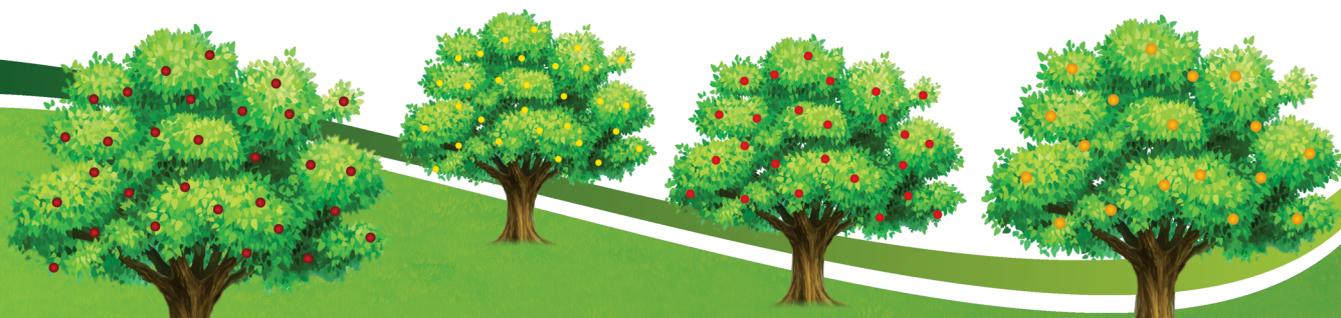
cidadãos conscientes do direito a ter direitos.

Nas próximas páginas desta Revista, temos exemplos de ampliação do volume e da diversidade do que se produz; da agregação de valor ao que se produz; da integração de atividades produtivas na propriedade familiar; de aumento da Segurança Alimentar e Nutricional das famílias envolvidas; da aplicação de conhecimentos baseados em princípios agroecológicos; da busca de canais alternativos de comercialização; do aprendizado e utilização de mecanismos de aferição de renda, monetária e não monetária; entre outros.

A FASE optou também por incorporar depoimentos de dirigentes das entidades parceiras, uma vez que foram sujeitos ativos nesta caminhada, tanto no que se refere à definição de comunidades e jovens que foram incluídos no processo, como atores políticos de lutas pela qualificação da participação popular em políticas públicas.



Período inicial desta 2ª Etapa em que se colocaram placas informativas sobre o projeto, nas comunidades onde residiam jovens participantes”.



Falam dirigentes das entidades parceiras

Isabel da Cruz Santos

Representação

Dirigente do SINTRAF de Presidente Tancredo Neves e do Polo Sindical

Localização

Presidente Tancredo Neves

A intervenção da FASE Bahia com as ações de geração de renda para jovens, apoiadas pela Petrobras, contribuíram para o fortalecimento da Agricultura Familiar em seu município? Por quê? Dê exemplos que você conhece?

Eu acredito que para avançar na conquista de direitos é necessário estarmos organizados por meio de associações, sindicatos e cooperativas. A atuação da FASE é fundamental nesse processo de formação e organização. O êxodo rural cresce cada vez mais, o perfil do campo é de pessoas idosas, cansados da luta diária. Os jovens vão para a cidade por vários fatores: pouca terra, o que impossibilita o cultivo e a única alternativa é trabalhar para fazendeiros, ou ir para cidade; o acesso à educação, saúde, habitação, lazer, tecnologia, é complicado, pois ou não existem, ou são de péssima qualidade.

Entendo que a iniciativa da FASE tenta mudar essa realidade, trabalhando com alternativas para que essas famílias tenham uma vida digna. Isto incentiva e desperta a curiosidade da juventude que tenta fazer a diferença em suas comunidades.

Após esta iniciativa, muitos jovens se inseriram na diretoria de associação, do sindicato, e voltaram a morar no campo.

A semente foi semeada, estas famílias

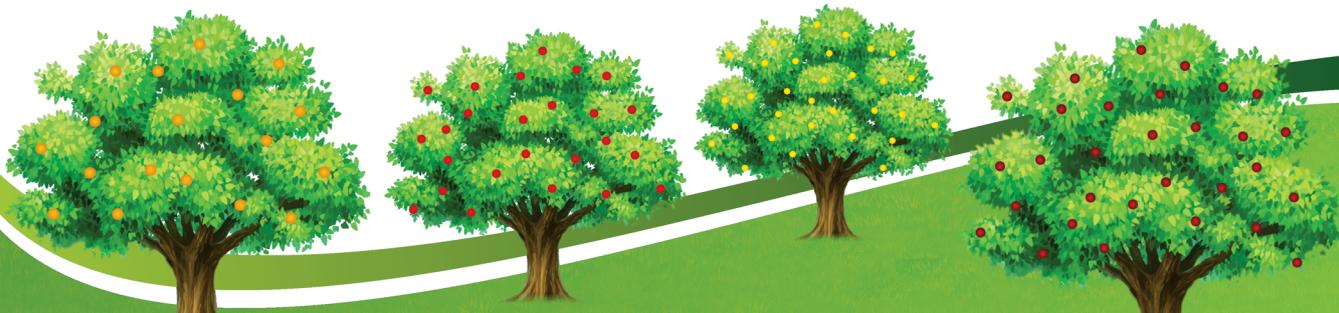
que são assessoradas, são motivadas a produzir seu próprio alimento respeitando o meio ambiente, e a participar das discussões sobre agricultura familiar. A participação da juventude nas organizações é fundamental, pois eles são o hoje e o futuro das nações.

Você identifica algum avanço nesses temas, em seu município, a partir das ações dos jovens que participam do projeto executado pela FASE? Quais seriam os mais importantes? Tente exemplificar com casos concretos que você ficou sabendo, ou acompanhou.

O uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos são frequentes na região. É notória a necessidade de informação sobre os riscos desse uso pois, na maioria das vezes, esses produtos são manipulados



Isabel sempre reservou tempo em sua agenda para acompanhar o desempenho de jovens participantes do projeto, visitando suas áreas, conversando e trocando ideias com os jovens.



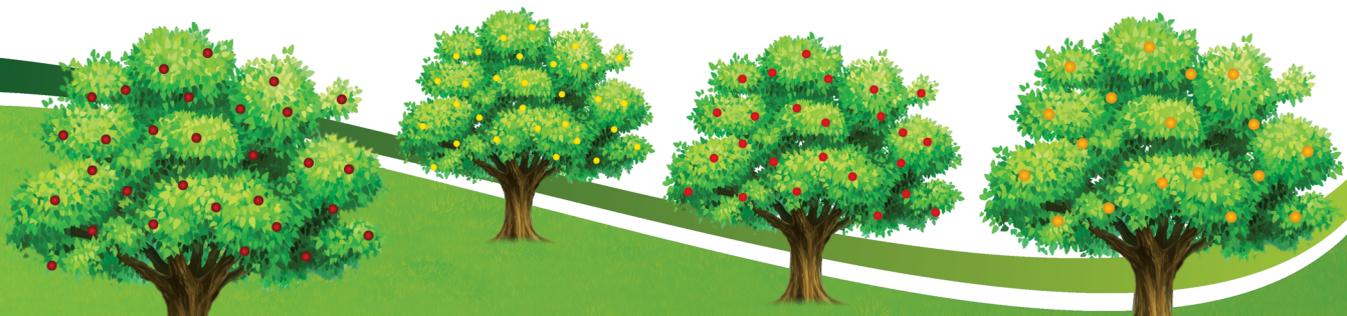
de forma incorreta. Muitos até utilizam o recipiente do veneno para colocar água. Esse comportamento não só afeta a propriedade de quem usa, mas toda a comunidade, o solo, o lençol freático.

Este trabalho com jovens explica o que é transição agroecológica, fortalecimento da agricultura familiar, geração de renda, inclusão social, segurança alimentar e nutricional e acesso as políticas públicas. Todas essas ações têm despertado muitas famílias para enxergar a realidade atual. E muitas delas pouco a pouco estão fazendo a transição. Alguns jovens não alcançaram o resultado esperado, mas 99,9 % deles cumpriram com suas responsabilida-

des, participaram das formações previstas no programa, multiplicaram conhecimento nas comunidades, e servem de experiência para outros jovens. A gente vê jovens acessando mercados institucionais, participando de debates da agricultura familiar e gerando renda no campo, o que possibilita a sua permanência no campo. Portanto, o resultado depende principalmente do jovem e da participação da família no processo. Devemos lutar pela permanência dos nossos direitos que já conquistamos, e ir na busca do que ainda falta. Para tanto é necessário estarmos organizados. Bem diz o ditado popular “uma andorinha só não faz verão”.



Momentos iniciais de definição das áreas e modalidades de Núcleo Produtivo, com a participação de Isabel Cruz. Aqui ela acompanha o processo com a jovem Mauriza, na Comunidade de Coruja I.



Falam dirigentes das entidades parceiras

Antônia Queiroz

Representação

Dirigente da CAAF Central das Associações da Agricultura Familiar de Valença

Localização

Comunidade do Gervásio – Valença, BA.



Jovens da Comunidade de Gervásio, em Valença, contaram com o apoio frequente de Antônia Queiroz que acompanhou de perto grande parte das atividades.

A intervenção da FASE Bahia com as ações de geração de renda para jovens, apoiadas pela Petrobras, contribuíram para o fortalecimento da Agricultura Familiar em seu município? Por quê? Dê exemplos que você conhece?

Sim, porque os jovens estão mais participativos nas reuniões da associação, muitos continuaram na área rural, cuidando de suas roças com a família. O projeto incentivou a alguns jovens a voltarem para a sala de aula, e a renda gerada ajudou não só os jovens mas às suas famílias também. A FASE no Gervásio, para nossos jovens, foi como uma mãe, pois através do impulso do projeto os jovens construíram casa, compraram moto, aumentaram as plantações,

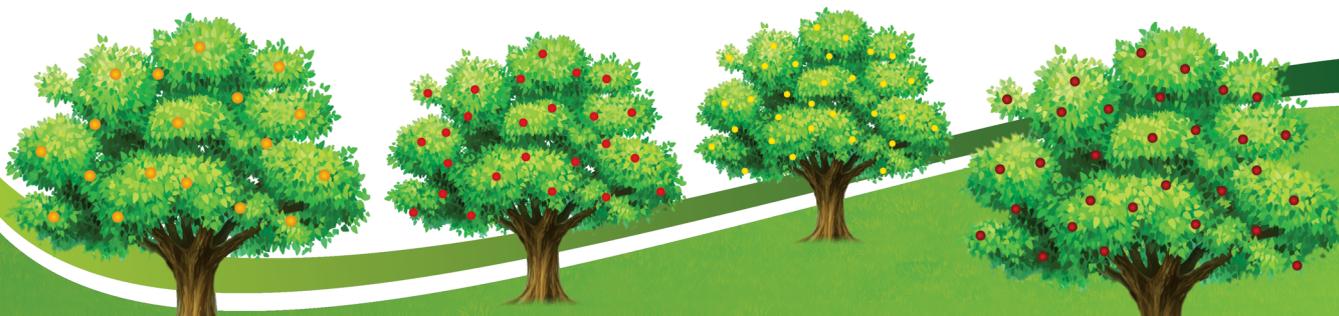
e passaram a valorizar melhor a família, tiveram mais acesso ao PRONAF, através do conhecimento sobre as políticas públicas, que foram fornecidos pela FASE nas formações.

Você identifica algum avanço nesses temas, em seu município, a partir das ações dos jovens que participam do projeto executado pela FASE? Quais seriam os mais importantes? Tente exemplificar com casos concretos que você ficou sabendo, ou acompanhou.

Não é possível identificar entre todos o mais importante, pois todos foram importantes, desde a geração de renda, como exemplo disso, posso falar que os jovens continuam com seus núcleos funcionando. Quanto à CAAF, só temos a agradecer a FASE Bahia, que fortaleceu nossa região, desde nossa participação nas ações e os conhecimentos adquiridos. Isso fortaleceu nossa associação, ao ponto de termos concorrido a alguns editais públicos relacionados a outros projetos, e conseguimos acessar alguns. Nossa comunidade, junto com a CAAF, enfrentou o desafio de aprender como elaborar e disputar projetos. Hoje se pode dizer que tem gente da nossa associação que já sabe fazer projetos!



Antônia Queiroz também participava de atividades de formação, representando a CAAF nas reuniões com grupos de mulheres, e nos intercâmbios realizados para troca de experiências.



Falam dirigentes das entidades parceiras

Regina Cerqueira; e Marinalva de Almeida

Representação

Dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de São Miguel das Matas

Segundo Regina Cerqueira que é a Presidente, e Marinalva de Almeida, diretora da Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente, e Reforma Agrária, a parceria com a FASE foi de grande importância, podendo modificar a vida dos jovens das comunidades da Barra; Tabuleiro da Santa; e Riachão. Essas comunidades não possuíam assessoria técnica regular antes do trabalho da FASE em São Miguel das Matas. Com a FASE na comunidade, as mudanças foram aparecendo e transformando a vida dos jovens e de outras famílias.

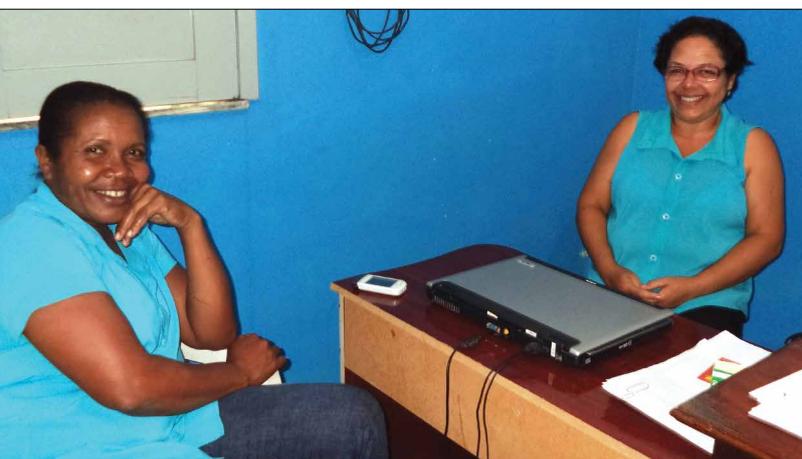
Marinalva lembra que “As escolhas dos jovens foram feitas em parceria com o Sindicato, e as Associações que conheciam os jovens das comunidades.” Regina complementa dizendo que “A gente percebia que vários jovens não possuíam renda própria e viviam procurando saídas fora das suas pro-

priedades. Hoje a gente entende que esses jovens passavam por situações de vulnerabilidade social”.

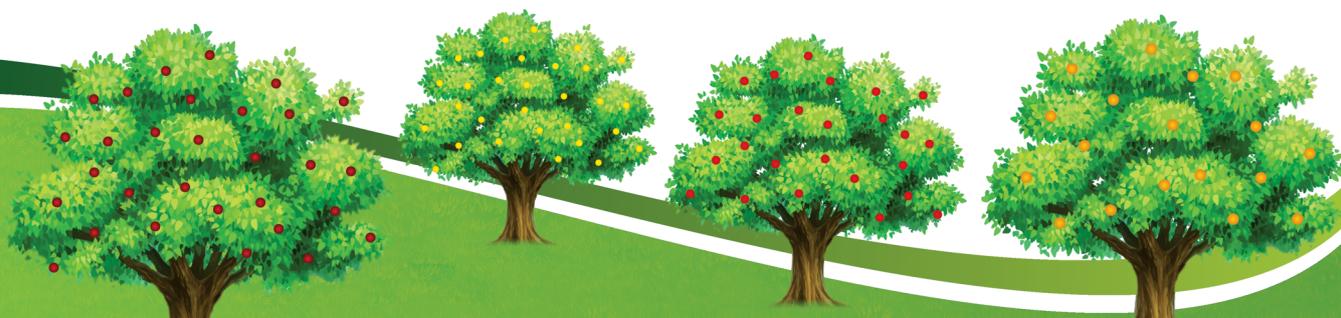
Nos seus depoimentos, tanto Regina como Marinalva identificam mudanças na rotina dos jovens que participaram das atividades. Verificaram que a renda dos jovens aumentou, e que o comportamento de vários desses jovens também se alterou, pois registram maior participação deles no sindicato. Marinalva explicita “Sei de vários jovens que se tornaram sócios do Sindicato a partir de seu envolvimento nas atividades do projeto”. Regina fala que “Jovens passaram a se assumir como lideranças na própria comunidade e nas associações. Exemplo disso é a jovem Patrícia de Jesus que foi eleita presidente da Associação da Comunidade do Tabuleiro da Santa”.

Marinalva afirma que “Alguns dos jovens estão sendo convidados a participar da nova Diretoria do Sindicato que está em formação”. Falam que aumentou a procura por DAPs entre os jovens, fator indispensável para elevar o acesso das famílias agricultoras aos programas governamentais e políticas públicas existentes no município.

Ambas as diretoras afirmam que o apoio financeiro da Petrobras, e as ações da FASE foram importantes porque permitiram aos jovens implantarem seus núcleos produtivos, gerando renda e garantindo sua permanência no campo com melhor qualidade de vida, além de mudanças no jeito de trabalhar, avançando nas práticas agroecológicas, com respeito ao meio ambiente e diversificação da produção. Observaram a importância do apoio da família para estimular os jovens e manifestaram a vontade do Sintraf em conquistar mais projetos como este realizado pela FASE, para fortalecer a organização das famílias agricultoras de São Miguel das Matas, em suas lutas pela defesa de direitos e por novas conquistas.



Regina e Marinalva na sede do SINTRAF de São Miguel das Matas, ou quando presentes nas comunidades, puderam acompanhar e apoiar os trabalhos desenvolvidos.



Falam dirigentes das entidades parceiras

Nayara Matos dos Santos

Representação

Coordenadora do Polo Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Região de Amargosa

A intervenção da FASE Bahia com as ações de geração de renda para jovens, apoiadas pela Petrobras, contribuíram para o fortalecimento da Agricultura Familiar em seu município? Por quê? Dê exemplos que você conhece?

Não tínhamos programas voltados para a juventude rural na nossa região. Esta era e ainda é uma carência muito grande. A FASE chega com um novo olhar e faz com que o jovem passe a ter outra perspectiva de vida, uma nova visão sobre o que significa mesmo ser agricultor familiar. As ações da FASE, principalmente estas apoiadas pela Petrobras, possibilitaram aos jovens acreditar que é possível sim permanecer no campo com dignidade, fortalecendo suas organizações, produzindo e comercializando seus produtos.

Você identifica algum avanço nesses temas, em seu município, a partir das ações dos jovens

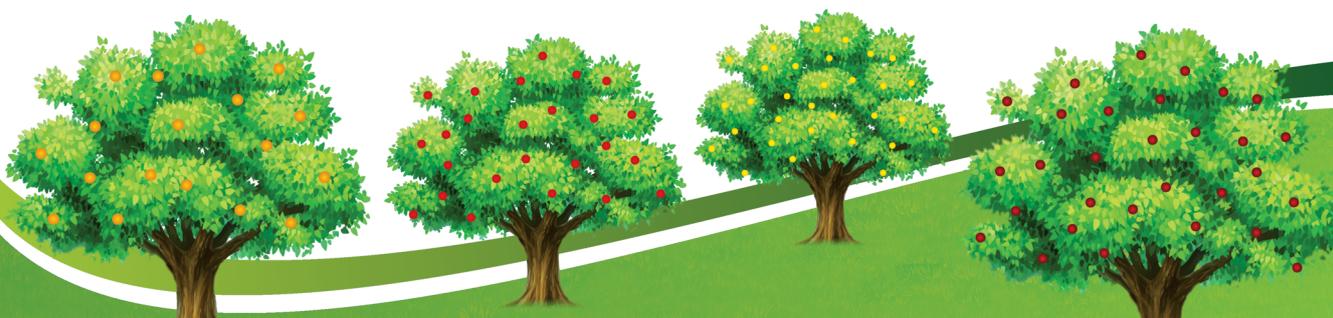
que participam do projeto executado pela FASE? Quais seriam os mais importantes? Tente exemplificar com casos concretos que você ficou sabendo, ou acompanhou.

Para nós do Polo Sindical, a parceria com a FASE possibilitou aos filhos e filhas de agricultores familiares ampliarem sua participação nos sindicatos e associações. Hoje temos mais jovens e famílias agricultoras com conhecimentos e praticando agroecologia em suas áreas. Sabemos que tudo ainda está iniciando, mas sem começar a gente não avança nunca. Outra melhoria que percebemos é na comercialização. Cresceu o número de jovens e de famílias que estão entendendo melhor como funciona, e acessando o PNAE e o PAA. Mais gente está se dispondo a ir vender seus produtos nas feiras dos municípios, e tem mais gente aproveitando a própria comunidade para realizar suas vendas.

Nós do Polo queremos que a FASE continue recebendo apoio da Petrobras e de outros financiadores, para poder prosseguir nestas ações. As mudanças que começaram têm de continuar. Nossos jovens agricultores precisam acreditar mais em si mesmos, e na força da organização. Sabemos que é possível viver no campo com dignidade.



Nayara e integrantes da direção do Polo Sindical, durante as manifestação em homenagem ao 1º de Maio que em 2015 foi feita em Presidente Tancredo Neves.



Falam dirigentes das entidades parceiras

Roque de Jesus Santos Filho

Representação

Dirigente do SINTRAF de Mutuípe

Município

Mutuípe

Em seu depoimento, Roque afirma que “O SINTRAF de Mutuípe, em seus 29 anos de atuação, tem como objetivo Lutar e Defender a Vida”, e complementa “Para alcançar esse objetivo, as parcerias são indispensáveis, e um dos nossos grandes parceiros é a FASE que tem um papel fundamental no fortalecimento das ações feitas pelo SINTRAF”.

Roque menciona que “O Projeto Jovens Gerando Renda na Agricultura Familiar tem sido muito importante para o fortalecimento da categoria, mudando a realidade de dezenas de jovens, famílias e comunidades. Melhorou a renda de quem não tinha nenhuma perspectiva de sobrevivência no campo, por falta de orientações técnicas adequadas”. Roque



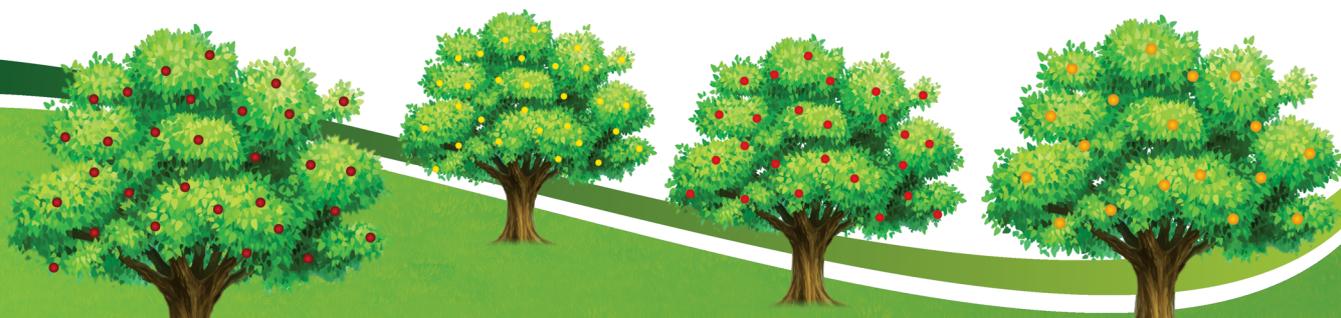
Roque na sede do SINTRAF de Mutuípe.

ênfata que foi muito positiva a oportunidade de construção de conhecimentos sobre “manejo correto do solo, políticas públicas, e noções relacionadas à agroecologia”. Prosseguindo em seu relato, Roque aponta que “O fortalecimento da organização da propriedade, da comunidade, se deu com o incentivo para a criação de várias associações, reacendendo a esperança da juventude”.

Segundo Roque “A parceria com a FASE ampliou nossa organização e conseqüentemente permitiu maior fortalecimento da Agricultura Familiar, com a manutenção da juventude no campo. Tivemos casos de maior acesso ao crédito, aumento da produção, da comercialização e da renda, sempre respeitando a diversidade de cada região e os aspectos ambientais”. Roque vai finalizando seu depoimento lembrando que “Avançamos na conquista das políticas públicas como PNAE e PAA, apesar das dificuldades, mas estamos vencendo esta batalha, na perspectiva de que um dia possamos ser verdadeiramente reconhecidos e nossos direitos respeitados, com a certeza de que a luta, quando a fazemos unidos e com clareza do que queremos, conseguiremos chegar a vitória”.



Roque esteve presente em várias comunidades de Mutuípe, onde residem jovens participantes do projeto.



Jovens comentam suas experiências

Uma evolução consistente

Amilton Santos Pereira

Comunidade

Paó

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

Esta é uma das experiências oriundas da 1ª Etapa que avançaram tanto no aspecto econômico, como no social. Amilton, conforme seu depoimento, resgata a surpresa que sentiu quando foi procurado, pela técnica Rosélia Melo, da FASE. Ouviu as explicações iniciais sobre o projeto, e perguntou se poderia participar, pois sua família não era associada ao SINTRAF, naquela época. A FASE esclareceu que se buscava tanto a ampliação das oportunidades de geração de renda, como o estímulo à inclusão social e política dos jovens e de suas famílias. A filiação, ou não, ao SINTRAF, teria de ser uma decisão informada e consciente de cada pessoa.

Amilton relata o que identifica como de mais importante nesta sua trajetória; a aquisição de novos conhecimentos e experiências; o apoio da família para a superação das dificuldades encontradas; a oportunidade de fortalecer o seu vínculo com a agricultura familiar.

Relembrando passos dados nesses 4 anos, Amilton destaca como positivo que quando saía para as formações, sua família se responsabilizava pelo manejo da criação.

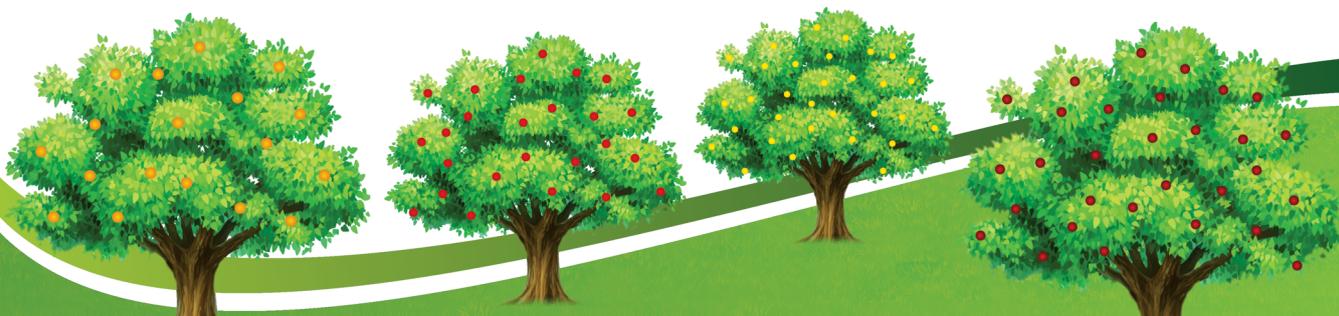
Amilton se entusiasma ao relatar como funciona seu Núcleo Produtivo. “Hoje minha criação de suínos está servindo como referência para o projeto,



Com assessoria técnica da FASE foram instaladas fossas coletoras, em sequência, para o devido tratamento dos resíduos da pocilga que vem sendo utilizado como fertilizantes nas plantações.

onde consigo integrar todas as ações que são realizadas na mesma. Tenho um sistema ambientalmente correto, onde os dejetos dos suínos são reutilizados através de um sistema de fossa montado com assessoria técnica da FASE. Neste sistema utilizo os resíduos sólidos para produção de compostagem, e os líquidos passam por um processo de decantação por três tanques de ferro-cimento construído pela família com assessoria técnica da FASE e recursos do projeto, e na terceira são retirados e reutilizados como fertilizante. Este sistema vem sendo copiado pelos demais jovens do projeto e agricultores em Presidente Tancredo Neves, e até em outros municípios. Minha propriedade vem sendo cenário para a realização de Dias de Campo, e Intercâmbios”.

Solicitado pela técnica Rosélia Melo a falar um pouco mais sobre o que mudou em sua vida, atra-



vés do projeto, Amilton conta: “Aprendi a reutilizar subprodutos agrícolas na alimentação animal”.

No que se refere à geração de renda, a avaliação de Amilton aponta que “Meu núcleo produtivo de suinocultura vem gerando renda, infelizmente não é uma renda extraordinariamente expressiva, mas em relação à renda que eu tinha no início do programa, ela se torna bastante expressiva”. Nesta sua avaliação, Amilton demonstra que compreendeu vários conceitos trabalhados tanto nos eventos de formação, como nas visitas de assessoria técnica, afirmando que “Considero que além dos animais produzidos e que depois são vendidos ou consumidos, sei que minha criação gera também subprodutos, como a compostagem e o fertilizante líquido extraído dos tanques de fermentação, e que são utilizados na unidade produtiva da família como adubo das plantações que temos; e que podem ser considerados como renda não monetária”.

Além disso, Amilton percebe que melhorou tanto a produção de hortaliças, feijão, milho; como

a criação de galinhas caipira, ambas incentivadas e assessoradas pela FASE.

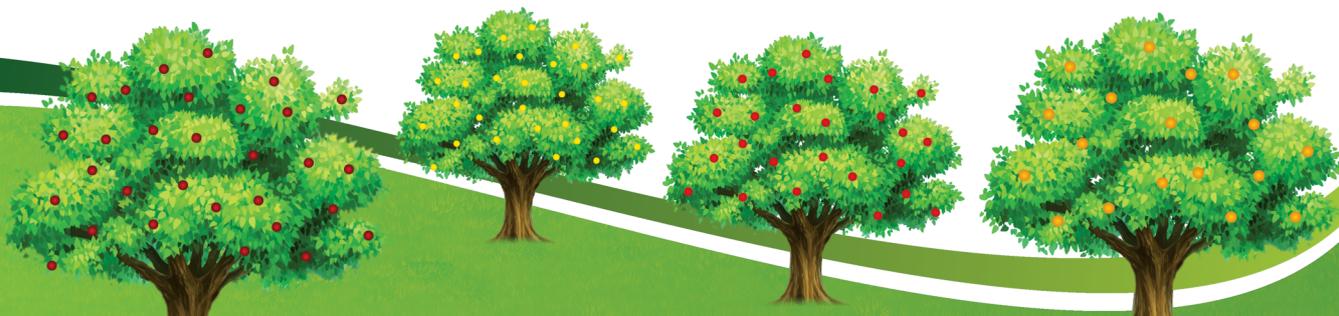
“Foi através do projeto que passamos a produzir para o consumo nosso, de forma limpa, sem agrotóxico, o que vem contribuindo efetivamente com a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional da família”, complementa Amilton.

Prosseguindo em seu depoimento, Amilton lembra outros aspectos importantes. “Após minha participação no projeto, a comunidade está sendo mais beneficiada, pois outras iniciativas estão chegando, como os serviços de ATER e a promoção da agroecologia”.

Em termos de auto estima, Amilton vai direto ao ponto: “hoje sou visto, antes eu era apenas mais um, hoje sou alguém que tem conhecimento e possibilidade de passar informações para as famílias que residem aqui; além de tudo isso, hoje conheço diversas políticas públicas, como as de comercialização, tipo PAA e PNAE, e venho representando minha comunidade perante o SINTRAF e demais espaços em nosso município.”.



Núcleo Produtivo promoveu integração entre horticultura e suinocultura. Aqui Amilton cuida de sua horta.



Apostando no esforço coletivo

Agnaldo Santos de Andrade

Comunidade

Rio do Braço

Município

Mutuípe – Bahia – Brasil

Ingressou em 2013. A comunidade do Rio do Braço vem sendo trabalhada pela FASE desde 2008, fato que contribuiu na seleção de Agnaldo que contou com o apoio do SINTRAF e da associação local.

Agnaldo reflete sobre sua participação e destaca aspectos relevantes. “Adquiri conhecimentos que me ajudam a melhorar o que faço. Hoje sei mais como fazer o manejo e a conservação do solo da minha área”. O técnico Nadilton Andrade, responsável pela assessoria da FASE entra na conversa e diz que “hoje já se pode observar a diferença entre uma área cultivada no sistema convencional de produção, e a área onde Agnaldo aplica práticas agroecológicas.” Agnaldo lembra que hoje é sócio da Associação, e participa de atividades do SINTRAF de Mutuípe.

Agnaldo mencionou “A importância de discutir o acesso a canais de comercialização, pois me cadastrei



Agnaldo na área que vem sendo diversificada e manejada para se tornar um SAF – Sistema Agroflorestal.



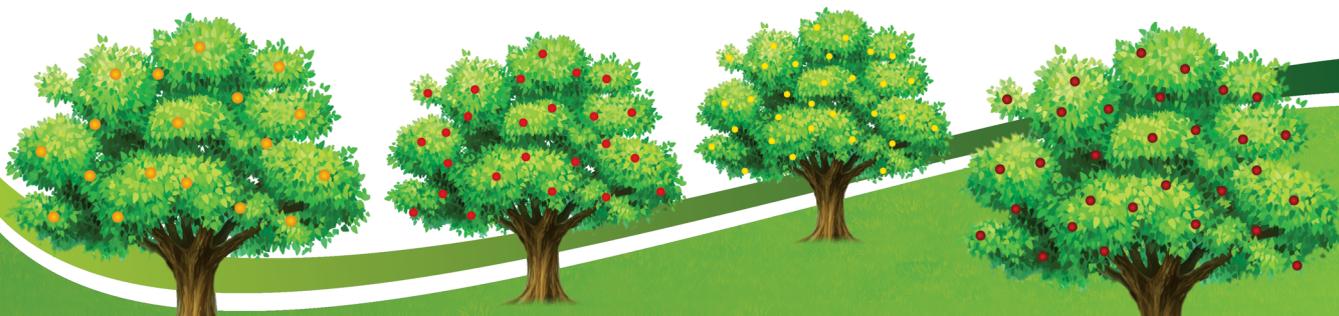
Veículo da FASE adquirido com recursos da Petrobras, entregando mudas de frutíferas para o Núcleo Produtivo de Agnaldo.

no PAA Municipal, e venho me planejando para cultivar produtos que serão comercializados neste programa.”

Agnaldo afirmou que “Não houve dificuldade em participar das ações do projeto mas, por eu ser meio tímido, ficava nervoso quando era necessário se expressar em público, como nas oficinas, intercâmbios e Dias de Campo”, e conta que “Decidi me juntar às cinco jovens que já atuavam na comunidade desde 2011, destinando parte dos recursos do meu núcleo para aquisição de equipamentos para a agroindústria que já vinha funcionando na comunidade”.

Prosseguindo, Agnaldo relata que “O valor restante eu utilizei para adquirir uma roçadeira, mudas de frutíferas, e insumos orgânicos para ampliar um sistema agroflorestal aqui na propriedade”. Agnaldo avalia que esta decisão melhorou sua geração de renda “Aumentei minha produção de frutas, obtendo retorno financeiro na comercialização de banana que chega mais cedo; depois vão vir as colheitas das outras frutíferas; quero que meu sistema seja bem diversificado.”

Agnaldo implantou uma horta em sua propriedade que contribui para a Segurança Alimentar e nutricional da sua família.



Avançando com firmeza em vários campos

Josimário Marques dos Santos

Comunidade

Riachão

Município

Laje – Bahia – Brasil

A FASE vem atuando na comunidade do Riachão, em parceria com o SINTRAF de Laje há quase 10 anos, e Josimário está na caminhada desde 2011. O potencial de Josimário foi percebido pela jovem que atuava no Riachão como AMA – Agente Multiplicadora de ATER.

Josimário conta que “quando conheci o projeto, eu já estava de malas prontas para ir trabalhar em Santo Antonio de Jesus. Graças ao projeto permaneço na minha comunidade, gerando renda e ajudando meus pais”. Segundo o jovem, “O projeto fez uma revolução na minha vida. Através das informações e capacitações da FASE, refleti e escolhi a modalidade do Núcleo Produtivo que é misto de fruticultura, e avicultura”. Josimário explica “Toda minha vida trabalhei com mandioca, e no projeto recebi mudas frutíferas, e aprendi a importância da diversificação da área produtiva. Percebi que dava de ampliar o que se tinha plantado numa mesma área”. De



Em sua área de plantios, Josimário vem buscando diversificação e melhor aproveitamento do pouco espaço disponível.

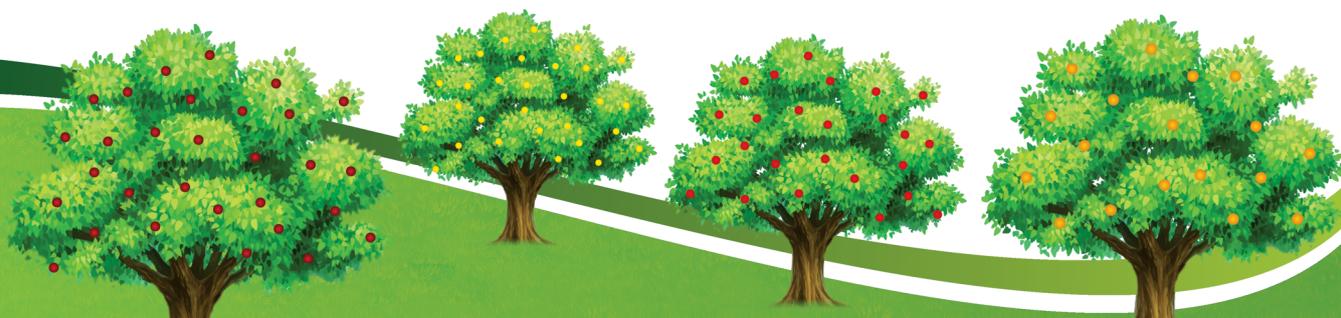
acordo com Josimário “Minhas aves eram de postura e de corte, e eu já estava pensando na venda para o PNAE dos ovos. E tinha também a vontade de vender frangos, vivos ou abatidos, aqui mesmo pela comunidade”. Conta que “Agora posso dizer que eu sou um cidadão conhecedor de políticas pública, porque participei das capacitações e recebo assessoria da FASE. Em 2011, acessei o Habitação Rural, e é nesta casa onde moro hoje com minha família. Em 2012, me tornei sócio do sindicato, tirei DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf), e fui eleito presidente Associação Comunitária dos Moradores e Agricultores do Riachão. Em 2013 acessei o PNAE e vendo parte da minha produção de hortaliças, coco, banana, laranja etc.”.

As atividades realizadas pela FASE, segundo Josimário “Contribuíram para a aquisição de conhecimentos que foram aplicados aqui, porque trataram de assuntos demandados pela própria comunidade”. Josimário está no I semestre de Educação no Campo, pela UNEB - Universidade Estadual da Bahia, em curso de alternância, e é membro do Conselho Tutelar de Laje.

É importante mencionar que a venda da produção hoje ampliada e consolidada, de Josimário, não depende apenas de um canal. Estas vendas ocorrem de forma diversificada. Parte escoa no PNAE, parte vai para o mercado local e na própria comunidade. A produção da hortaliças feitas sem venenos, com a utilização de adubos orgânicos é para auto consumo. A venda das aves é feita na comunidade e no mercado local.



Josimário com suas aves que são criadas aproveitando ao máximo recursos existentes na propriedade e vizinhanças, para sua alimentação e manejo.



Abrindo novos caminhos

Girlandia Santos Vicente

Comunidade

Duas Barras do Fojo

Município

Mutuípe – Bahia – Brasil

Girlandia gostou da oportunidade de acessar novos conhecimentos “Fiquei mais informada sobre produção de galinhas e também alcancei conhecimentos sobre produção de suínos, horticultura, e fruticultura, conhecimentos essenciais para eu atuar com outras famílias na comunidade”.

Jovens enfrentam problemas semelhantes aos de suas famílias. Um desses problemas é encontrar alternativas de comercialização mais favoráveis. Girlandia avalia como importante ter tido acesso a informações sobre o que é, e como funcionam o PAA e o PNAE. Girlandia já realizou cadastro para venda no PAA do município.

Girlandia realça o apoio recebido de sua família. Segundo Girlandia “Teve situações em que não consegui participar, quando houve necessidade de sair da comunidade para eventos de formação, e minha família não podia cuidar dos meus três filhos pequenos”.

A escolha do Núcleo Produtivo de avicultura se deu porque “Aqui tem pouca água e a propriedade é pequena, então caso criasse porcos, a pocilga ficaria

muito perto da casa e poderia trazer problemas com mau cheiro”.

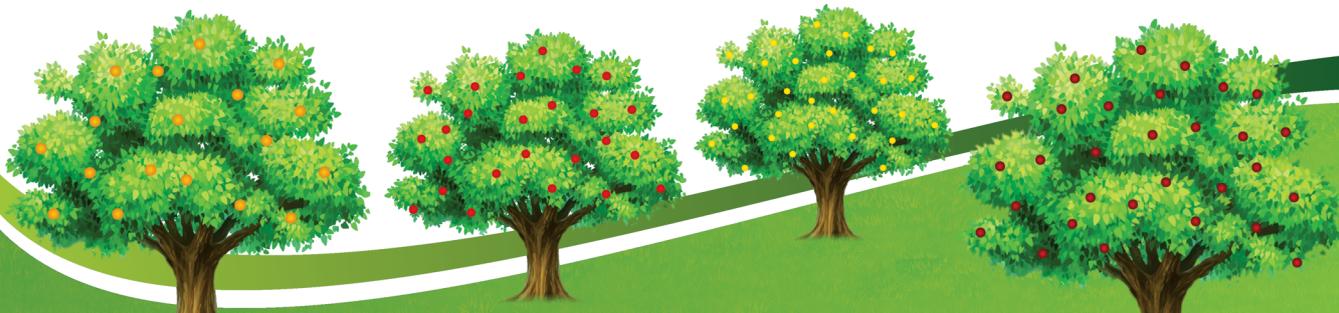
A jovem relata que obteve geração de renda comercializando aves. No que se refere à renda não monetária, Girlandia cita o auto consumo das aves e hortaliças, o que ajudou a melhorar a SAN – Segurança Alimentar e Nutricional da família.

Girlandia comercializa sua produção na comunidade, porém está se organizando para acessar o PAA e PNAE no município.

A jovem está inserida na Associação, onde passou a ser Secretária. Integra o grupo produtivo de chocolate caseiro, o grupo religioso, e o conselho escolar. Girlandia é sócia do SINTRAF e participa da construção da Cooperativa de Agricultores Familiares do município.



Aspecto do aviário construído por Girlandia, aproveitando o máximo possível de materiais pré existentes na sua propriedade familiar.



Permanecendo no campo com renda melhorada

Patricia de Jesus dos Santos

Comunidade

Tabuleiro da Santa

Município

São Miguel das Matas – Bahia – Brasil

Patrícia conheceu o projeto em 2013, através da Associação do Tabuleiro da Santa e Engenho Velho, onde atuava como secretária da Associação, e pelo Grupo de Mulheres assessorado pela FASE. Percebe-se, portanto que Patrícia já tinha inserção social na comunidade, preenchendo critérios utilizados na seleção dos jovens.

Em seu depoimento, Patrícia esclarece que “Escolhi o núcleo de suinocultura porque minha família tinha algum conhecimento sobre criação, mas a gente não possuía uma pocilga adequada. Nossos animais eram criados na corda”. Patrícia lembra que “Nossa proprie-

dade é pequena, e ocupada com cacau, então não tinha muito espaço para pensar em novos plantios”.

Aproveitando bem os recursos do projeto, Patrícia construiu a pocilga adequada para a criação de suínos. Segundo ela “A formação foi muito importante, participei de todas as atividades que trouxeram bons conhecimentos para a criação dos suínos”.

Patrícia faz questão de mencionar que “Já estava com emprego certo para trabalhar no comércio em Santo Antonio de Jesus, porque não possuía renda aqui na propriedade, mas, com minha participação no projeto, permaneci aqui gerando renda com a criação de suínos para engorda”.

A jovem menciona que agora conhece melhor políticas públicas e que “Em 2014 tornei-me sócia do Sintraf, e reforcei minha participação no grupo produtivo de mulheres. Em 2015 fui eleita presidente da associação do Tabuleiro da Santa e Engenho Velho”.

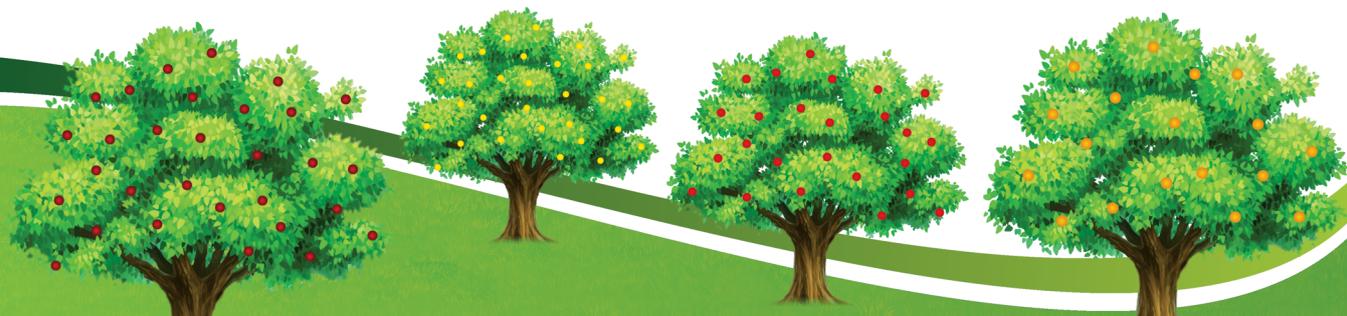
Com a assessoria técnica da FASE, Patrícia aprendeu a fazer ração balanceada para os suínos, com matéria prima local. Patrícia conta que “Consigno utilizar estrume dos porcos para fazer compostagem e aplico na horta. As verduras e restos que não consigo comercializar eu uso na alimentação dos suínos. Também troco produtos com a vizinhança que compra minhas verduras”.

Patrícia estimulou outros jovens e famílias para fazerem um projeto de venda para o PNAE. A jovem faz comercialização vendendo hortaliças, e suínos vivos na comunidade. Os doces, pães, e bolos produzidos pelo grupo de mulheres são vendidos na feira de São Miguel das Matas. Patrícia participou da Expoagrifam, e da Feira do Agricultor Familiar, organizada anualmente pelo Polo Sindical, e tem sua DAP.

Patrícia conta que com esta renda aumentada voltou a estudar e está fazendo curso técnico de enfermagem. Ela afirma que “É possível permanecer no campo com renda e com uma boa formação”.



Veronice Souza, técnica da FASE responsável pela assessoria técnica, dialogando com Patrícia e familiares sobre manejo dos animais na pocilga recém construída.



Na trilha dos bons exemplos

Gleide dos Santos

Comunidade

Riachão

Município

Laje – Bahia - Brasil

Foram os jovens Josimário, e Mirian, cujas experiências também estão registradas nesta Sistematização que indicaram Gleide para participar, em 2013.

Gleide conta “Eu já vinha vendo o que outras jovens estavam fazendo no projeto e estava interessada. Por isso, quando surgiu a oportunidade, nem pensei duas vezes e fui logo aceitando”.

Como sua área de terra é mesmo muito pequena, inferior a 1 hectare, Gleide relata que “Escolhi meu Núcleo Produtivo de avicultura de corte, porque conhecia os resultados positivos de geração de renda de outros jovens daqui da comunidade, beneficiados em 2011, e sentia que mesmo tendo pouco espaço, poderia ter sucesso na atividade”.

Mesmo antes do projeto, Gleide já era sócia do SINTRAF de Laje, e como a Comunidade do Riachão é considerada estratégica, havia um desejo de ampliar-se a presença da FASE e de seus parceiros na localidade.

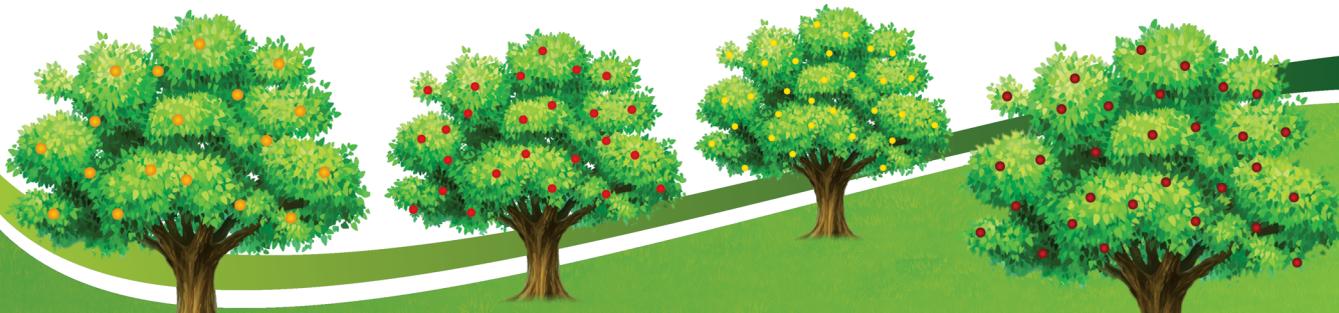
Gleide não tinha uma renda fixa. Seu sustento provinha basicamente do trabalho na produção de farinha de mandioca, mas isto se dava esporadicamente. A partir de sua integração ao projeto, com acesso aos conhecimentos gerados nos diferentes eventos de formação narrados em outras partes desta Sistematização, Gleide pôde definir onde priorizar os recursos disponí-

veis para investimento no seu Núcleo Produtivo de Avicultura. Gleide conta que “Todo manejo da criação das aves eu aprendi através da assessoria técnica da FASE, nas oficinas modulares, dias de campo, e intercâmbios realizados”.

A criação das aves procura incorporar princípios ambientalmente mais sustentáveis, apesar do contexto extremamente difícil, causado pela reduzidíssima extensão de terra disponível para a jovem desenvolver suas atividades produtivas. O criatório acontece de forma semi-extensiva, com piquete para pastoreio das aves. A técnica da FASE, Veronice Souza explica que a produção da ração acontece na própria comunidade, com aproveitamento da matéria prima produzida nas propriedades próximas. Gleide relata “A gente tenta usar vários ingredientes para obter uma ração balanceada, evitando comprar tudo pronto, vendido no comércio da cidade”.



Veronice Souza durante visita de assessoria técnica da FASE, ao Núcleo Produtivo de Gleide dos Santos.



Outro avanço em termos de práticas ambientalmente mais sustentáveis é relatado por Gleide “A integração da criação e da produção de hortaliças, onde o esterco das aves, é utilizado na compostagem, junto com outras matérias primas daqui mesmo da minha área, e isto serve para adubar a horta, e no plantio das outras culturas”.

Através das capacitações, e da assessoria técnica da FASE, a jovem e sua família acessaram políticas públicas. Em 2013, foi o PAA, junto com outras famílias do Riachão, organizadas na associação. Gleide conta que “Em 2014, a gente se inscreveu no programa de Habitação Rural, organizado aqui pelo SINTRAF, e tornei-me sócia da Associação dos Pequenos Produtores do Riachão”.

Em termos de renda, Gleide relata que atualmente “A comercialização de parte de minha

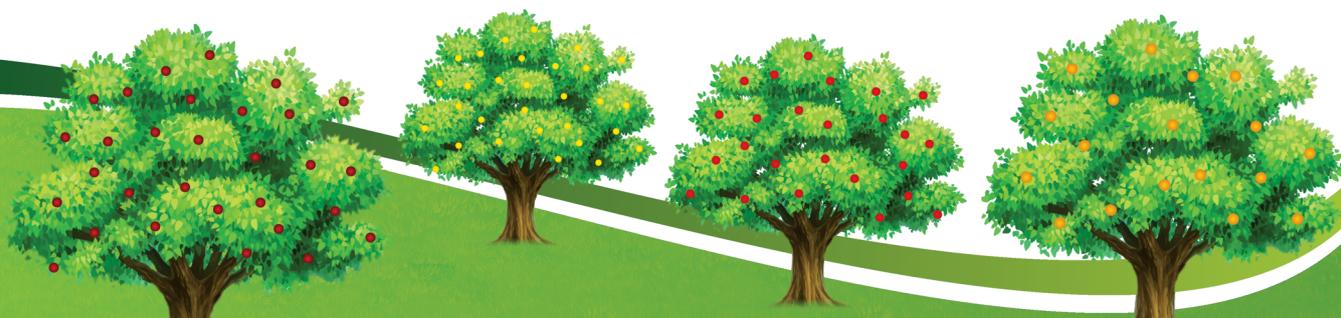
produção acontece através do PAA. Junto com minha família, vendo aves vivas e abatidas em Laje, e na própria comunidade. Parte da produção de hortaliças eu também consigo vender na própria comunidade”.

Segundo Gleide, “A assessoria técnica contribui muito para toda comunidade, através da formação e dos cursos que tivemos. Aprendemos a fazer enxertia e poda de cacau e outras frutíferas; produção de biocaldas; produção de ração para aves e suínos; controle de pragas e doenças com métodos que não empregam agrotóxicos”.

Gleide observa ainda questões referentes à melhoria da organização comunitária e sindical “Tivemos chance de trabalhar temas como cooperativismo e associativismo. Foi com estes estímulos que nós jovens do Riachão contribuimos para a reativação da Associação que estava desacreditada”.



Gleide se dedica ao manejo das aves, procurando identificar fontes alternativas de alimentação que diminuam seus gastos com aquisição de insumos.



Diversificando e agregando valor

Jocélio Moura de Oliveira

Comunidade

Barra

Município

São Miguel das Matas – Bahia – Brasil

Jocélio chamou a atenção de dirigentes do SIN-TRAF e da técnica educadora da FASE que já atuava na comunidade, foi convidado para participar de reuniões de esclarecimento, gostou das propostas, pleiteou vaga, foi selecionado e iniciou no projeto em 2013.

De acordo com seu depoimento, Jocélio participou das Oficina Modulares, Dias de Campo, e Intercâmbios, além de outros momentos em que aconteceram trocas de experiência entre jovens e pessoas das comunidades envolvidas. Jocélio conta que “Todos os temas trabalhados nas oficinas eram de necessidade para os jovens daqui, ou seja, assuntos como fruticultura, avicultura, suinocultura; indo desde o plantio, manejo até a colheita”. Jocélio lembra que “Com relação aos animais, tivemos oportunidade de conhecer mais sobre manejo sanitário, produção de ração, comercialização. Todas as capacitações ajudavam nós jovens na produção correta dos nossos produtos”.

Prosseguindo no relato, Jocélio informa que “Escolhi o núcleo de fruticultura porque já percebia que minha família perdia muitas frutas na propriedade, e que isso também acontecia com famílias vizinhas”. Jocélio viu no projeto a possibilidade de beneficiamento dessas frutas, e a consequente geração de renda não só para os jovens que se integrassem à experiência, mas também para toda a comunidade.

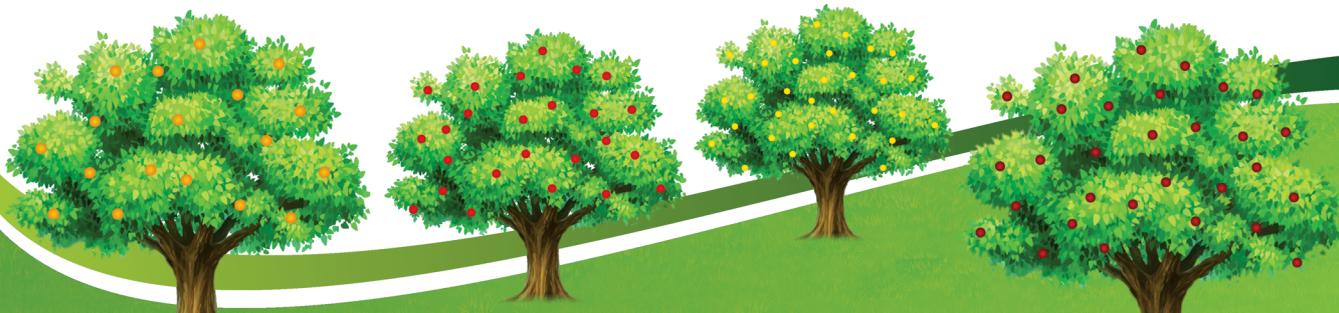
Jocélio prossegue em sua narrativa falando que “No início, perdia muita fruta na minha propriedade. Plantas como manga, cacau, caju, dentre outras,

até que carregavam bem, mas no tempo da colheita não tinha como aproveitar tudo”. Com a assessoria técnica da FASE, sob a responsabilidade de Veronice Souza, o jovem Jocélio passou a compreender melhor a importância de também produzir mais alimentos na sua área. Assim, iniciou-se uma horta. Jocélio conta que “Antes, as verduras eram compradas no comércio local, a gente gastava o pouco dinheiro que tinha, e consumia esses produtos sem saber sua origem, e deviam ser produtos com agrotóxico. Com o projeto diversifiquei a minha área de produção, incluindo diversas frutíferas, como acerola, goiaba, cupuaçu, manga clonada, açaí, rambutão, cajá precoce, canjarana abricó, sapoti, cambucá, e madeira de lei como pau brasil.”

Jocélio identifica ainda como vantagem advinda de sua participação no projeto, a possibilidade de uti-



Visitas de assessoria técnica foram feitas periodicamente, para diálogo sobre práticas produtivas aplicadas na propriedade familiar.



lizar parte dos recursos destinados aos investimentos em seu Núcleo Produtivo, para aquisição de equipamentos destinados à agregação de valor das frutas produzidas. Conta que “Recebi da FASE recursos para adquirir despoldadeira, a máquina de selar, freezer. Comecei a produzir polpas congeladas de diversas frutas, melhorando a minha renda, e a renda da comunidade, pois comprava fruta de vizinhos”.

Jocélio menciona outra fonte de renda “Hoje tenho a produção de hortaliças que além de vender, serve para nosso consumo, e a gente sabe que é um produto livre de agrotóxico”.

Outro marco na vida do jovem foi sua participação, na Associação. Hoje, Jocélio é um integrante ativo da Associação dos Pequenos Produtores do Riacho da Bananeira, e sócio do SINTRAF de São Miguel das Matas.

Jocélio, juntamente com o SINTRAF, estão tomando providências para obter a sua DAP – Declaração de Aptidão ao PRONAF, porque entenderam a importância das políticas públicas para o fortalecimento da Agricultura Familiar.

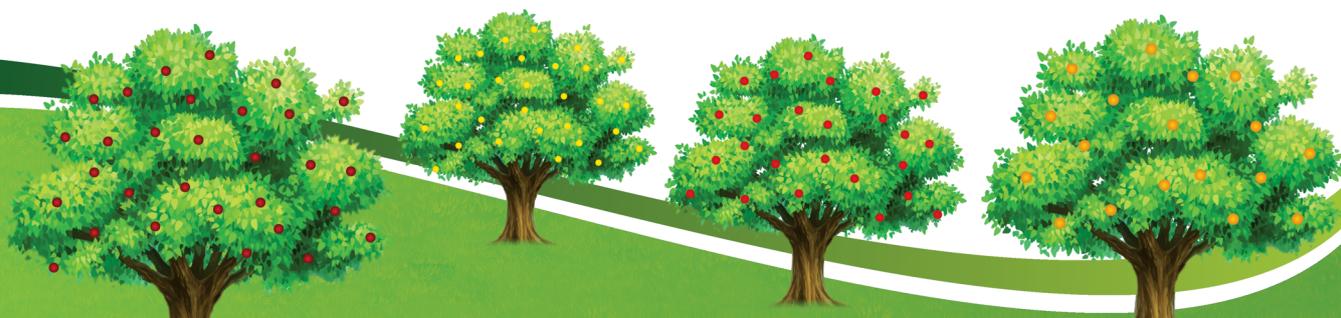
A venda das polpas congeladas acontece da seguinte forma, segundo Jocélio “Vendo eu mesmo nos mercados locais, em São Miguel e cidades vizinhas, como em Varzedo. E vendo na própria comunidade”.

A construção da unidade de fabricação das polpas foi adequada segundo a Vigilância Sanitária, e foi feita com recursos próprios da família. Outro fato relevante nesta breve trajetória do jovem Jocélio e de sua família, é a mudança gradativa de uma situação de predominância da produção em monoculturas de cacau, mandioca, laranja, e que atualmente se diversificou muito, com a introdução de outras espécies, usando mudas oriundas do projeto.

A técnica da FASE, Veronice Souza, informa que a produção de polpas como cacau, manga, goiaba, acerola, cajá, cupuaçu, em unidades de 1 kg, e nas de 100 gramas, somadas à produção de hortaliças como alface, coentro, salsa, cebolinha, cenoura, couve, etc., vem sendo feitas de maneira ecologicamente correta. Esta transformação no jeito de produzir passa ainda pela elaboração e uso de compostagem orgânica, aplicada na horta, e na adubação das plantas frutíferas.



A produção de polpas de frutas congeladas depende de pomares bem conduzidos e diversificados que foram devidamente assessorados tecnicamente pela FASE.



Melhorando o que já se fazia

Maria Deline de Jesus Souza

Comunidade

Rio de Areia

Município

Laje – Bahia – Brasil

A jovem Maria Deline foi convidada a participar do projeto em 2013, por causa da Associação Beneficente de Pequenos Produtores do Rio de Areia que além de já conhecer as ações da FASE, estava preocupada em promover condições mais favoráveis à inclusão social, econômica e política de jovens agricultores familiares. Verificava-se, portanto, uma sintonia entre as prioridades de várias

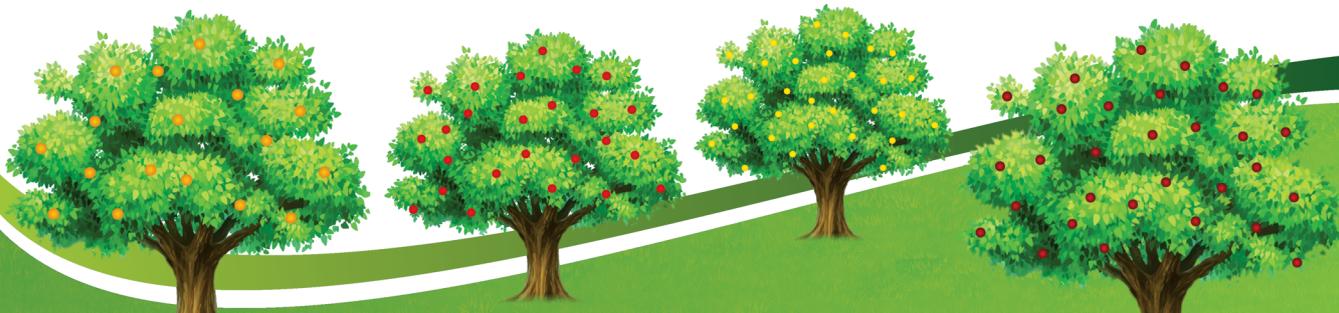
entidades que vinham atuando em parceria em Laje e na região, todas comprometidas com a promoção dos direitos, e defesa de reivindicações de interesse da Agricultura Familiar.

Maria Deline relembra que “No início, fiquei meio insegura, mas depois, com minha participação nas Oficinas Modulares, nos Dias de Campo, e nos Intercâmbios, fui conhecendo outros jovens, principalmente aqueles que começaram no projeto comigo, mas também experiências de jovens que já vinham atuando desde 2011, e assim ganhei mais confiança em mim mesma”.

Em seu depoimento que tem também caráter avaliativo, Maria Deline expõe que “Uma das partes que mais me afetou positivamente foram as visitas técnicas que recebia. Nessas visitas, eu



o manejo da criação foi trabalhado nas visitas de assessoria técnica e incluía cuidados com a saúde e alimentação das aves.



conversava muito sobre minha área e fui formando a ideia sobre como construir meu Núcleo Produtivo”.

Segundo a jovem, “Escolhi avicultura, porque meu marido que se chama Noel Souza, vendia os produtos da gente na feira de Laje, e a gente viu que por termos esta experiência, demos preferência para trabalhar com avicultura e horticultura que permitem produção rápida e quase que toda semana a gente teria algo para vender”. Como a assessoria prestada pela técnica da FASE, Veronice Souza se baseava em princípios agroecológicos, e buscava condições o mais favoráveis possíveis à adoção de práticas ambientalmente sustentáveis, foi possível debater muito com Maria Deline, e seu esposo Noel, as diferentes possibilidades de se integrar a criação das aves, com o trabalho na horta. Maria Deline lembra “Logo percebemos que uma atividade complementava e ajudava a outra. Usamos restos da horta na alimentação das galinhas, e começamos a armazenar esterco das aves e a fazer compostagem para usar nas leiras da horta”.

Ao longo do projeto, Maria Deline entendeu a importância das políticas públicas, e a necessidade dos jovens agricultores familiares procurarem ocupar espaços, para terem vez e voz na tomada de decisões que influenciam a qualidade de suas vidas.

Maria Deline lembra que “Em 2014, tornei-me sócia do SINTRAF de Laje, e da Associação, passando a ter mais informações sobre diferentes tipos de programas governamentais que existem e que podem contribuir para melhorar nossa qualidade de vida”. Maria Deline afirma que foi devido à sua participação nas ações educativas da FASE que procurou outras alternativas para ampliar sua produção “Com os primeiros resultados resultados positivos da criação e venda das aves, resolvi procurar fazer um PRONAF, para melhorias e ampliação do aviário”.

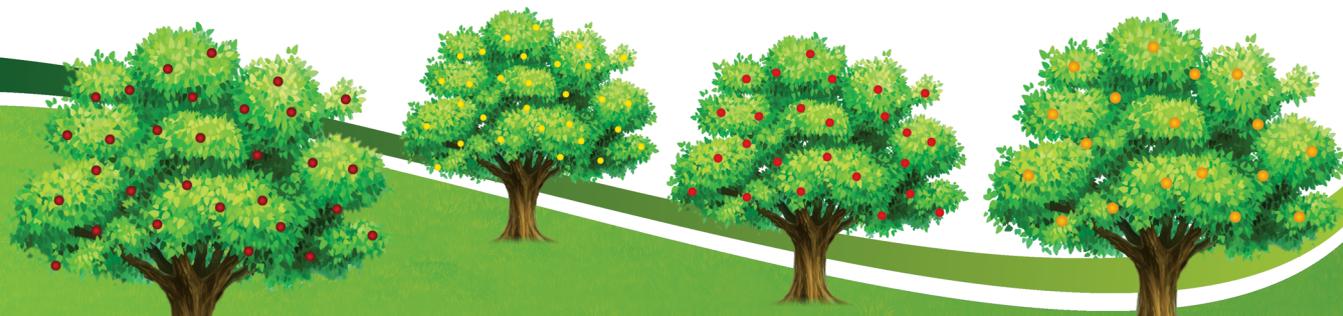


A construção do aviário também recebeu orientações técnicas em todas as etapas.

A produção da ração acontece na própria comunidade, procurando utilizar ao máximo o que já existe. Trabalha-se com os maquinários adquiridos com recursos do projeto. Maria Deline conta que “A gente aproveita o que tem disponível na propriedade, por exemplo, usamos mandioca para fabricação da ração”.

Nesta experiência aparece também a multiplicação dos conhecimentos para outras famílias, pois, segundo Maria Deline “A comunidade é beneficiada diretamente com os Dias de Campo, e visitas técnicas que não só tem nos orientado para o manejo dos plantios e criações, mas também para elaboração dos projetos de acesso a políticas públicas de interesse da comunidade”.

Em termos de geração de renda, Maria Deline conta que “Ampliamos nossa presença na feira de Laje, onde comercializamos aves e hortaliças. Vendemos também na própria comunidade. aves vivas e abatidas, e já temos fregueses em Santo Antônio de Jesus”.



Praticando o que se aprende

Maria Juscilene de Jesus Santos

Comunidade

Rio de Areia

Município

Laje – Bahia - Brasil

A Associação dos Pequenos Produtores do Rio de Areia participou do processo de identificação e seleção de jovens com potencial para se integrar ao projeto. Levando em consideração os critérios de seleção mencionados nesta Revista de Sistematização, tanto a associação comunitária, como a FASE, o SINTRAF de Laje, e jovens que já vi-
nham participando desta experiência, procuraram se somar ao processo de definir quais seriam os novos jovens a se integrar.

Foi assim que Maria Juscilene foi selecionada. Iniciou-se no projeto em 2013, e com a assessoria

técnica da FASE, sob a responsabilidade de Veronice Souza, foi reunindo conhecimentos e informações para alicerçar sua definição pela modalidade de Núcleo Produtivo desejado.

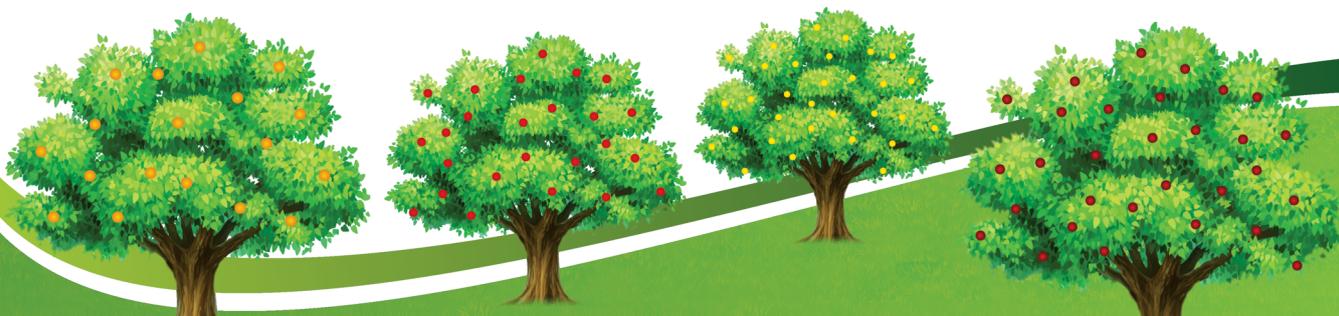
Maria Juscilene conta que “Escolhi meu núcleo de fruticultura e horticultura, porque eu já tinha uma certa produção e gostava de vender meus produtos na feira de Laje”.

Mas, não adianta apenas ter confiança no acerto das escolhas de qual vai ser a modalidade do Núcleo Produtivo. Os jovens precisam se planejar para definir como vão ser feitos os investimentos, e como integrar seu Núcleo no conjunto da propriedade familiar.

Foi isto que Maria Juscilene fez, e ela lembra que “Entendi que tinha de diversificar meus plantios. Na minha área tinha de ter outras espécies de plantas para eu ter mais coisas para vender e não depender apenas de um ou dois produtos principais”. Com a assessoria técnica da FASE, Maria Juscilene avançou com uma



Diversos jovens implantaram hortas em suas áreas, conseguindo melhorar a SAN – Segurança Alimentar e Nutricional, de suas famílias.



horta conduzida crescentemente com princípios agroecológicos, Ela conta que “Vendia meus produtos em cima de uma lona, estendida no chão na feira de Laje. Com informações e orientações do projeto, acessei uma barraca disponibilizada pelo MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário, e que chegou até nossa comunidade através da CAR - Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional da Bahia. É nesta barraca onde vendo todos os produtos que levo para feira local”.

Maria Juscilene relata que “A monocultura da mandioca é a principal cultura da propriedade de nossa família, mas isso começa a mudar, porque com o recebimento das mudas de plantas frutíferas, e insumos orgânicos, hoje tenho uma área mais diversificada, e renda o mês inteiro pois não preciso depender mais apenas da safra da mandioca”.

Prosseguindo em seu relato, Maria Juscilene assinala que “Através das formações recebidas durante esses anos, tirei minha DAP, e fiquei sabendo o que são e como funcionam o PAA e PNAE. Com a DAP pude tentar participar desses programas e fiz um PRONAF para ter outra fonte de recursos necessária aos investimentos na produção. Tudo isso somado contribui para a melhoria de minha renda que antes dependia muito só da mandioca”.

Atualmente, diz Juscilene “A comercialização acontece da seguinte forma. Vendo diretamente para o PAA, e o PNAE. As hortaliças que a gente não consome na família, a gente consegue vender aqui mesmo na comunidade, e ainda sobra para vender na feira de Laje”.

A renda gerada pelo projeto, segundo Maria Juscilene “Ajudou a gente a construir a casa própria onde residimos agora”.

Segundo a jovem, a assessoria da FASE na comunidade esclareceu

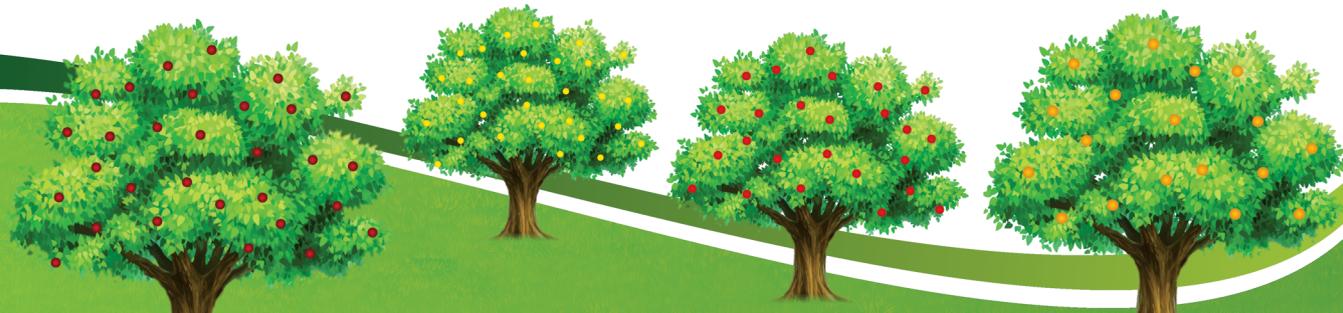
a associação sobre como acessar políticas públicas de interesse da comunidade. Jovens que recebiam orientação puderam multiplicar esses novos conhecimentos com outras famílias da comunidade, e assim mais agricultores receberam orientação técnica sobre métodos de controle de pragas e doenças de citros, sem utilização de agrotóxicos.

Maria Juscilene lembra outro fator importante “A produção de culturas de subsistência, gera renda para a família, e como a produção vem utilizando métodos mais sustentáveis, gasta-se menos com a compra de adubos químicos e venenos na cidade, sobrando mais recursos para as famílias investirem em outras necessidades. Diminuiu o custo para a produção de muita coisa que a gente tem aqui”.

Hoje se tem na área de Maria Juscilene produtos como batata, amendoim, feijão, hortaliças, goiaba, acerola, manga, cajá, aipim, Pau Brasil, saputi, rambutão, tudo através do sistema de produção consorciado.



Maria Juscilene percebeu o potencial da produção de hortaliças para comercialização nos mercados locais, e aproveitou ao máximo a pouca área disponível na propriedade familiar.



Esforço coletivo que vem dando resultados

Marirlândia Santos Muniz

Comunidade

Pau Seco

Município

Mutuípe – Bahia - Brasil

Marirlândia ingressou em 2013, com a ampliação das ações da FASE para Pau Seco.

A jovem relata que “Adquiri conhecimentos sobre políticas públicas, PAA e PNAE, e decidi me cadastrar no PAA”. Marirlândia destaca conhecimentos em agroecologia e sistemas agroflorestais, lembrando da II Oficina Modular.

Outra característica na trajetória desta jovem é sua integração ao Grupo de Mulheres da comunidade, onde está em implantação uma unidade de produção de doces, salgados, e beneficiamento de frutas. Isto é parte dos esforços das mulheres por construírem condições favoráveis à sua autonomia econômica, e fortalecimento das lutas pela garantia e defesa de direitos.

Marirlândia conta que “A escolha do meu núcleo passou por conversas com duas outras jovens da comunidade, assim como nossas famílias, e a associação local”. Marirlândia afirma que “Decidimos otimizar os recursos disponíveis em uma experiência coletiva de produção de doces, salgados, e beneficiamento de frutas que por muito tempo vinha sendo comentada na comunidade”.

Na localidade havia um prédio público desativado e se decidiu pela sua reforma e adequação para instalação da agroindústria que beneficiaria não só as jovens inseridas no projeto, mas também, as demais pessoas interessadas na comunidade. Marirlândia recorda que “Com os recursos disponíveis para a implantação do

núcleo produtivo de cada jovem, e que resolvemos agrupar, foi possível adequar as instalações do prédio e adquirir equipamentos para início da atividade produtiva”.

As jovens vem encaminhando ações para conseguirem registro na VISA – Vigilância Sanitária municipal, essencial para obtenção de licença de funcionamento.

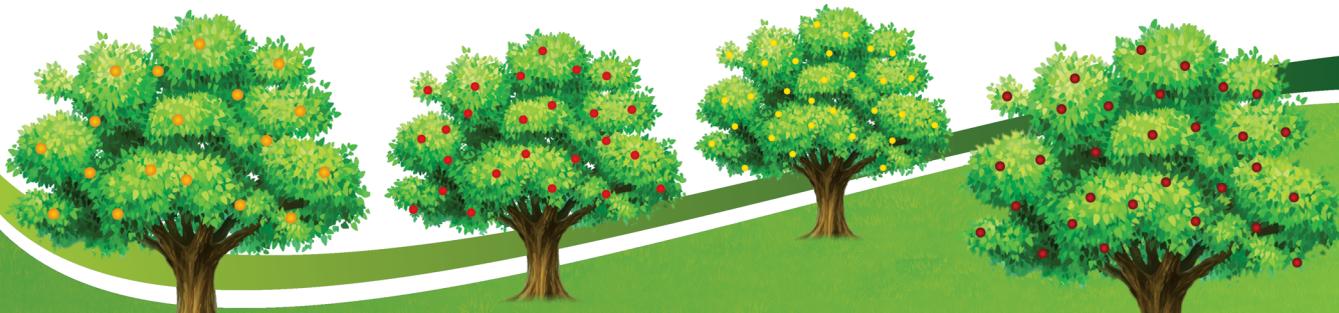
Com a agroindústria, a comunidade vai poder utilizar o espaço para a produção de alimentos que serão comercializados em diferentes mercados.

Antes da geração de renda com esta unidade, a jovem acessou o Programa de Aquisição de Alimento - PAA, comercializando frutas in natura. Parte da comercialização se dá via atravessadores.

Mesmo dispondo de pouca terra para trabalhar, a família de Marirlândia se esforça para aumentar a produtividade da área. Através da assessoria técnica da FASE tiveram apoio para instalar uma horta que melhora a SAN da família, e gera renda não monetária, pois diminuem os gastos com a alimentação. Integrando atividades, a família também utiliza a área para a criação de galinhas caipiras.



Nadilton Andrade, da FASE, em visita de assessoria técnica à agroindústria comunitária do Pau Seco.



Mudando sua forma de pensar e de agir

Carlos dos Santos Sousa

Comunidade

Tesoura II

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

Este jovem já atuava como diretor da associação, e ao ficar sabendo das ações da FASE na região, procurou e recebeu mais esclarecimentos sobre o projeto, e começou a fazer a mobilização dos demais jovens da comunidade.

Questionado sobre avanços experimentados, Carlos cita “Tive aumento da minha renda, já teve semanas em que consegui tirar R\$ 500,00. Não em toda semana, mas na média, melhorei”. Carlos reflete também sobre “Mudei a forma de ver as coisas, mudei meu ponto de vista, financeiramente nem sempre dinheiro traz tudo”. Solicitado a explicar melhor suas ideias, Carlos fala “Passei a perceber que o dinheiro não compra tudo, aprendi que na minha produção, devo valorizar melhor a qualidade dos produtos, e não a quantidade”. Carlos menciona que “Melhorei minha condição de trabalho com os insumos, e a roçadeira disponibilizados através dos recursos do Núcleo Produtivo. Estou acessando o PRONAF e aderi ao PAA”.

Demonstrando que assimilou conteúdos trabalhados durante os eventos de formação, Carlos lembra dificuldades que fazem parte dos diagnósticos construídos pela FASE e entidades parceiras na região “Tive dificuldades na comercialização, a topografia do terreno de minha família é muito acidentada”. Hoje demonstrando entusiasmo com a aplicação de princípios agroecológicos em seus trabalhos, Carlos lembra que “A mudança do químico para o orgânico não foi fácil. Inicialmente teve queda da produção, e passamos por casos em que certos insumos atrasaram”. A assessoria técnica da FASE, sob a responsabilidade de Rosélia Melo, complementa afirmando que ainda se precisa avançar no

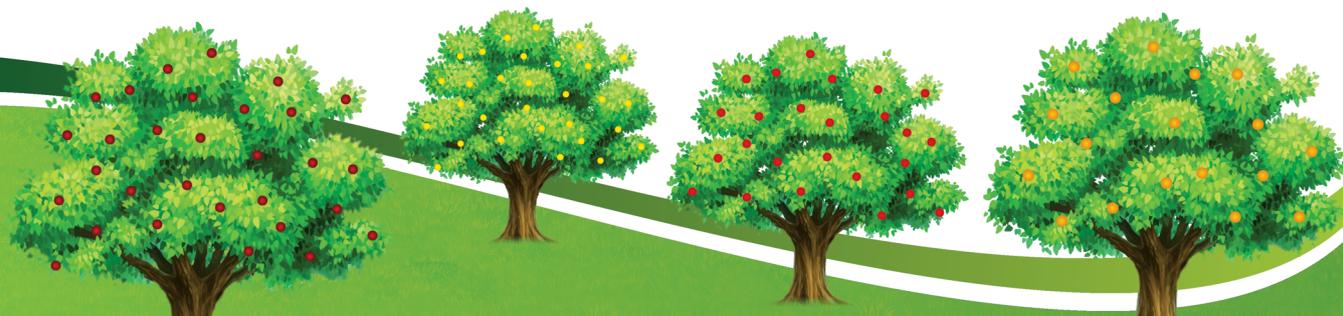
planejamento da produção de cada jovem, para que a logística da distribuição dos insumos melhore.

Carlos reflete um pouco e complementa “Minha visão sobre os fertilizantes e herbicidas químicos após o projeto, foi que percebi que eles são ilusórios, dão uma sensação de alcance dos objetivos na produção, mas ao final, percebe-se que o resultado não é aumento da produção. Além de colocarmos em risco nossa integridade física, e a do meio ambiente, e de tudo que nos cerca. E infelizmente só percebemos isso quando sentimos na pele os efeitos destes químicos”.

Finalizando seu depoimento, Carlos expõe que “No início tinha muita resistência em relação a produção agroecológica, mas depois do projeto, e do meu núcleo produtivo, passei a perceber que é possível produzir sim de forma limpa, e com o passar dos dias você consegue perceber que é capaz de trabalhar agroecologicamente”. Lembra também que “É muito importante participar de políticas públicas. Com este projeto, mostramos para a comunidade que devemos participar dos movimentos sindical e social”.



A disposição do jovem em aproveitar melhor todos os espaços disponíveis em sua área, foi estimulada pela FASE.



Persistência que deu resultados

Matildes de Jesus Santos

Comunidade

Duas Barras do Fojo

Município

Mutuípe – Bahia – Brasil

Matildes enfatiza que “Conheci assuntos que pouco sabia antes, como políticas públicas. Senti que minha participação nos momentos de formação estão me ajudando em atividades na comunidade, e na minha área”. Matildes cita mudanças em seu jeito de trabalhar “Posso fazer compostagem, enxertia de plantas como cacau, aplicações de adubos naturais”.

Matildes tem um filho pequeno que necessita de cuidados especiais na alimentação, porém com o apoio da família conseguiu participar das atividades.

A jovem e sua família optaram por desenvolver piscicultura, devido à disponibilidade de área para a construção do tanque. Matildes conta que “Foi construído reservatório com capacidade para 5.000 kg de peixes, porém uma forte chuva em 2014 danificou o reservatório”.

A família se reuniu com a FASE e concluíram que não era mais possível investir tempo e recursos

para reconstruir o tanque. A jovem, com apoio da família, decidiu desenvolver avicultura. A família já tinha experiência, porém de forma rústica.

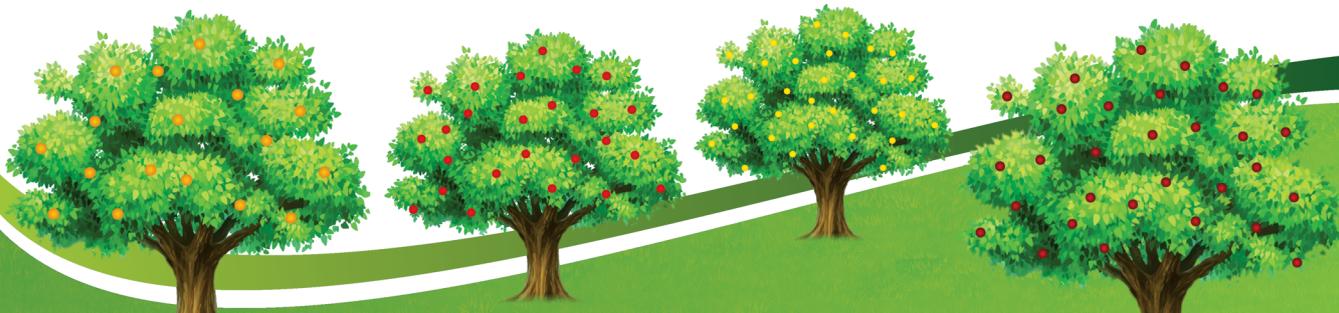
Hoje já se está na criação do primeiro lote, não tendo tido tempo para comercializar as aves.

Matildes desenvolve outras atividades na propriedade que antes produzia cacau e banana Com a assimilação de conhecimentos agroecológicos, diversificou-se a produção, passando-se a comercializar frutas e verduras como o chuchu, maxixe, laranja, abacate, o que garante geração de renda e melhora o auto consumo.

Matildes avançou em sua inclusão social, está inserida na Associação, grupo religioso, é sócia do SINTRAF e está participando da construção da Cooperativa.



Matilde recebendo assessoria técnica de Nádilton de Andrade, em seu aviário que já está abrigando o primeiro lote de aves.



Sempre atento para as novas oportunidades

Orlando Santos Sampaio

Comunidade

Km 17

Município

Laje – Bahia – Brasil

Iniciou no projeto em 2010, tendo se integrado a partir de indicações de outro jovem que atuava como AMA - Agente Multiplicador de ATER. A Comunidade do Km 17 vinha sendo acompanhada pela FASE, e recebia atenção do SINTRAF de Laje, existindo consenso sobre a importância do aprofundamento das ações nesta localidade.

Orlando se sentiu à vontade com suas novas responsabilidades, se dedicando com verdadeiro interesse às diferentes atividades realizadas, como eventos de formação, visitas de assessoria

técnica, e multiplicação dos novos conhecimentos com outras famílias agricultoras.

Analisando sua trajetória, Orlando lembra que “Sempre se teve frutas aqui, mas se perdia muita coisa no tempo da safra”. Com a assessoria técnica da FASE, representada por Veronice Souza, Orlando optou por canalizar recursos para um Núcleo Produtivo, de fruticultura, já com o objetivo de evitar as perdas, agregar valor e produzir polpas de frutas congeladas.

O jovem Orlando não possuía renda fixa quando se integrou ao projeto. Como muitos outros jovens do Vale do Jiquiriçá, ajudava seu avô na propriedade familiar onde morava.

Ao longo desses anos em que sua produção se ampliou, se diversificou, Orlando soube aproveitar bem seus novos conhecimentos, dando passos firmes em sua transição para práticas agroecológicas. Orlando conta que “Com a renda gerada pelos investimentos feitos através do projeto, aliada aos



Hortas bem conduzidas, aliadas à busca de alternativas de comercialização variadas, vêm garantindo maior renda para Orlando e sua família.

novos conhecimentos que eu fui adquirindo, pudemos construir a casa em que passamos a morar, eu e minha família”.

Orlando relata como seus conhecimentos lhe abriram portas para acessar políticas públicas “Fui atrás e tirei minha DAP; tornei-me sócio do SINTRAF de Laje, e da Associação dos Pequenos Produtores do Km 17. Em 2013 consegui fazer um PRONAF Investimento e melhorei minha área; e junto com outras pessoas da comunidade estamos tendo acesso ao PNAE e PAA”.

Percebendo o potencial diferenciado deste jovem, a assessoria técnica da FASE procurou identificar alternativas que favorecessem ainda mais sua capacidade de iniciativa. Juntos analisaram os riscos e benefícios de se ampliar o acesso a créditos para investimento na produção. Assim, decidiu-se por tentar outro programa governamental, denominado Mais Alimentos.

Orlando pleiteou recursos para adquirir uma roçadeira costal motorizada. Com este equipamento, Orlando pôde fazer um manejo de biomassa que contribui para elevar a fertilidade natural de seus solos, não usa herbicidas, diminui os impactos negativos de falta de chuvas.

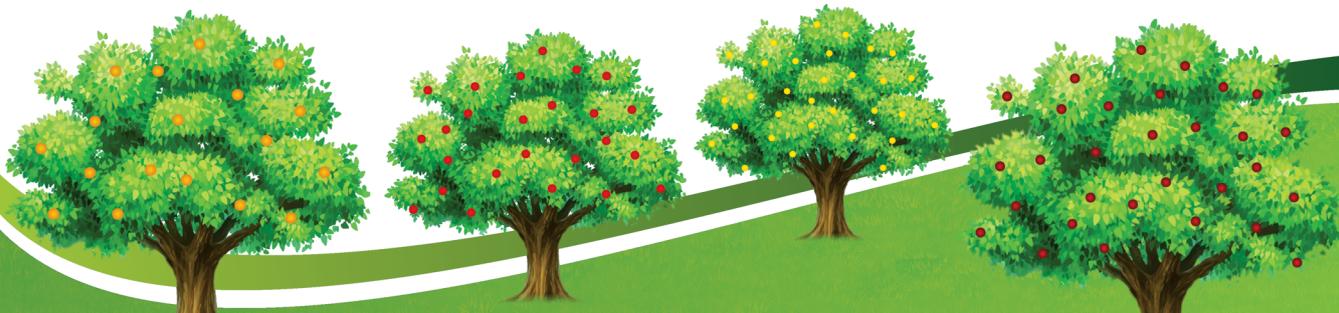
Em termos de geração de renda, Orlando avançou bastante para quem 4 anos atrás nada tinha em termos de renda fixa. Hoje, Orlando tem duas fontes de renda regulares. Uma delas é resultado da venda das polpas congeladas de frutas que ele mesmo fabrica. Outra provém da venda das hortaliças que são produzidas de maneira sustentável, em sua área, bem como, a venda dos produtos para o PNAE (municipal estadual), e o PAA. Orlando lembra que superou sua timidez e parte para buscar novos clientes para sua produção, visitando e expondo seus produtos nos comércios locais, restaurantes, na própria comunidade, e nas cidades vizinha como Santo Antonio de Jesus.



Orlando reinveste parte da renda gerada na aquisição de equipamentos que aumentam seu potencial de produção.

Além disso, Orlando percebe a importância da renda não monetária, pois “Consumimos parte do que agora se produz em maior quantidade, aqui na roça”.

Outro aspecto muito relevante na experiência protagonizada pelo jovem Orlando, é sua persistência, sempre apoiada pela assessoria técnica da FASE, em enfrentar e vencer obstáculos que vão surgindo ao longo do caminho. Orlando jamais desistiu e se empenhou na produção de polpas, construindo sua unidade produtiva conforme padrões exigidos pela vigilância sanitária de Laje. Superando toda burocracia, Orlando tem, alvará de funcionamento, e submeteu suas polpas à análise exigida pela nutricionista do município, obtendo certificação de boa qualidade.



Reinvestindo resultados

Rodrigo da Silva Lima

Comunidade

Rio de Areia

Município

Laje - Bahia – Brasil

O jovem Rodrigo Lima conheceu o projeto em 2013, através da presidente da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Rio de Areia, Eliane de Souza, e da técnica da FASE, Veronice Souza. Participou da reunião de esclarecimento e foi selecionado com apoio do SINTRAF de Laje.

Na época, a comunidade já era assessorada pela FASE e dava respostas promissoras em termos de organização e busca coletiva por encaminhamentos que enfrentassem os problemas identificados.

Rodrigo conta que “Participei das Oficinas Modulares, Dias de Campo, Intercâmbios, onde troquei ideias e construí novos conhecimentos”. O interesse de Rodrigo motivou sua disposição, inclusive para

representar outros jovens de Laje, em eventos de controle social desta experiência, como as Reuniões de Monitoramento e Gestão.

Ao recordar seus passos no projeto Rodrigo menciona “Tive contato com temas da agricultura familiar que me proporcionaram novos conhecimentos sobre práticas agroecológicas que eu fui aplicando na propriedade de minha família e avaliando seus resultados”.

Os passos dados para definir a modalidade do Núcleo Produtivo são lembrados por Rodrigo que explica “Escolhi fruticultura por dois motivos. Primeiro, porque a gente já entendia que se perdiam muitas frutas na propriedade. O outro motivo era que nossa família tem muito pouca terra, então tinha de intensificar minha produção no pouco espaço disponível”.

Assim, Rodrigo analisa que tomou as decisões certas, sempre levando em conta as orientações e acompanhamento técnicos, prestados pela FASE, através de Veronice Souza. Rodrigo relata que “Os maquinários que recebi, hoje me permitem produzir polpas congeladas de diversas frutas, e dessa maneira já não se perdem tantas frutas na época da co-



Rodrigo aplicou novos conhecimentos intensificando o aproveitamento da pequena área disponível, conseguindo ampliar e diversificar sua produção.

lheita. Nós não somos mais forçados a vender tudo para evitar que se apodreça no campo”. Rodrigo menciona a aplicação de princípios que favorecem sua transição agroecológica “Comecei a fazer compostagens com material que tinha aqui na propriedade; cultivo mais hortaliças para melhorar minha segurança alimentar, busco ter formas de produção mais sustentáveis, diversificando minha área com mudas de várias frutíferas, e culturas de subsistência”. Rodrigo acrescenta que “Apesar da propriedade ser pequena, aprendi aproveitar ao máximo o solo que tenho, e a diversificar ocupação da área”.

Com as mudas oriundas do projeto, hoje se encontram na área do jovem, plantios de aipim, goiaba, manga, cajá, acerola, sapoti, rambutão, batata doce, abacaxi, mamão, cajarana, pau brasil, açai, banana da prata, banana da terra, banana nanica etc.

A busca por alternativas de geração de renda não parou por aqui. Rodrigo e sua família estão criando alevinos para comercializar.

Rodrigo avançou também no que se refere à inclusão social e política. Menciona “Foi importante para mim, o conhecimento que tive em termos de políticas públicas, Valorizei ainda mais minha adesão como sócio, ao SINTRAF de Laje, e à Associação da comunidade”.

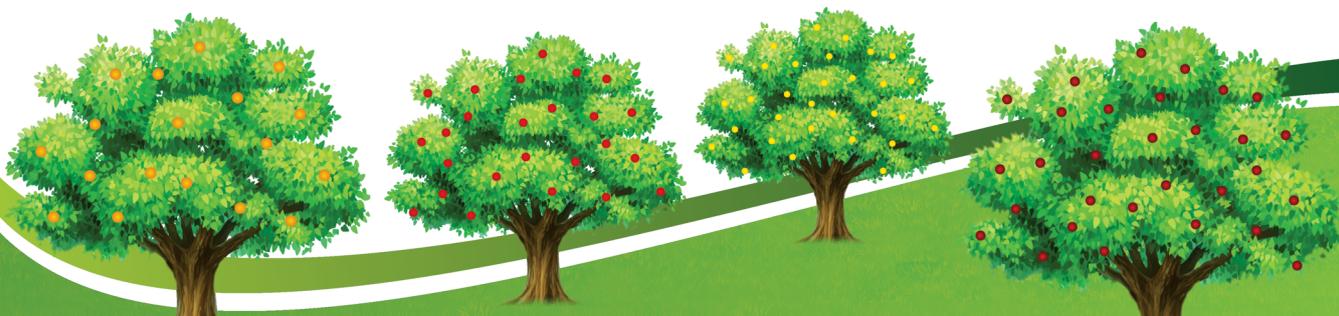
Em 2014, Rodrigo conseguiu acessar o PNAE e já tem a sua DAP que lhe abre mais portas de acesso a políticas públicas e programas governamentais.

Com relação à comercialização, Rodrigo analisa que a venda de sua produção não depende apenas de uma só possibilidade. Rodrigo vende em diversos lugares “Na feira do Guaibim, em Valença, vendendo aipim ralado para Salvador, polpas congeladas em Laje, e na própria comunidade”.

Terminando seu depoimento, Rodrigo faz questão de mencionar que “A construção da casa de polpa foi feita com recursos próprios da família, junto com uma parte dos resultados da venda dos produtos resultantes de meu Núcleo Produtivo”.



Mesmo tendo de enfrentar a falta de terras, a família de Rodrigo busca alternativas como a criação de alevinos em tanques.



Colocando em prática o que se conhece

Jonas Pereira Ferreira

Comunidade

Tesoura II

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

É um dos “novos jovens” que se incorpora em 2013. Em seu depoimento, Jonas identifica os conhecimentos construídos nas diversas atividades



Jonas melhorou culturas que já vinha praticando, como aipim, diversificando sua área com introdução de culturas consorciadas.

de que participou, como principal benefício decorrente do projeto. Solicitado a explicar melhor como é mesmo que esses novos conhecimentos modificaram sua rotina diária de jovem agricultor, Jonas vai pontuando várias situações. “Aprendi a produzir compostagem”.

No que se refere aos investimentos realizados em seu Núcleo Produtivo, Jonas demonstra consequências favoráveis à geração de renda, explicando “com a roçadeira adquirida como equipamento, consegui diminuir as horas de trabalho na minha área, aumentei a fertilidade dos solos pois deixava o mato cortado lá estrumando, e parei com o uso de mata-mato (herbicida)”. Jonas lembrou também que “como a roçadeira não era usada aqui na minha área todos os dias, e consegui arrumar serviço nos vizinhos, roçando prá eles”. Este exemplo de geração de renda vai se estender por mais tempo, mesmo com o encerramento do projeto.

Outras situações em que afloram aprendizados identificados e valorizados por Jonas foram citados, como “aprendi a produzir caldas e defensivos orgânicos que vem sendo aplicadas, com bons resultados”. Jonas valorizou a oportunidade dada durante a realização dos intercâmbios e oficinas, de conhecer novas experiências e propriedades produtivas ambientalmente corretas.

Foi através de sua dedicação às atividades de formação que Jonas entendeu a importância da diversificação dentro de uma propriedade familiar, e com isso hoje, ele e sua família modificaram a sua forma de

produzir. Jonas fala “estamos aproveitando de forma mais eficiente todos os recursos de nossa propriedade; hoje entendemos qual a importância do reflorestamento e da preservação ambiental”.

O depoimento de Jonas é que comprova a pertinência de um dos critérios aplicados ao processo de seleção de jovens para participar do projeto, qual seja, a disposição da família em apoiar, acompanhar e também participar das ações. Jonas expôs que “o apoio da minha família foi essencial em todos os momentos do projeto, meu pessoal também pôde aprender novos conhecimentos junto comigo, eles acompanhavam o que acontecia durante as visitas de assessoria técnica e atividades coletivas em casa ou na comunidade”.

Jonas incorporou vários conhecimentos em seu jeito de trabalhar “Passei a utilizar restos de culturas na produção de compostagem, parei de comprar fertilizantes químicos no comércio, passei a utilizar manieira que antes era jogada fora sem qualquer cuidado, como fertilizante orgânico”.

Relatando outras mudanças em suas práticas, Jonas afirma que “Hoje, com o incentivo do projeto, estou criando galinha poedeira, passei a cultivar hortaliças, feijão, milho, banana da terra, batata doce entre outros, e tenho meu Núcleo Produtivo bem variado.”

Outro aspecto lembrado por Jonas é o da busca por maior Segurança Alimentar e Nutricional – SAN. Além do aipim estabelecido no início do projeto, tem os plantios diversificados de alimentos que aumentaram na área.

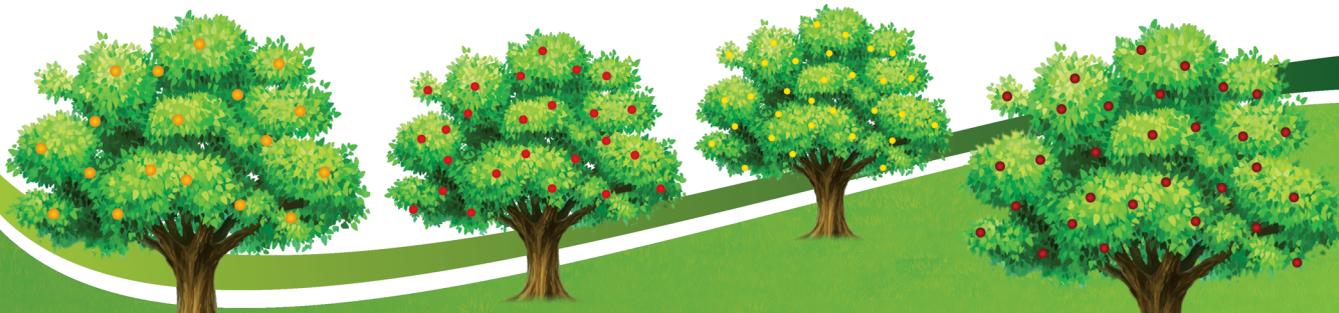
O maior benefício do projeto na vida do jovem, segundo ele mesmo, foi o que ele aprendeu “hoje podem tirar tudo de mim, menos o conhe-

cimento adquirido”. Cita ainda que foi através da intervenção educativa da FASE que aprendeu o que é política pública, conduziu experiências de comercialização na comunidade, está acessando o PAA e PNAE, e recentemente enviou para o Banco do Nordeste uma proposta de investimento através do PRONAF.

A assessoria técnica feita pela FASE através de Rosélia Melo complementa este depoimento, realçando que a área de Jonas serviu como demonstração para outros jovens, e teve efeito multiplicador para outras famílias agricultoras da comunidade.



Jonas acompanha e participa de todas as atividades produtivas desenvolvidas pela família que também se apropriou de conhecimentos gerados ao longo do projeto.



Superando a timidez e se engajando prá valer

Laís Santos Rangel

Comunidade

Tabuleiro de Corte de Pedra

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia – Brasil

A assessoria técnica da FASE, neste caso representada por Rosélia Melo, empreendeu a análise de jovens com potencial para se incorporarem ao projeto em 2013, utilizando os critérios previamente elaborados, e o diálogo com entidades parceiras. Mas neste caso, como em outros também, realçou-se a indicação feita por jovens da comunidade que já vinham participando deste 2011, e que pressentiram o potencial de Laís, apesar dela ser uma jovem que segundo suas próprias palavras “No início não tinha conhecimento do que era o projeto, nem de quais eram seus propósitos, e a forma que o mesmo

seria desenvolvido”.

Perguntada sobre o que mudou em sua vida, em função do projeto, Laís conta que “passei a ser sócia da associação de agricultores da comunidade, e a participar das atividades realizadas pelo SIN-TRAF”. Estes aspectos da inclusão social e política, se somaram aos da geração de renda, pois Laís teve sucesso com seu Núcleo Produtivo de suinocultura.

Laís assinala ter conseguido “maior interação com a comunidade, visto que meus produtos são comercializados aqui mesmo, e sinto que tenho apoio da comunidade”.

Rosélia Melo aproveita para lembrar outros dos critérios de seleção de jovens que se revelaram corretos ao longo do projeto, assinalando que para que o jovem tenha sucesso, é importante o apoio da família que serve de suporte no desenvolvimento dos trabalhos. Isto aconteceu no caso de Laís.

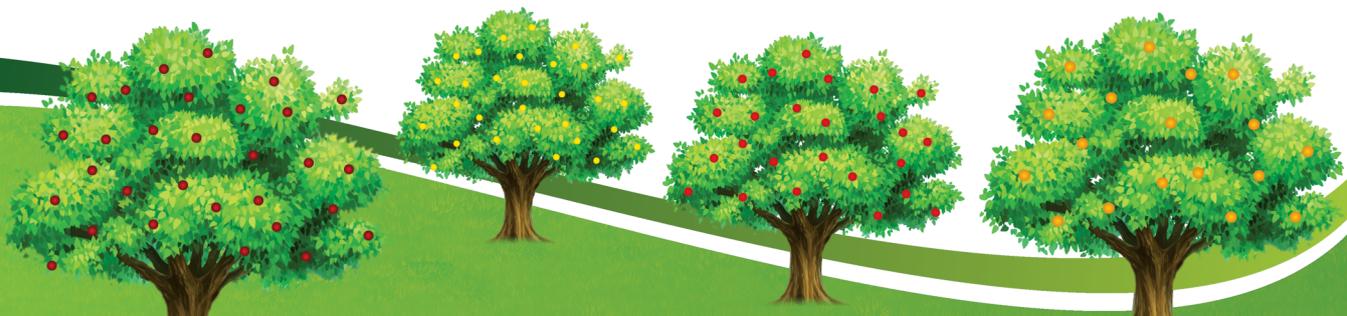
Laís se anima mais um pouco durante esta conversa, e afirma com a segurança de quem sabe

que já está dando passos mais seguros com suas próprias pernas: “Esse projeto trouxe a oportunidade para continuarmos nas nossas comunidades, porém tendo uma qualidade de vida melhor. Pudemos trocar experiências e conhecimentos com outras pessoas e, além disto, compreender que podemos utilizar e reutilizar o que já temos na nossa propriedade, e dessa forma avançar tanto financeiramente, como socialmente.”

Laís inovou em alguns aspectos, como quando comercializou



Fazendo bom uso dos poucos recursos disponíveis, Laís vem conseguindo manter seu criatório de aves.



seus suínos, organizando uma rifa na própria comunidade. Esta alternativa de comercializar nas proximidades era pouco explorada antes, e se revelou como promissora, não só pelo conhecimento direto entre produtores e consumidores, como pelo fato do comprador saber como se dava a produção. E sem frete ou intermediários, os custos de produção, e de aquisição podiam ser menores, sem tirar a rentabilidade de quem vende, ou encarecer os custos de quem compra.

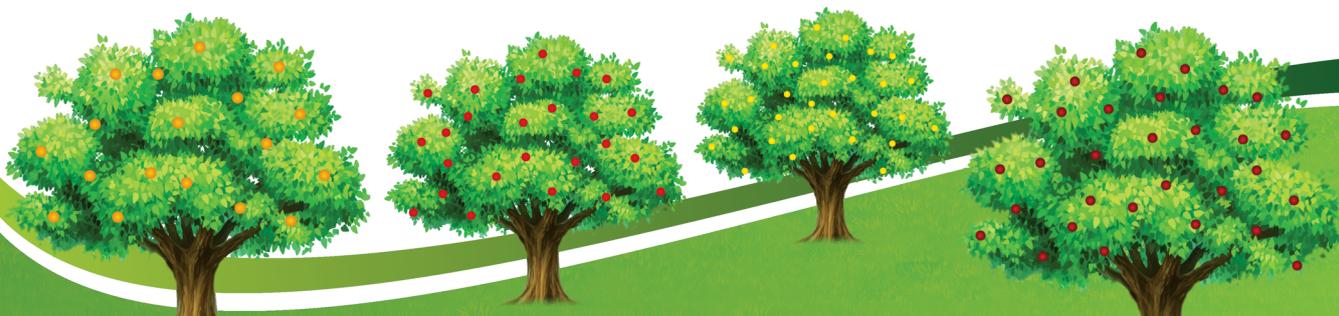
A jovem Laís atuou com agente multiplicadora, socializando seus conhecimentos com outras famílias, principalmente ao fazer do seu Núcleo Produtivo uma área de experimentação.

O desenvolvimento das atividades de suinocultura de Laís aproveitaram conhecimentos gerados pela experiência de outro jovem participante deste projeto (vide o depoimento de Amilton – Comunidade de Paó, publicado nesta revista). Laís buscou a todo o momento ter uma produção ambientalmente correta, implantando o sistema de fossa sumidoura para a reutilização dos dejetos líquidos e sólidos nos plantios feitos por sua família, procedimento utilizado e avaliado positivamente por Amilton na etapa anterior.

Hoje Laís é uma das mais ativas participantes da ASPROCOT – Associação dos Pequenos Produtores de Tabuleiro de Corte de Pedra.



A criação de suínos vem se consolidando, inclusive com a aplicação de práticas de manejo de efluentes, utilizadas e aprovadas por outro jovem que participa do projeto há mais tempo.



Pouca terra mas muita disposição

Eliese dos Santos Lima

Comunidade

Calumbi I

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

Eliese é uma jovem que mora na Comunidade do Calumbi I, onde se registram variadas experiências de organização comunitária, e uma participação bem significativa nas atividades realizadas pelo SINTRAF – Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Presidente Tancredo Neves.

Eliese começa seu depoimento contando que “Iniciei no programa em 2013, fui indicada pela presidente do SINTRAF, e pela técnica da FASE que já trabalhava na comunidade; foi a partir deste projeto que me tornei sócia da Associação dos Pequenos Agricultores do Calumbi – APAC”.

Sobre sua trajetória econômico e produtiva, a jovem Elise conta que “A pequena produção da família é comercializada na comunidade e no mercado local do município, e usada para consumo próprio”.

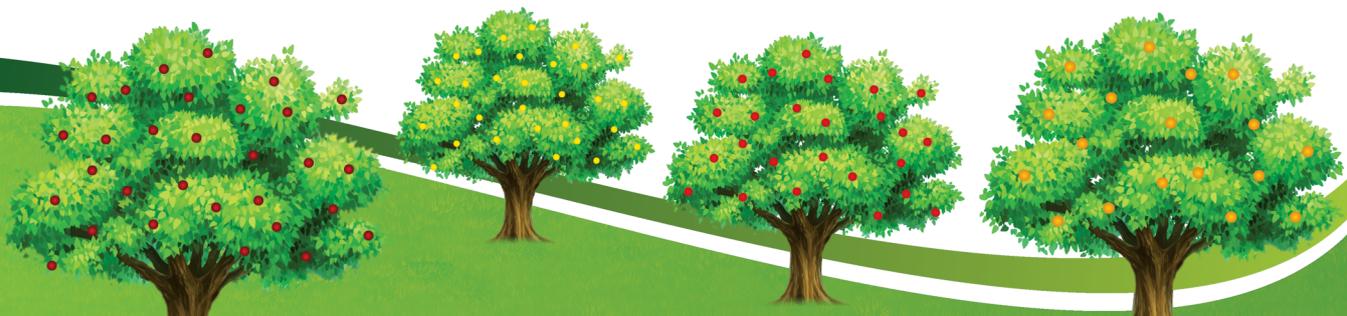
Como a maior parte das famílias agricultoras da região, Elise dispõe de muito pouca terra. A área é de 1,0 hectare, e tem uma parte ocupada com monocultura (cacaú), e a outra parte é usada para culturas como feijão, amendoim, mandioca, e ai-

pim. Eliese reconhece a importância dessas culturas para a alimentação da família, pois tudo o que se colhe é auto consumido, transforma-se em renda não monetária. Eliese e sua família dedicam muitos esforços para manter permanentemente uma área com diversas hortaliças.

“O trabalho da FASE mudou a minha vida e a da minha família. Além da formação, ela nos proporcionou a realização de um sonho”. Eliese avalia ainda que práticas agroecológicas foram sim incorporadas no seu Núcleo Produtivo de Fruticultura, e na comunidade também. Eliese conta que “práticas como a da compostagem com resíduos naturais, usadas na horta; o manejo das capinas com roçadeira, principalmente no verão; e a diminuição do uso de veneno tipo mata mato, são coisas que começaram a acontecer no Calumbi, em função da participação de jovens como ela nas atividades”.



A assessoria técnica da FASE orientou a coleta de amostras de solo para realização de análises, e posterior recomendação de correções ou fertilizações.



“Antes do projeto eu não produzia nada para vender, só existiam as pequenas produções da minha mãe. Hoje já vendemos milho, cana, banana, e alguns dos suínos que a gente cria” Além disso, Eliese faz questão de assinalar “as hortaliças usadas para o consumo da família”.

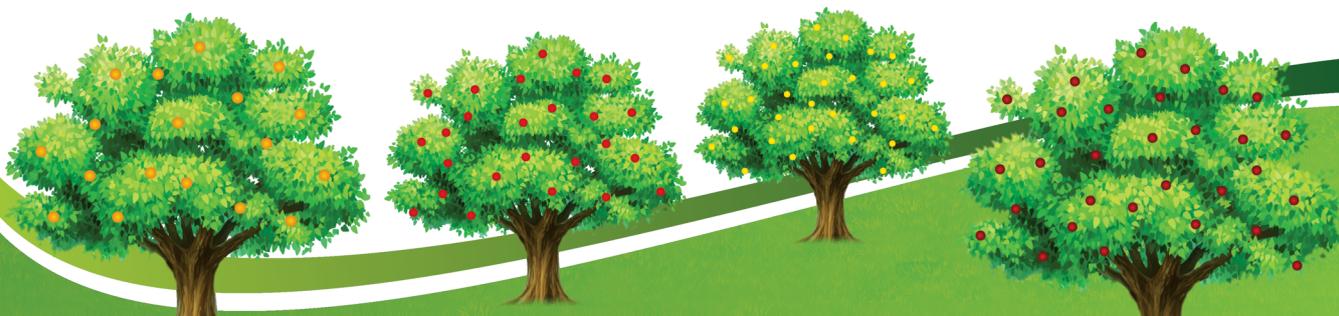
Ainda sobre o aspecto da geração de renda, Eliese comenta que “antes eu achava que para buscar um retorno financeiro que viesse a ajudar na renda da minha família, eu teria que migrar para cidade. Foi só depois da intervenção da FASE, na minha comunidade que eu pude perceber que as oportunidades estavam o tempo todo na minha frente, e eu buscava tão distante

A minha renda não monetária eu considero que aumentou, porque hoje a minha família produz, mesmo que pouco, pensando na sustentabilidade e na segurança alimentar Já a renda monetária ainda não posso dizer que aumentou, pois estou aguardando a comercialização da banana para somar os avanços financeiros, mas estou muito confiante que vai dar tudo certo.”

Outra característica importante na trajetória da jovem Eliese é que ela vem se afirmando também como mulher que luta pelos seus direitos, participando ativamente do Grupo de Mulheres existente no Calumbi e que também é acompanhado pela FASE.



Entidades parceiras da FASE como o Sintraf de Presidente Tancredo Neves, acompanharam trabalhos feitos na comunidade de Eliese.



Valorizando o que se conhece

Antônio Jesus das Virgens

Comunidade

Piau

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

A Comunidade do Piau vem sendo assessorada pela FASE há tempos e é também considerada como estratégica pelo SINTRAF de Presidente Tancredo Neves, sendo que a assessoria da FASE nesta comunidade, está sob a responsabilidade de Rosélia Melo.

Antônio das Virgens é mais um dos que iniciou sua participação em 2013 e nos relata que “Desde a minha entrada no projeto, eu só tive avanços no meu objetivo, seja em conhecimento e em participação que é um dos pontos principais da FASE”. Antônio menciona que foi a partir de sua integração às atividades que “Passei a entender melhor e valorizar minha participação direta na comunidade, com o sindicato, e nas políticas públicas que são importantes para nossa vida de agricultor”.

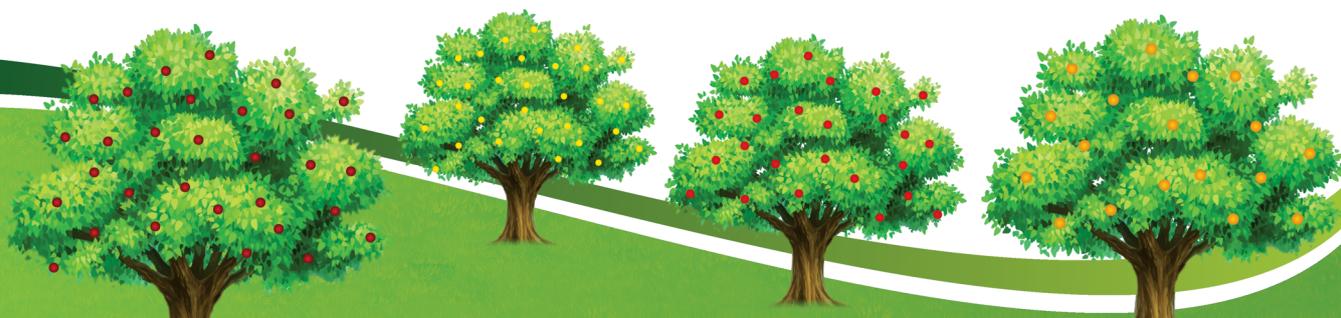
Em seu depoimento, Antônio conta que “Tive também as minhas dificuldades, tratando do comércio e manejo de minha propriedade, a na condução do Núcleo Produtivo, mas como sempre contei com a participação da minha família, consegui ir superando”. Este reconhecimento sobre a influência do apoio da família para a qualificação das ações do jovem, mencionada por Antônio das Virgens, é mais um dado que confirma a validade de um dos critérios de seleção aplicados pela FASE, quando da etapa de definição dos jovens que iriam participar, ou seja, a existência de apoio e vontade da família do jovem para sua

participação no projeto.

Na sequência de seu relato, Antônio realça que “Minha renda está no patamar desejado para o investimento que venho fazendo. Investi no meu Núcleo Produtivo de fruticultura porque entendi que era a atividade que mais se adaptava ao que nossa família já tinha aqui na propriedade”. Antônio se esforça para lembrar o que mudou



Antônio se dedicou bastante aos plantios e já está colhendo resultados.



mesmo nas suas alternativas de geração de renda e lembra “Agora eu estou conseguindo gerar renda com a venda de frutas, e também com as polpas congeladas dessas frutas. Antes a gente só vendia frutas e no tempo da safra tinha perdas”.

Nas atividades de formação organizadas pela FASE, Antônio e os demais jovens tiveram oportunidade de construir conhecimentos sobre políticas públicas de interesse para a Agricultura Familiar. Por isso, Antônio menciona “Creio que quando eu começar a acessar políticas públicas, e projetos para o agricultor familiar, minha renda tende a melhorar ainda mais”.

A técnica Rosélia Melo explica que associações, o SINTRAF e a FASE têm desenvolvido diversas ações em Presidente Tancredo Neves para que mais e mais agricultores possam acessar o PNAE, o PAA, e a Habitação Rural.

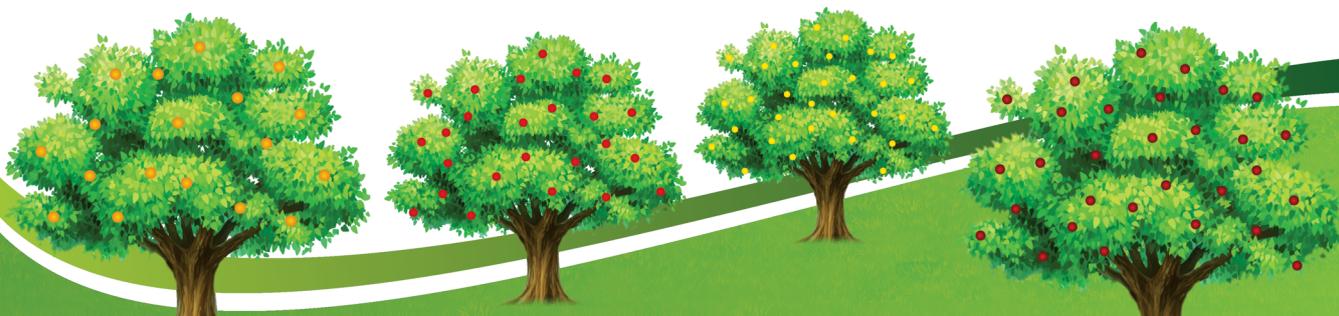
Quando jovens demonstram interesse e existe viabilidade, a assessoria técnica da FASE elabora projetos de Pronaf.

Prosseguindo em seu depoimento, Antônio diz “Além da renda, minha consciência, em relação ao meio ambiente, mudou totalmente depois das Oficinas, e Dias de Campo, e é um ponto pra ser fortalecido cada vez mais na minha comunidade”. Antônio enfatiza que “E isso eu já faço na minha propriedade. Com o cultivo de produto de qualidade, e sem causar impacto na terra, o principal é a saúde em longo prazo”.

Antônio faz questão de ir finalizando seu depoimento, afirmando “Esse projeto veio como um incentivo muito grande em minha vida, e eu posso dizer que é capaz sim de se viver na zona rural, com qualidade de vida. É só ter força de vontade e objetivo, e tudo d certo”.



Investimentos feitos na aquisição de roçadeiras permitiram aos jovens manejar melhor a biomassa em suas áreas, e eventualmente gerar renda com a prestação de serviços a vizinhos.



Confiança naquilo que faz

MARGARIDA CRUZ DOS SANTOS

Comunidade

Calumbi

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

Margarida é uma jovem que vem participando desde 2011, e conta em seu depoimento que “Iniciei no projeto em 2011, através da indicação do SINTRAF de Presidente Tancredo Neves. Me lembro que foi ainda em fins de 2010 que o pessoal da FASE foi lá em casa, fazer uma visita, explicando como seria o desenvolvimento do projeto”.

A assessoria da FASE no Calumbi é feita mais pela técnica Rosélia Melo, sendo esta uma comunidade que vem recebendo atenção da FASE já faz alguns anos.

Margarida relembra os momentos iniciais de sua participação falando que “Desde então, dei início a uma série de atividades que resultaram na escolha, implantação e funcionamento de meu Núcleo Produtivo de fruticultura. Posso dizer que foi muito importante o apoio da minha família que não me deixou sozinha em nenhum momento. Também reconheço que as orientações da Rosélia serviram muito para eu acertar naquilo que fazia”.

A trajetória de Margarida tem vários pontos em comum com a de outros jovens que deram seus depoimentos para ilustrar esta sistematização de experiência. Margarida reconhece que “Durante esses procedimentos do projeto, essas ações que a FASE promovia e realizava, foi com isso que eu passei a conhecer as políticas públicas da minha região, comecei a participar de reunião da associação que existe aqui no Calumbi”.

Jovens como Margarida tem interesse direto em ver sua renda aumentada, por isso, pergunta-se quais os resultados desses anos de sua participação no projeto, em termos de geração de renda. Margarida explica que “Eu tive com este projeto na minha vida, um grande retorno financeiro, mas também, em termos pessoais, porque agora me sinto mais segura naquilo que eu faço”. Margarida para um pouco para pensar e complementa “Olha,



A área de fruticultura de Margarida vem sendo melhorada e já deu resultados animadores em termos de produção e renda.

com a renda da roça que fiz com os recursos do projeto, já estou ampliando minha área plantada. Plantei a banana para ser sombra do cacau, mas na colheita da banana da terra me dei bem. Valeu mesmo à pena. E agora já estou colhendo cacau, e não posso me queixar, pois a cada ano minha área

tende a render mais”.

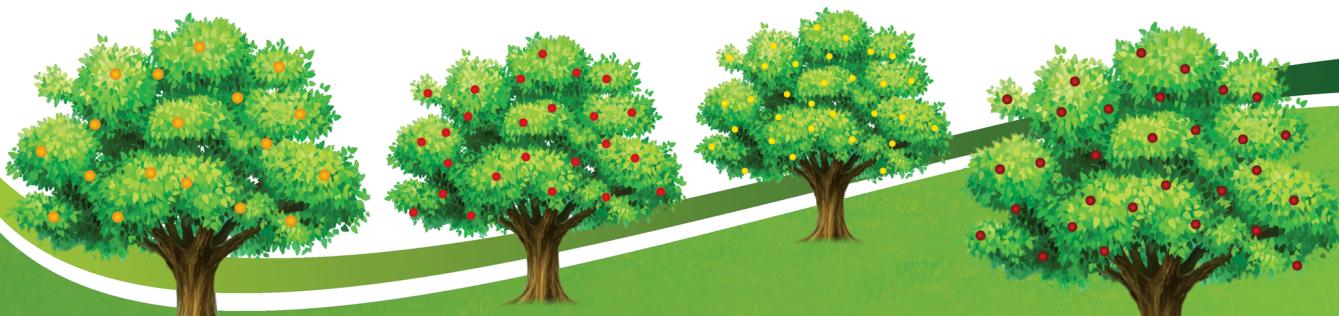
Rosélia que foi a técnica que acompanhou Margarida mais de perto, lembra que “A jovem Margarida iniciou no projeto com grandes dificuldades, principalmente de se comunicar com outras pessoas. Mas, a partir da sua participação nos eventos de formação, tendo contato com outros jovens, passando pelas dinâmicas de trabalho em grupos, pelas atividades práticas, os Dias de Campo, os Intercâmbios etc., Margarida foi mudando sua forma de pensar, e passou a se valorizar como jovem agricultora, e acima de tudo passou a se ver como pessoa capaz de promover grandes transformações em sua vida”.

Margarida concorda e complementa, afirmando que “Hoje eu me considero uma jovem feliz, realizando minhas atividades na agricultura. Estou conseguindo ampliar minha produção, aumentei a área plantada aqui na propriedade da família”.

Margarida é mais uma jovem que descobriu que existem alternativas de permanência inteligente no campo “Após minha participação no projeto, vi que era precipitação minha querer ir morar na cidade. Passei a entender que meu lugar é aqui no campo, produzindo e colhendo os frutos da terra”.



Margarida está confiante na evolução de seus plantios de cacau que vem respondendo bem aos tratamentos culturais e práticas recomendadas pela FASE em sua assessoria técnica.



Se sente uma jovem que mudou para melhor

ELISANGELA DOS SANTOS FERNANDES

Comunidade

Tesoura

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia – Brasil

É uma das jovens que se integrou em 2013, cuja trajetória no projeto revela situações entendidas por ela mesmo como positivas, pois destaca “Neste projeto adquiri conhecimentos e hoje faço reflexões diferentes sobre o que significa a vida no campo e os benefícios que a gente pode conseguir com nosso trabalho”.

Elisangela conta que hoje tem bem mais condições de analisar sua própria realidade e a de sua comunidade. Como ela mesmo diz “Percebi que Agricultura Familiar é algo importante no meu município, e que minha participação na comunidade, como multiplicadora dos conhecimentos que aprendi nos eventos de formação, é de utilidade de outras famílias que têm uma vida bastante parecida com a minha”.

Foi com a sucessão das diferentes atividades desenvolvidas desde 2013 que Elisangela se enxerga hoje como uma jovem que atua em organizações como a associação local, o e o SINTRAF.

Neste seu amadurecimento, Elisangela incorporou senso crítico e reconhece algumas dificuldades que têm de ser continuamente enfrentadas. Cita exemplos “Não é fácil sensibilizar a comunidade a acreditar na gente mesmo, para que se envolvam conosco nas atividades”. E suas observações também se referem à sua atuação individual, pois “Tive alguns problemas na implantação do meu Núcleo Produtivo, porque alguns materiais demoraram para chegar. As coisas eram compradas e pagas, mas às vezes as lojas demoravam demais para entregar, ou se tinha problemas de transporte. Mas no fim, tudo correu bem”. Elisangela destaca que a participação da sua família foi essencial

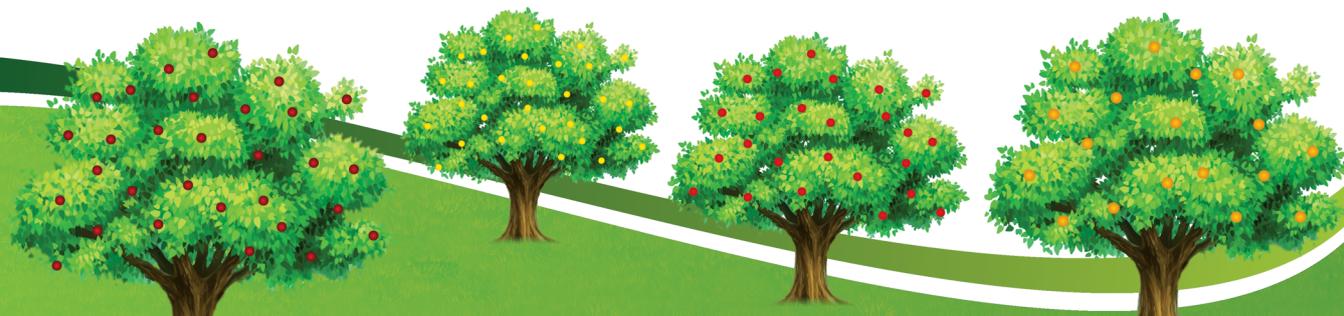
“O pessoal daqui de casa teve uma participação ótima, todos se envolveram e deram sua contribuição”.

No que se refere à geração de renda, Elisangela relata que “Consegui perceber um avanço significativo após ter me envolvido no programa, melhorei minha área, aumentei meus cultivos”.

Provocada a falar um pouco mais sobre o que mudou na sua vida, Elisangela aponta para a segurança alimentar e nutricional esclarecendo que “Consegui ampliar a minha produção e garantir uma alimentação muito mais diversificada do que tinha antes”. Hoje tenho uma noção melhor do que são e para que servem políticas públicas e “Estou tentando acessar o PAA aqui no município”. Em seu depoimento conta que “Passei a valorizar mais o trabalho que desempenho no campo, e ao mesmo tempo vejo grandes oportunidades de crescimento tanto na parte social, quanto na área econômica”.



Jovens construíram conhecimentos sobre fertilidade de solos e adubação orgânica e fizeram coletas de solo para posterior análise e recomendações.



Aproveitando as oportunidades

MAURIZA ALMEIDA DOS SANTOS

Comunidade

Coruja I

Município

Presidente Tancredo Neves – Bahia - Brasil

Mauriza iniciou em 2013, e já conhecia as ações da FASE na comunidade. Em seu relato destaca que “Com o apoio da minha família, todas as dificuldades foram superadas”, Enfatiza a importância de algumas mudanças fruto do projeto, como “A roçadeira que comprei ajudou muito, pois economizei tempo no controle do mato, o que para mim é muito importante porque a área da roça é distante de casa, e sempre tenho de caminhar um bom tempo para ir e voltar”.

Prosseguindo no depoimento, Mauriza relata “Os conhecimentos adquiridos durante as formações e as visitas técnicas me ajudaram na definição e funcionamento do meu núcleo produtivo de fruticultura”. E lembra que “A participação da comunidade nas atividades coletiva que foram feitas aqui,



Mauriza participou ativamente dos momentos coletivos de formação, construindo conhecimentos com outros jovens e agricultores mais experientes.

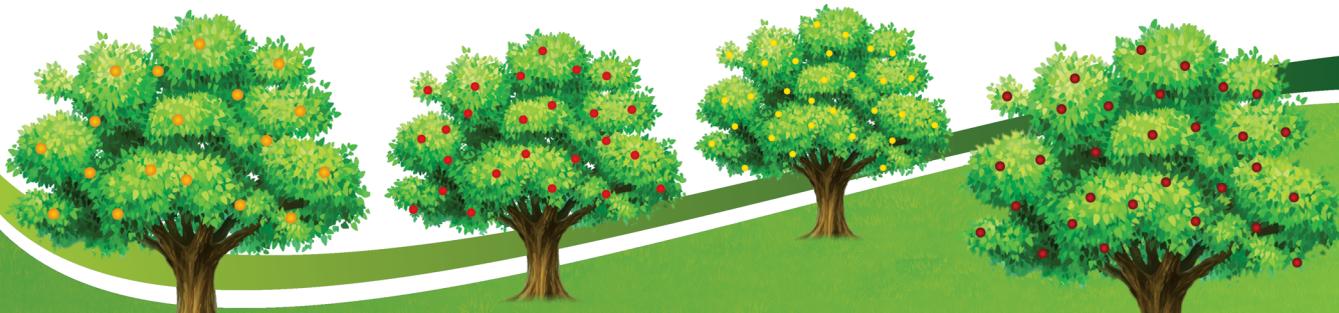


Para orientar a escolha da área mais indicada para se fazer investimentos, recomendou-se a coleta de amostras de solo.

como Dias de Campo, e Intercâmbios, ajudaram porque eram momentos para trocar experiências e tirar dúvidas. A gente conversava com outros jovens ou agricultores mais experientes e comparava com o que se fazia na nossa área”.

Sobre geração de renda, Mauriza afirma “Já consegui gerar renda não monetária, deixando de comprar coisas que antes tinha de comprar”. E dá exemplos concretos sobre como isto vem acontecendo, explicando “Cultivei na área do núcleo feijão e abóbora, e com o incentivo do projeto, passei a acreditar que o feijão produz sem o uso da adubação química, e sim com o uso de adubos e defensivos naturais.” Mauriza está otimista e diz “A partir de agosto de 2015, com a primeira colheita das fruteiras, minha renda vai aumentar”.

Rosélia Melo, responsável pela assessoria da FASE, complementa dizendo que “Mauriza fez do seu núcleo uma área de experimentação, produziu de forma ambientalmente correta, ampliou o uso de hortaliças na dieta da família.”



Evoluindo com firmeza

Mirian Santos Gomes Santos

Comunidade

Rio de Areia

Município

Laje – Bahia – Brasil

A jovem Mirian Santos conheceu o projeto em 2011, através da Escolinha Sindical, experiência animada pelo SINTRAF de Laje que convidou a técnica da FASE, Veronice Souza para expor o que se pretendia fazer na região, em termos de ampliação das oportunidades de geração de renda para jovens agricultores familiares.

Mirian conta que “Quando iniciei no projeto não tinha renda fixa, regular. Para mim, o projeto foi uma oportunidade para que eu mesma percebesse que tinha jeito de encontrar renda aqui mesmo na comunidade”.

Ao longo desses últimos 4 anos, Mirian participou de todas as atividades de formação realizadas pela FASE, e também se dispunha a representar sua comunidade e sindicato, nas reuniões de monitoramento. Em seu relato, Mirian lembra que “Nestas atividades eram trabalhados temas diversos da agricultura familiar, de um jeito que a gente aumentava nossos conhecimentos sobre práticas agroecológicas, e ia logo aplicando nas áreas, podendo perceber o que dava certo, e o que necessitava de mais ajustes e detalhes”.

Mirian foi uma das jovens que mais levou a sério a multiplicação dos novos conhecimentos com outras famílias agricultoras da comunidade.

Perguntada sobre as razões de ter escolhido a modalidade de fruticultura para seu Núcleo Produtivo, Mirian esclarece que “Foram por dois motivos. Primeiro porque aqui na propriedade da gente, se perdiam muitas frutas, e eu queria des-



Mirian vem aproveitando bem os conhecimentos adquiridos e a assessoria técnica recebida, modificando para melhor suas áreas produtivas.

cobrir formas de aproveitar melhor essas frutas. O segundo motivo foi que a gente já tinha um começo, já tinha fruteiras em produção, então era mais interessante aumentar e melhorar nossos pomares do que começar algo totalmente novo e diferente”. Mirian para um pouco para pensar e arremata “E tem também o fato de nossa área ser pequena, então não tinha muito espaço disponível para iniciar outra atividade”.

Os investimentos canalizados junto com a assessoria técnica da FASE resultaram na definição

pela aquisição de maquinários que permitiram a fabricação de polpas congeladas de frutas. Mirian fala que “Recebi sementes de hortaliça, insumos, e hoje produzo polpas diversas, aprendi e faço compostagem com materiais encontrados aqui mesmo na propriedade, vendo e consumo hortaliças que eu sei que são limpas de veneno e sadias”.

Mirian enfatiza que “Tenho agora um pomar de frutas bem diversificado. Apesar da nossa propriedade ser pequena, aprendi aproveitar ao máximo. Com as mudas do projeto tenho cacau, goiaba, manga, cajá, acerola, batata doce, abacaxi,, cajarana, Pau Brasil, açaí, banana da prata da terra, nanica”.

Um aspecto a ser considerado também, é o crescente envolvimento de Mirian com políticas públi-

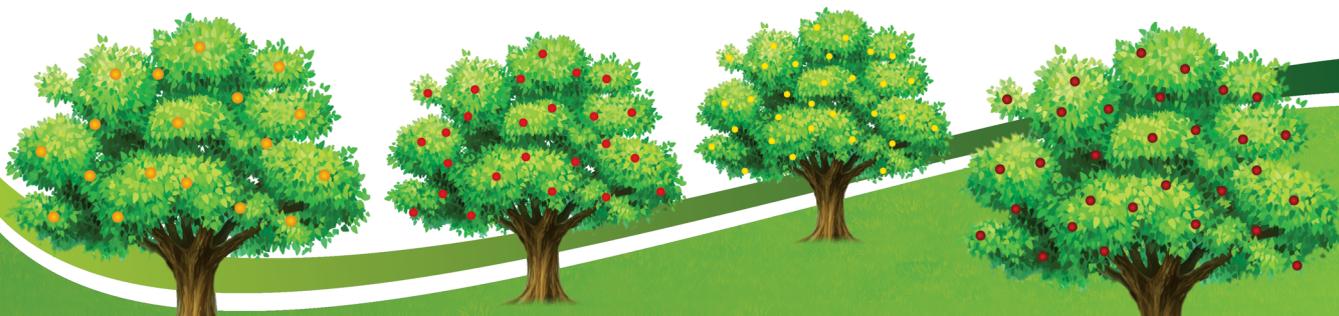
cas, sua integração ao SINTRAF, sua decisão de tirar a DAP, e o acesso ao PAA, com a família. Também fez um Pronaf, tudo isso com assessoria da FASE.

A geração de renda para Mirian passou por evolução. Mirian hoje comercializa em diversos lugares. Como ela mesmo conta “Vendo minhas polpas no PAA em Laje, e para as cidades de Salvador, Santo Antonio de Jesus, e Laje. Também vendo na comunidade, e já estou colhendo resultados com meu mais novo plantio que é de maracujá”.

Finalizando seu depoimento, Mirian afirma “Também teve ganho aqui para a comunidade, na forma assessoria técnica, orientando os agricultores com Dia de Campo, e fortalecimento da associação, para o acesso às políticas públicas”.



Dialogando com a técnica Veronice Souza, da FASE, a jovem Mirian tenta definir encaminhamentos mais adequados á declividade de sua área.



Encontrando alternativas em pouco espaço

Rosicleide Ramos de Souza

Comunidade

Boqueirão

Município

Ubaíra – Bahia - Brasil

Rosicleide ingressa em 2013, contando com apoio do SINTRAF de Ubaíra, e da Associação da comunidade.

Rosicleide reflete sobre sua participação e destaca “Os conhecimentos são o avanço mais considerável que eu vejo. Não apenas o conhecimento sobre meu Núcleo Produtivo, mas também sobre sistemas agroflorestais e horticultura”. Rosicleide lembra que foram nesses dois anos que ela passou a ter maiores informações acerca de políticas públicas “Fiquei conhecendo melhor comercialização e a possibilidade de vender para o PAA e PNAE”.

Rosicleide menciona “Não encontrei dificuldade para comparecer aos eventos de formação, porque tive apoio da família que sempre me estimulou”. Segundo Rosicleide “Na implantação do núcleo produtivo, encontrei dificuldades, pois tanto eu, como minha família não tínhamos experiência com criação de aves. Cheguei a ficar triste com algumas perdas de aves”. Esta situação é confirmada pela assessoria técnica da FASE. Constatado o problema, foram definidos encaminhamentos para sua superação conforme Rosicleide conta “Essas dificuldades no manejo da criação, em saber identificar e fazer prevenção, e controle de doenças, foram trabalhadas nas visitas de assessoria técnica”.

Rosicleide diz que “As visitas técnicas e intercâmbios que trataram da criação de aves me ajudaram a ganhar confiança. Tive condição

de tirar dúvidas e posso dizer que tenho capacidade de criar mais aves.

A definição por avicultura não foi fácil pois, como relembra Rosicleide “Eu sonhava em trabalhar com frutas, porém nossa área é pequena. A pouca terra que temos está toda coberta com cacau”. Rosicleide acrescenta “Então, como tinha gosto e alguma experiência na criação rústica de galinhas, aceitei o desafio de trabalhar com avicultura, de uma forma mais intensiva, utilizando a pouca área que dispunha”.

Rosicleide aprendeu a utilizar o estrume das aves para fazer composto orgânico, e vem melhorando o solo da propriedade. Usa vegetais da propriedade para alimentação verde e formação de ração para as aves, e iniciou a produção de hortaliças para consumo doméstico.

Rosicleide conseguiu gerar renda comercializando aves na própria comunidade, e também em restaurantes do município. O consumo das aves pela família também acontece e gera renda não monetária pois, como diz Rosicleide “Se deixa de gastar dinheiro na compra de outros alimentos”.



Fernando Oiticica, da FASE, realizou visita de coordenação à comunidade do Boqueirão e acompanhou a comercialização de ovos feita por Rosicleide.

Experiência coletiva que avança

Joélia Alves dos Santos

Comunidade

Rio do Braço

Município

Mutuípe – Bahia – Brasil

Esta jovem desenvolve atividades na produção de frutas e integra um grupo produtivo de agroindustrialização que funciona em Rio do Braço, com fabricação de polpas de frutas, sequilhos, temperos, produção de farinha de banana, e de mandioca.

Joélia conta que “Participo das ações educativas da Fase desde 2008, quando fui AMA – Agentes Multiplicadora de ATER. Em 2010 ingressei no projeto de geração de renda para jovens”.

Nesta sua trajetória, Joélia atuou na associação

comunitária, hoje é dirigente do SINTRAF Mutuípe e uma importante liderança na criação e funcionamento da COOPEÍPE que é uma cooperativa que vem dando seus primeiros passos na região.

Durante seu depoimento, Joélia realça “Vejo avanços não apenas na minha atuação no projeto, mas nas mudanças aqui na comunidade, a partir das ações desenvolvidas. Rio do Braço era um lugar isolado do município. A gente aqui não tinha conhecimento do que era política pública, e a partir da organização da comunidade passamos a ter escola, energia elétrica, transporte escolar, estrada, assessoria técnica”.

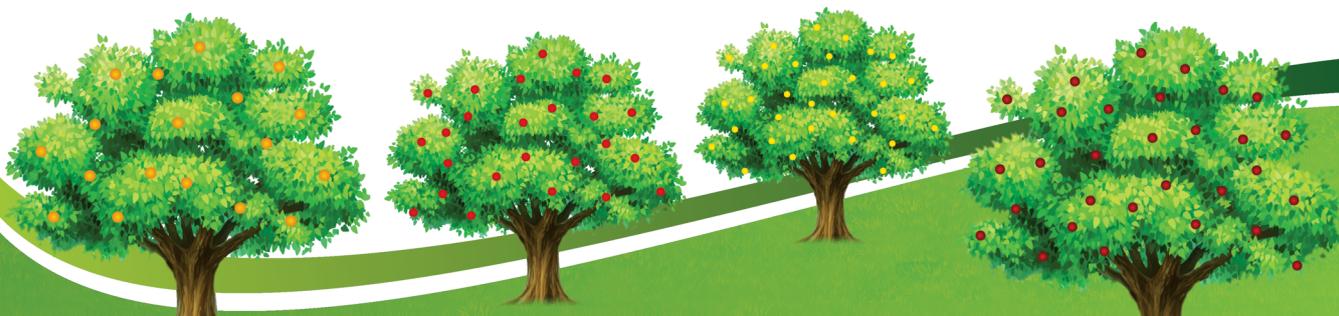
Em termos de fortalecimento da Agricultura Familiar, Joélia assinala “A produção daqui não passava por beneficiamento que agregasse valor, Foi só a partir do trabalho desenvolvido nesse projeto que a comunidade conseguiu equipar uma agroindústria que beneficia muitos produtos da

comunidade, principalmente parte da produção que antes era perdida”. Joélia lembra ainda que “Foi com a assessoria técnica da FASE que conseguimos nos organizar melhor para acessar outros tipos de mercados, e adquirimos conhecimento na produção agroecológica”.

Apesar de já terem conseguido acessar o PAA e o PNAE, o que é importante avanço na comercialização da comunidade, Joélia aponta que “Esse mercado ainda não é suficiente para garantir o comércio regular, e boa



Veículo da FASE, contribuiu no escoamento das mercadorias comercializadas com o PAA. A associação do Rio do Braço está disputando projetos visando obtenção de veículo comunitário para assegurar esta alternativa de comercialização.



parte da produção da comunidade não é comercializada. Essas alternativas precisam ser fortalecidas. Nós temos de nos preparar para vender também para estabelecimentos comerciais maiores”.

Joélia identifica problemas em Rio do Braço “Outra dificuldade importante é o escoamento da produção, pois a comunidade fica a 46 km da sede de Mutuípe, e não temos transporte regular. Por isso já discutimos e definimos como prioridade para nossa associação, comprar um veículo para escoar a produção”.

A escolha do núcleo produtivo de Joélia tem características diferenciadas, pois como ela mesmo conta “Isso foi decidido coletivamente. Nós estávamos pensando em juntar recursos e potencializar as unidades produtivas de cada jovem participante. Depois de muita conversa e discussão, decidimos utilizar metade dos investimentos de cada uma na área produtiva do jovem e sua família, e a outra metade a gente colocou para investir coletivamente na parte de fabricação dos produtos”. Ou seja, investiram juntas na compra de máquinas e equipamentos, assim como na adequação de prédio público já existente na comunidade, onde se implantou a agroindústria comunitária.

Segundo Joélia, “Isso a gente fez no primeiro

ano do projeto, quando foram selecionadas cinco jovens agricultoras, e se manteve na renovação do projeto em 2013, quando foi inserido mais um jovem”.

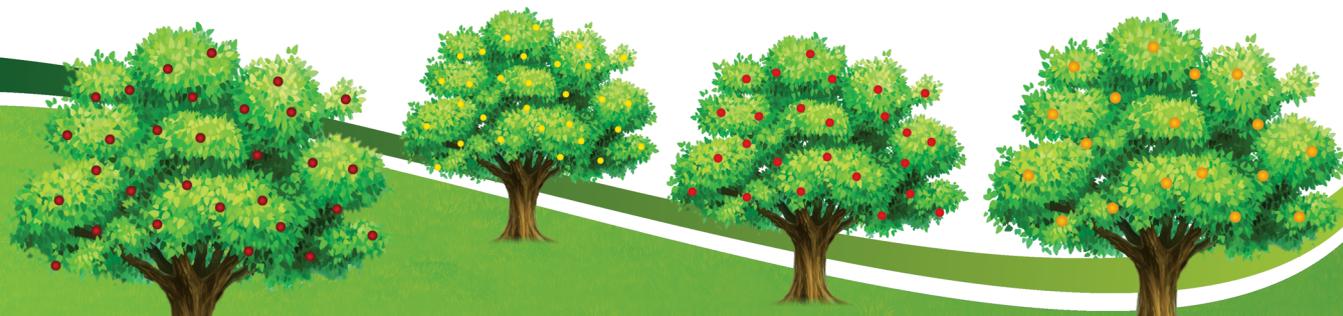
O técnico Nadilton Andrade, responsável pela assessoria da FASE, complementa “A soma dos recursos destinados à utilização coletiva, foram empregados na aquisição de materiais de construção para reforma e adequação do espaço, e também para a aquisição de equipamentos para beneficiamento dos produtos da comunidade, principalmente na produção de polpa de frutas”.

É importante destacar que toda a comunidade foi beneficiada com a implantação e o aperfeiçoamento da agroindústria, principalmente os sócios da Associação que conseguem uma renda que varia entre R\$ 5,00 e R\$ 1.200,00 provenientes principalmente da comercialização com PAA e PNAE.

Joélia enfatiza que “Meus plantios vêm sendo aprimorados com princípios agroecológicos Meu quintal produtivo aos poucos toma forma de Sistema Agroflorestal. Tenho diversificação da produção e a fertilidade do solo melhorou. A horta cultivada passou de produção só para auto consumo, e agora comercializo uma parte”.



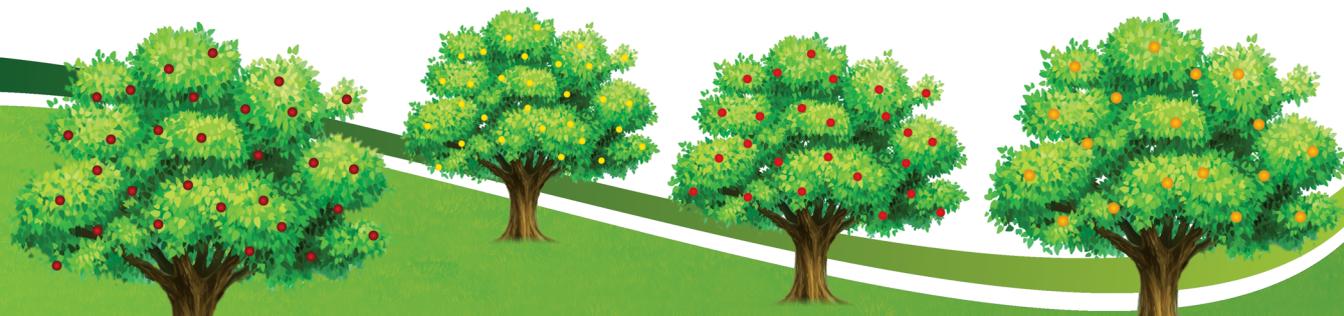
Jovem do Rio do Braço recebe seu cartão do PAA, vendo-se ao fundo Joélia, e o Prefeito de Mutuípe.



RELAÇÃO DE JOVENS PARTICIPANTES E RESPECTIVOS NÚCLEOS PRODUTIVOS

Nº	NOME	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	NÚCLEO PRODUTIVO
1.	Adiane de Sousa Barreto	Mutuipe	Pindoba	Fruticultura
2.	Adileuson de Jesus Santos	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Fruticultura
3.	Adriana Santos Amorim Almeida	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Fruticultura
4.	Adriano de Jesus Santos	Valença	Gervásio	Avicultura
5.	Agnaldo Santos Andrade	Mutuipe	Rio do Braço	Fruticultura
6.	Ailton Esmeraldo Silva dos Santos	Jiquiriçá	Bom Jesus	Fruticultura
7.	Aline Andrade de Souza	Mutuipe	Pindoba	Avicultura
8.	Aline Santana Marques dos Santos	Laje	Riachão	Fruticultura/Avicultura
9.	Aline Santos de Sousa	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Fruticultura
10.	Amilton dos Santos Pereira	Presidente Tancredo Neves	Paó	Suinocultura
11.	Ana Rita Jesus Santos	Ubaira	Boqueirão	Avicultura
12.	Antonia Alves dos Santos	Mutuipe	Andaiá	Fruticultura
13.	Antonia Katia dos Santos Santos	Presidente Tancredo Neves	Paó	Avicultura
14.	Antonia Miranda dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Riachão do Meio	Suinocultura
15.	Antonio Carlos Hungria dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Tabuleiro de Corte de Pedra	Meliponicultura
16.	Antonio de Jesus Santos	Presidente Tancredo Neves	Paó	Suinocultura
17.	Antonio dos Santos Pereira	Presidente Tancredo Neves	Paó	Suinocultura
18.	Antonio Jesus das Virgens	Presidente Tancredo Neves	Piau	Fruticultura
19.	Arisson de Jesus Borges	Presidente Tancredo Neves	Piau	Fruticultura
20.	Balbino de Jesus Santos	Laje	Km 17	Fruticultura
21.	Carlos Antonio dos Santos	Mutuipe	Pindoba	Fruticultura
22.	Carlos dos Santos Sousa	Presidente Tancredo Neves	Tesoura II	Avicultura
23.	Cleudes Alves dos Santos	Mutuipe	Andaiá	Avicultura
24.	Cosme da Hora dos Santos	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Fruticultura
25.	Cosmira Maria dos Santos	Laje	Jacaré	Suinocultura
26.	Cristiane Alves dos Santos	Mutuipe	Pindoba	Fruticultura/Avicultura
27.	Cristiane da Paixão dos Santos	São Miguel das Matas	Riachão	Fruticultura/Avicultura
28.	Damião de Jesus	Valença	Gervásio	Suinocultura
29.	Daniel Santos Moraes	Laje	Pindoba	Fruticultura
30.	Danile de Jesus	Presidente Tancredo Neves	Riachão do Meio	Fruticultura
31.	Ediana Oliveira dos Santos Moraes	Valença	Gervásio	Avicultura
32.	Edilza de Santana Santos	Presidente Tancredo Neves	Tabuleiro de Corte Pedra	Fruticultura
33.	Edne Galvão da Conceição	Jiquiriçá	Riacho Novo	Fruticultura
34.	Eliene de Jesus Santos	Mutuipe	Rio do Braço	Fruticultura
35.	Eliese dos Santos Lima	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Fruticultura
36.	Elineide de Jesus Santos da Cruz	Laje	Riachão	Fruticultura/Avicultura
37.	Elisiane Sampaio Nascimento	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Fruticultura
38.	Elisangela Jesus dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Fruticultura
39.	Elisangela dos Santos Fernandes	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Avicultura
40.	Fernando Andrade dos Santos	Laje	Riachão	Avicultura
41.	Fernando Santana Oliveira	Presidente Tancredo Neves	Riachão do Meio	Avicultura

Nº	NOME	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	NÚCLEO PRODUTIVO
42.	Genival da Conceição Santos	Ubaira	Boqueirão	Fruticultura
43.	Gesiane Muniz de Jesus	Jiquiriçá	Bom Jesus	Fruticultura
44.	Geovan da Silva Santana	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Avicultura
45.	George Santos de Jesus	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Suinocultura
46.	Gilmar Rocha dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Fruticultura
47.	Girlandia Santos Vicente	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Avicultura
48.	Girlane Sousa dos Santos	Mutuipe	Água Branca	Suinocultura
49.	Gleide dos Santos	Laje	Riachão	Avicultura
50.	Ivan Alves Silva	Jiquiriçá	Bom Jesus	Avicultura
51.	Ivan Silva Cruz	Jiquiriçá	Bom Jesus	Avicultura
52.	Jaciara Santos Menezes	Presidente Tancredo Neves	Aviação	Suinocultura
53.	Jailson Ribeiro Valis	Ubaira	Palmeira	Avicultura
54.	Janaídes Lopes Marques	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Avicultura
55.	Jaqueline Rebouças do Carmo	Mutuipe	Pau Seco	Mutuipe
56.	Jaqueline Souza Santos	Jiquiriçá	Riacho Novo	Jiquiriçá
57.	Jeane de Jesus Gonçalves de Oliveira	São Miguel das Matas	Km 17	Laje
58.	João Batista de Jesus Almeida	Laje	Tabuleiro de Corte de Pedra	Presidente Tancredo Neves
59.	Jocelio Moura de Oliveira	Presidente Tancredo Neves	Barra	São Miguel das Matas
60.	Jocilene Conceição de Jesus	Laje	Jacaré	Laje
61.	Jocilene Maria de Souza	Laje	Jacaré	Laje
62.	Joelia Alves dos Santos	Mutuipe	Rio do Braço	Mutuipe
63.	Joelson Cordeiro Oliveira	Valença	Gervásio	Valença
64.	Joilson Menzes da Cruz	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Presidente Tancredo Neves
65.	Jonas de Jesus Santos	Jiquiriçá	Riacho Novo	Jiquiriçá
66.	Jonas Pereira Ferreira	Presidente Tancredo Neves	Tesoura II	Presidente Tancredo Neves
67.	Josciele de Jesus Oliveira	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Mutuipe
68.	Joscilene de Souza Andrade	Mutuipe	Água Branca	Mutuipe
69.	José Domingos dos Santos Junior	Laje	Pindoba	Laje
70.	Josias Almeida de Souza	Presidente Tancredo Neves	Tesoura II	Presidente Tancredo Neves
71.	Josimario Marques dos Santos	Laje	Riachão	Laje
72.	Josivaldo Jesus Santos	Mutuipe	Andaiá	Mutuipe
73.	Jucelia Silva e Jesus	Jiquiriçá	Riacho Novo	Jiquiriçá
74.	Juciara Rocha dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Presidente Tancredo Neves
75.	Lailson Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	São Miguel das Matas
76.	Lais Santos Rangel	Presidente Tancredo Neves	Tabuleiro de Corte de Pedra	Presidente Tancredo Neves
77.	Leandro Henrique da Silva	Jiquiriçá	Riacho Novo	Jiquiriçá
78.	Leandro Santos de Jesus	Laje	Pindoba	Laje
79.	Leidiane de Sousa Oliveira	Mutuipe	Água Branca	Mutuipe
80.	Leila da Silva Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	São Miguel das Matas
81.	Luis Carlos Nunes da Silva	Laje	Riachão	Laje
82.	Luzia Santos Souza	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Avicultura



Nº	NOME	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	NÚCLEO PRODUTIVO
83.	Madson de Sousa Santos	Mutuipe	Pindoba	Avicultura
84.	Marcia Moraes Pereira	Ubaira	Estopa	Sorveteria
85.	Margarida Cruz dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Fruticultura
86.	Maria da Conceição de Jesus Santos	Laje	Tourinho	Fruticultura
87.	Maria de Fatima do Vale Santos	Ubaira	Palmeira	Avicultura
88.	Maria Deline Souza dos Santos	Laje	Rio de Areia	Avicultura
89.	Maria Francisca Machado Pereira	Presidente Tancredo Neves	Riachão do Meio	Suínocultura
90.	Maria Juscilene Jesus dos Santos	Laje	Rio de Areia	Fruticultura
91.	Maria Lucia Pereira dos Santos	Mutuipe	Andaiá	Fruticultura
92.	Mariane de Jesus Santos	São Miguel das Matas	Riachão	Ovinocultura
93.	Marilandia Santos Muniz	Mutuipe	Pau Seco	Agroindustria
94.	Marli Alves dos Santos	Mutuipe	Rio do Braço	Fruticultura
95.	Matilde de Jesus Santos	Mutuipe	Duas Barras do Fojo	Avicultura
96.	Matrisia da Silva Marques	Mutuipe	Andaiá	Fruticultura
97.	Maurisa Almeida os Santos	Presidente Tancredo Neves	Coruja I	Fruticultura
98.	Miriam Santos Gomes Santos	Laje	Borges	Fruticultura
99.	Moacir Santos Gomes	Laje	Borges	Fruticultura
100.	Neilza Pereira de Jesus	Mutuipe	Rio do Braço	Fruticultura
101.	Nilmar Nunes dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Suínocultura
102.	Orlando Santos Sampaio	Laje	Km 17	Fruticultura
103.	Patricia de Jesus Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Suínocultura
104.	Reinaldo Nunes Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Avicultura
105.	Rita de Cassia Santos de Sousa	Presidente Tancredo Neves	Coruja I	Fruticultura
106.	Rodrigo Andrade Galvão	Jiquiriçá	Riacho Novo	Fruticultura
107.	Rodrigo Silva Lima	Laje	Rio de Areia	Fruticultura
108.	Ronaldo de Jesus Santana	Presidente Tancredo Neves	Tabuleiro de Corte de Pedra	Suínocultura
109.	Roque Oliveira de Souza	Presidente Tancredo Neves	Coruja I	Avicultura
110.	Rosangela Coelho dos Santos Pereira	Jiquiriçá	Riacho Novo	Horticultura Irrigada
111.	Rosangela Rodrigues Araujo	Mutuipe	Água Branca	Suínocultura
112.	Rosecleide Ramos de Souza	Ubaira	Boqueirão	Avicultura
113.	Rosenilda Silva Andrade	Mutuipe	Água Branca	Avicultura
114.	Rosenildo dos Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Avicultura
115.	Rosiane Canagira dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Piau	Avicultura
116.	Rosiane de Jesus Santos	Mutuipe	Rio do Braço	Fruticultura
117.	Rosicleia Canagira dos Santos	Presidente Tancredo Neves	Piau	Avicultura
118.	Rosiene Maria Oliveira Santos	Presidente Tancredo Neves	Riachão do Meio	Avicultura
119.	Rozenilda Oliveira Brito	Mutuipe	Pau Seco	Agroindustria
120.	Sandra Amorim da Silva	Mutuipe	Andaiá	Avicultura
121.	Sidmar de Jesus	Valença	Gervásio	Avicultura
122.	Sidney Barreto Santos	Mutuipe	Pindoba	Avicultura
123.	Sirlene Souza Santos	São Miguel das Matas	Riachão	Fruticultura

Nº	NOME	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	NÚCLEO PRODUTIVO
124.	Tais Pereira dos Santos	Valença	Gervásio	Avicultura
125.	Tamalia de Jesus Santos	São Miguel das Matas	Tabuleiro da Santa	Avicultura
126.	Vanusa Santana de Jesus	Laje	Riachão	Avicultura
127.	Vanuza de Jesus Santos	Laje	Barra	Avicultura
128.	Veronica Barbosa de Jesus	Presidente Tancredo Neves	Calumbi I	Suinocultura
129.	Zenilda de Oliveira de Jesus	Presidente Tancredo Neves	Coruja I	Fruticultura
130.	Zezilda Santos de Jesus	Presidente Tancredo Neves	Coruja I	Fruticultura

Realização:

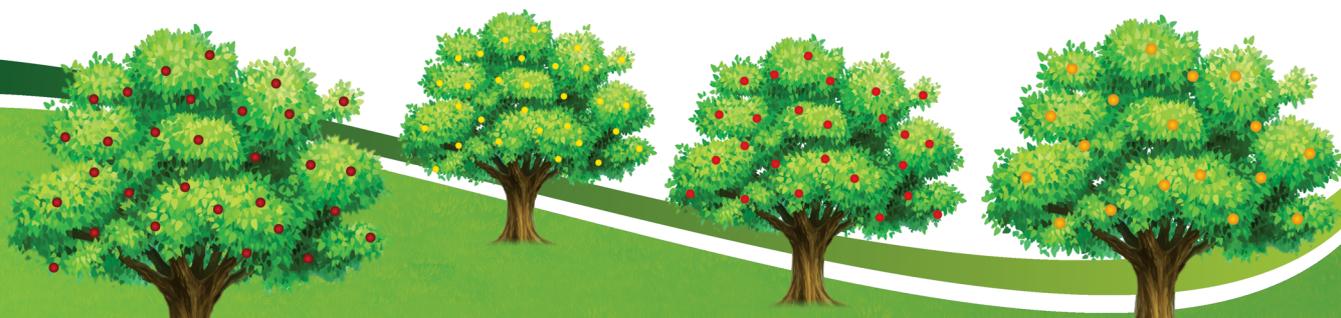


Projeto:



**Jovem gerando renda
na agricultura familiar**

Patrocínio:



Realização:



Projeto:



Jovem gerando renda
na agricultura familiar

Patrocínio:

